



UNIVERSIDADE FERDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA

JUSSARA BARBOSA DA SILVA GOMES

A RASURA DE UMA HISTÓRIA ÚNICA:
ESPAÇO E TRAJETÓRIA DE UMA IMIGRANTE NEGRA EM
AMERICANAH, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

SÃO CARLOS – SP

2026

JUSSARA BARBOSA DA SILVA GOMES

A RASURA DE UMA HISTÓRIA ÚNICA:
ESPAÇO E TRAJETÓRIA DE UMA IMIGRANTE NEGRA
EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos como requisito para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientador(a): Profa. Dra. Camila da Silva Alvarce

SÃO CARLOS – SP

2026

Gomes, Jussara Barbosa da Silva

A Rasura de uma história única: espaço e trajetória de uma imigrante negra em Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie / Jussara Barbosa da Silva Gomes -- 2026. 96f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Camila da Silva Alavarce
Banca Examinadora: Sara Rogéria Santos Barbosa, Jorge Vicente Valentim
Bibliografia

1. Literatura nigeriana. 2. Imigração. 3. Interseccionalidade. I. Gomes, Jussara Barbosa da Silva. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

JUSSARA BARBOSA DA SILVA GOMES

**A RASURA DE UMA HISTÓRIA ÚNICA:
ESPAÇO E TRAJETÓRIA DE UMA IMIGRANTE NEGRA
EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de São Carlos para obtenção do título de Mestra em Estudos de Literatura.

Linha de pesquisa: Literatura, História, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof. Dra. Camila da Silva Alavarce


Data de defesa: 02/03/2026

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

 Documento assinado digitalmente
CAMILA DA SILVA ALAVARCE CAMPOS
Data: 30/04/2026 14:19:31-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dra. Camila da Silva Alavarce (UFSCar)
Orientadora

Dr. Jorge Vicente Valentim (UFSCar)

 Documento assinado digitalmente
SARA ROGERIA SANTOS BARBOSA
Data: 30/04/2026 17:27:15-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dra. Sara Rogéria Santos Barbosa
Membro Externo

Dedico esta pesquisa à minha mãe, mulher do Sertão paraibano e imigrante, dedicada a ser feliz apesar das dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, às deusas que me acompanharam ao longo dessa jornada, e me deram coragem para seguir em frente. À mãe, a mulher mais importante da minha vida, que apesar de não ter tido a oportunidade de estudar, ensinou-me que a educação é a base para nossas conquistas. Aos meus irmãos, Mateus, Pollyanna e Kaik, que sempre acreditaram na minha capacidade, e têm-me como referência. Ao meu companheiro de vida, Argenildo, que sempre segurou minha mão nos momentos difíceis, dentro e fora da Universidade. Ao meu cunhado e amigo, Tiago, por sempre deixar meus dias mais felizes. Às minhas amigas, Viviane e Mel, mulheres nordestinas e imigrantes como eu, sempre prontas a me acolher. Agradeço à professora Camila Alvarce, pelo acolhimento, numa jornada difícil durante a escrita desse trabalho. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por ter possibilitado essa jornada na universidade. Por fim, mas não menos importante, agradeço à banca pelas considerações, que foram muito importantes para a escrita final deste trabalho.

Todas essas histórias me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.

Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 10)

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 32)

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o romance *Americanah*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A narrativa acontece em torno de um jovem casal de nigerianos, Ifemelu e Obinze. Após concluir o ensino médio, ambos se veem impossibilitados de cursar o ensino superior na Nigéria. Com isso, decidem ir embora do país, tendo como destinos, respectivamente, Estados Unidos e Inglaterra. No entanto, esta pesquisa irá se debruçar somente sobre Ifemelu. Pretende-se compreender a relação entre a personagem, uma mulher negra e imigrante, com os espaços apresentados na obra, considerando-se o contexto sociocultural estadunidense. Ademais, objetiva-se apreender os conflitos enfrentados por Ifemelu, perpassados pelo racismo, pelo sexismo e pela xenofobia, opressões estas atuantes na marginalização, sobretudo a partir da linguagem e do seu cabelo, elementos centrais na sua marcação identitária. A pesquisa é de cunho bibliográfico, sendo que, na análise, tomamos como fundamentais as contribuições de teóricas e teóricos da crítica literária, a exemplo de Mata (2014, 2020, 2023), Leite (2003) Achebe (2012), Candido (2006), Souza (2021), Morrison (2019), Seligmann-Silva (2018), Pereira (2023) e Gomes (2008), bem como de intelectuais ligados aos chamados Estudos Culturais, dentre eles Bhabha (1998, 2011), Hall (1997, 2003, 2016), Mignolo (2017), e Said (2011). A respeito da interseccionalidade, conceito que nos permitirá compreender de que forma as opressões operam conjuntamente nas violências que atingem a personagem Ifemelu na sociedade estadunidense, iremos nos debruçar sobre Gonzalez (2020), Collins (2019), hooks (2019, 2021), Davis (2016), Alzandúa (2000, 2005), Oyěwùmí (2021), Akotirene (2019), Berth (2020), Nascimento (2022) e Gomes (2019). Somado a esses teóricos e teóricas, serão importantes para este trabalho Fanon (2008, 2022), Munanga (2008, 2020), Mbembe (2018), Césaire (2010) e Santos (2015, 2023), estudiosos fundamentais para a compreensão da segregação espacial e das violências que perpassam os corpos negros desde o processo de colonização até a contemporaneidade. Também conduzirá este trabalho a noção de perigo de uma história única (Adichie, 2019), porquanto ela nos permitirá desconstruir o eurocentrismo em torno das questões levantadas ao longo do trabalho. Pretende-se, portanto, evidenciar como a literatura produzida por Chimamanda Ngozi Adichie rasura as histórias únicas acerca de determinados corpos e evidencia modos outros de estar no mundo.

Palavras-chave: Literatura nigeriana. Imigração. Interseccionalidade. História única. Chimamanda Ngozi Adichie.

ABSTRACT

This work aims to analyze the novel *Americanah*, by Nigerian author Chimamanda Ngozi Adichie. The narrative revolves around a young Nigerian couple, Ifemelu and Obinze. After completing high school, both find themselves unable to pursue higher education in Nigeria. Therefore, they decide to leave the country, their destinations being the United States and England, respectively. However, this research will focus solely on Ifemelu. The intention is to understand the relationship between the character, a Black immigrant woman, and the spaces presented in the work, considering the American sociocultural context. Furthermore, it aims to objectively apprehend the conflicts faced by Ifemelu, permeated by racism, sexism, and xenophobia; these oppressions are active in marginalization, especially through language and her hair, central elements in her identity. This research is bibliographic in nature, and in the analysis, we take as fundamental the contributions of theorists of literary criticism, such as Mata (2014, 2020, 2023), Leite (2003), Achebe (2012), Candido (2006), Souza (2021), Morrison (2019), Seligmann-Silva (2018), Pereira (2023) and Gomes (2008), as well as intellectuals linked to the so-called Cultural Studies, among them Bhabha (1998, 2011), Hall (1997, 2003, 2016), Mignolo (2017), and Said (2011). Regarding intersectionality, a concept that will allow us to understand how oppressions operate together in the violence that affects the character Ifemelu in American society, we will focus on Gonzalez (2020), Collins (2019), hooks (2019, 2021), Davis (2016), Alzandúa (2000, 2005), Oyěwùmí (2021), Akotirene (2019), Berth (2020), Nascimento (2022) and Gomes (2019). In addition to these theorists, Fanon (2008, 2022), Munanga (2020, 2008), Mbembe (2018), Césaire (2010) and Santos (2015, 2023) will be important for this work, as their studies are fundamental to understanding spatial segregation and the violence that has permeated Black bodies from the colonization process to the present day. This work will also be guided by the notion of the danger of a single story (Adichie, 2019), as it will allow us to deconstruct eurocentrism surrounding the issues raised throughout the work. Therefore, the aim is to highlight how the literature produced by Chimamanda Ngozi Adichie erases the single narratives about certain bodies and reveals other ways of being in the world.

Keywords: Nigerian literature. Immigration. Intersectionality. Single story. Chimamanda Ngozi Adichie.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CORPOS MIGRANTES: SOBRE OS PORQUÊS DE IFEMELU, QUE SÃO TAMBÉM OS MEUS | 9 |
| 1 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: A ESCRITORA QUE RASURA AS HISTÓRIAS ÚNICAS..... | 19 |
| 2 O IMPERIALISMO DOS ESTADOS UNIDOS SOBRE A NIGÉRIA: AS FERIDAS ABERTAS PELA COLONIZAÇÃO | 34 |
| 3 CORPO E ESPAÇO: A MARCAÇÃO DA MARGINALIZAÇÃO DE UMA IMIGRANTE EM <i>AMERICANAH</i>..... | 49 |
| 3.1 LINGUAGEM, XENOFOBIA E (NÃO) PERTENCIMENTO: A MARCAÇÃO DA MARGINALIZAÇÃO DE UMA IMIGRANTE NIGERIANA..... | 72 |
| 3.2 CABELO CRESPO: ENTRE A MARGINALIZAÇÃO E A REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA-NIGERIANA | 80 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 87 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 91 |

CORPOS MIGRANTES: SOBRE OS PORQUÊS DE IFEMELU, QUE SÃO TAMBÉM OS MEUS

Peço licença, neste primeiro momento da introdução, para compartilhar com todas e todos um breve relato a respeito dos motivos que me levaram a debruçar-se sobre *Americanah*, romance escrito por Chimamanda Ngozi Adichie, e, em especial, sua protagonista Ifemelu. Penso que, em cada lugar, dentro e fora da literatura, existem muitas “Ifemelus”.

Em algum momento da vida deslumbramos algo, especialmente quando coisas nos são negadas. Desde que tomei consciência dessa negação, busquei sempre olhar para o futuro como uma possibilidade. Sempre falam que o presente é que deve ser vivido; mas como viver o presente plenamente quando o agora é atravessado de faltas? Nesse caso, só nos resta esperar por melhorias no futuro. Esse meu futuro foi marcado pela ideia de que, fora do meu espaço de origem, as possibilidades iriam aflorar. Pode soar como clichê, mas, sim, parecia que eu poderia ser mais feliz. Recordo-me de um certo momento quando mãe e meu padrasto falaram em morar em Petrolina, município do sertão pernambucano atravessado pelo rio São Francisco, atualmente um dos maiores exportadores de frutas do Brasil. Isso me encheu os olhos. Às beiradas do Velho Chico nós teríamos mais prosperidade. Hoje, após ter lido autores indígenas e enfim entender o modo de viver dos povos originários, penso que estava correta em relacionar o rio à felicidade.

Lembro daquele mesmo sentimento que me envolveu, das frutas que poderia comer em abundância, sobretudo manga e uva. Na verdade, as frutas já haviam movimentado minha vida muito antes, quando minha mãe veio a São Paulo para a colheita da laranja, maneira concebida por ela para poder nos sustentar, ainda nos anos 2000. A viagem para Petrolina não chegou a se concretizar, pois o destino novamente me empurraria para São Paulo. É na minha volta para esse estado, agora adulta e consciente, com entendimento do que é ser imigrante, que minha vida se cruza com a de Ifemelu, também (i)migrante, mas que difere de mim porquanto ser uma figura feminina nigeriana. Quando observamos a distância, as culturas e as diferenças linguísticas, é possível entender que o meu corpo, o de uma mulher nordestina, se cruza com as histórias de uma personagem nigeriana que migra para os Estados Unidos. Por essa razão, podemos afirmar, segundo Mata (2014, p. 31), que *Americanah* possibilita analisar a partir de

[...] outras epistemologias, do Sul, por exemplo – diferentes dos ‘clássicos’ na análise cultural e literária. Decorre desta reflexão a consideração de que porventura a mais importante mudança a assinalar é a atenção à análise das relações de poder, nas diversas áreas da atividade social caracterizada pela diferença: étnica, de raça, de classe, de gênero, de orientação sexual...

No entanto, ao longo do desenvolvimento desta dissertação, ao me debruçar sobre Ifemelu e os espaços nos quais ela viveu nos Estados Unidos, percebi que nossas histórias, de modos distintos, são muito mais comuns do que aparentam. De início, os motivos que nos levaram a buscar lugares outros, esses lugares de que todo mundo fala bem e onde nada de ruim acontece: eu, rumo a São Paulo; Ifemelu rumo aos Estados Unidos, posto na narrativa como a nação dos sonhos.

Digamos que a história única cumpriu seu papel, uma vez que fez de São Paulo o destino perfeito para nordestinas e nordestinos, do mesmo modo que fez dos Estados Unidos uma terra quase milagrosa, na qual a vida de qualquer pessoa poderia vir a ser modificada – sempre para melhor, claro. Como versaremos no terceiro capítulo, o espaço também se apresenta como importante na relação com os nossos corpos e, sobretudo, na marcação de nossa marginalização. É nesse momento que eu adentro no romance, e, tal como uma personagem da obra, entendo e visualizo os espaços construídos por Adichie (2014) em *Americanah*.

Nesses espaços, por vezes tentamos nos diferenciar pelo nível de escolaridade; todavia, igualmente a qualquer outra imigrante, assim como minha mãe, faxineira, estamos em busca do mesmo objetivo: sobreviver e conquistar aquilo que disseram ser importante nas sociedades pós-coloniais. Tal como Ifemelu, também estranhei o bairro, as casas, a forma amontoada que as pessoas vivem nos bairros periféricos. Utilizo as palavras de Santos (2023) quando este diz que as cidades são estruturas colonialistas. Há povos vivendo a duras penas nesse território colonialista. Sob essa ótica, esse território (colonialista) decide em quais condições cada sujeito deve viver.

Nessa busca também dividimos as mesmas angústias e os mesmos desafios por não pertencermos a tais lugares, uma vez que somos formados por identidades que destoam, ou melhor, que desequilibram a cultura hegemônica. Nesses espaços para onde migramos, a ambiguidade é tão latente que, ao mesmo tempo em que somos diferentes, somos vistos como iguais. Eu, mulher paraibana, sou ao mesmo tempo pernambucana, baiana, “do Norte”. Na geografia estudada pelo povo do Sudeste, o Nordeste não faz jus ao seu tamanho, nem às suas diferenças culturais – diferenças aqui não como desigualdade, mas como particularidades a serem respeitadas. A respeito disso, Hall (2016, p. 160) nos lembra o seguinte:

A ‘diferença’ é *ambivalente*. Ela pode ser tanto positiva quanto negativa. Por um lado, é necessária para a produção de significados, para a formação da língua e da cultura, para as identidades sociais e para a percepção subjetiva de si mesmo como um sujeito sexuado. Por outro, é, ao mesmo tempo, ameaçadora, um local de perigo, de sentimentos negativos, de divisões, de hostilidades e agressão dirigidas ao ‘Outro’.

Do mesmo modo se encontra a personagem Ifemelu, que, diante dos espaços construídos no romance, é apenas africana. Sob tais construções eurocêntricas, isso não apenas reduz a diversidade identitária do continente africano, como se mostra, também, um poço repleto de estigmas e estereótipos; significa dizer, assim, que ela é marcada pela diferença no contexto da sociedade estadunidense.

É dessa forma que, historicamente, corpos como o meu e como aquele representado em *Americanah* foram postos de lado. Face esse pensamento machista, racista e xenofóbico, trata-se de somente mais uma nordestina com sotaque engraçado que deixou o Nordeste para sobreviver. Do mesmo modo, Ifemelu, uma imigrante que tem sua fluência em língua inglesa negada, apesar dos séculos de colonização britânica em seu país, que fizeram dela uma falante da língua de Shakespeare. Diante disso, é possível compreender, em termos narrativos, uma das experiências xenofóbicas enfrentadas por Ifemelu, temática a ser aprofundada mais adiante:

‘Eu falo inglês’, disse Ifemelu. ‘Aposto que fala’, disse Cristina Tomas. ‘Só não sei se fala *bem*.’ Ifemelu se encolheu. Naquele segundo de silêncio difícil em que ficou olhando os olhos de Cristina Tomas antes de pegar os formulários, ela se encolheu. Com uma folha seca. Falava inglês desde pequena, fora capitã da equipe de debate no ensino médio e sempre achara a pronúncia anasalada dos americanos um pouco rudimentar (Adichie, 2014, p. 147).

A xenofobia também é transfigurada de elogio. Por vezes ouvi que não tinha aparência de nordestina, ou seja, não tenho a cara nem me comporto como as personagens das novelas exibidas na TV. Ou, ainda, tratando da personagem Ifemelu, observamos o momento em que Laura, a irmã de sua empregadora, elogia os nigerianos. No entanto, veremos que elogiar esse grupo, naquele contexto da narrativa, revela o desprezo e o desconhecimento sobre seus conterrâneos:

Eu a levei no médico para ver se a infecção no ouvido tinha sarado mesmo, e ela está uma ferinha o dia todo. Ah, e conheci um nigeriano encantador hoje. Quando chegamos lá, descobrimos que havia um médico novo no consultório, nigeriano, e ele veio nos cumprimentar. Ele me fez lembrar de você, Ifemelu. Eu li na internet que os nigerianos são o grupo de imigrantes que têm o mais alto nível de educação neste país. É claro que isso não se refere aos milhões que vivem com menos de um dólar por dia em seu país [...] (Adichie, 2014, p. 183).

Para o paulista e o estadunidense, existe o mesmo incômodo: a não possibilidade de que ocupemos profissões que tenham um maior nível de escolaridade. Conforme a xenofobia internalizada por esses sujeitos, é como se fôssemos naturalmente criados para servi-los. Mas, em meio às negações desses espaços, existe um Nordeste e uma Nigéria que se afastam do imaginário da pobreza e da seca, das praias paradisíacas e dos safáris. Na maioria das vezes,

não estão tomando banho de mar, conhecendo os principais pontos turísticos; estão, na verdade, servindo a branquitude para sobreviver, vendendo amendoim, queijo, milho etc.

A meritocracia irá dizer que tudo está funcionando perfeitamente bem, cada um no seu lugar, para que o sistema siga seu curso. Algo a mais conecta minha vivência à da protagonista de *Americanah*: a forma como dispomos desse espaço, uma vez que estamos atentas às problemáticas que nos rodeiam. Tenho plena consciência de que a ficção não deve ser interpretada como realidade, e essa não é a pretensão deste trabalho. Ao contrário, quero apontar que a ficção construída por Adichie permitiu-me, como mestrandia em Estudos de Literatura, olhar para Ifemelu e os espaços figurados no romance de modo a compreender que sou apenas um pequeno recorte de tantas outras imigrantes mundo afora que podem compartilhar sua história outra.

Esse momento de escrita coincidiu com o triste aumento de feminicídios no Brasil, violência que reflete as desigualdades de gênero, raça e classe. São mulheres, muitas imigrantes, que tiveram suas vidas ceifadas. Violência que presenciei de perto sendo praticada contra minha mãe, que, para não fazer parte das estatísticas, necessitou rearranjar a vida, novamente em São Paulo. Por isso, é importante esse espaço que ocupo na universidade pública, privilegiado para dar luz a questões tão caras para a sociedade e, portanto, para a literatura: “[...] um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado.” (Evaristo, 2020, p. 30)

Antes mesmo de conhecer o termo imigrante, sou uma andarilha, apesar de ter vivenciado andanças involuntárias. Desde o sítio até às cidades do Sertão nordestino, e, posteriormente, até São Paulo, foram muitos espaços. Essas muitas moradas trouxeram-me também um vazio. Não tenho um ponto fixo para retornar caso tudo dê errado. Mas, ao mesmo tempo, para o bem ou o mal, transformei o desapego em ferramenta de coragem para correr atrás de coisas que chamamos de sonhos – não à toa fui parar na dita Terra da Garoa: “O que confirma a instabilidade de seu lugar na linha do devir.” (Porto, 2012, p. 123)

Já a personagem Ifemelu tem um lugar fixo, aquele ao qual ela pode retornar. Quanto a isso nos diferenciamos. Por outro lado, uma vez que o corpo já foi atravessado por diferentes experiências e, conseqüentemente, suas identidades modificadas, assim como abordarei ao falar do (não) pertencimento, esse espaço nunca será o mesmo. Isso significa que nós, mulheres reais, personagens migrantes, somos marcadas pela movência.

Para darmos continuidade às discussões ao longo desta pesquisa, é preciso compreender que África é um continente distinto daquilo apresentado nos livros de história, na literatura e na mídia. Trata-se de um lugar onde já havia sociedades formadas por diferentes grupos étnicos,

os quais prosperaram economicamente e com respeito às suas crenças, línguas e cosmologias. Na região denominada de Nigéria existiu o reino de Benin, que já realizava trocas comerciais com outros reinos dentro do próprio continente africano. Isso contraria a história única sobre a África e, notadamente, a Nigéria – um lugar desarticulado, pobre e sem cultura. Desta forma, essa história única se configura como herança da colonização; como exemplo disso, a utilização do termo “descobrimto” para nomear a invasão e a exploração das terras colonizadas pelos europeus. Isso significou a construção de discursos, ou seja, histórias únicas, que, por um lado, favoreceram os exploradores e, por outro, depreciaram as comunidades originárias, populações africanas e tantos outros povos ao redor do globo.

As explorações no continente africano, a exemplo da Nigéria, iniciaram-se com os colonizadores portugueses no fim do século XV, que tiveram como principal objetivo roubar as riquezas naturais pertencentes aos povos instalados ali há séculos e, posteriormente, sequestrar seus indivíduos para outros espaços, principalmente as terras hoje nomeadas como Américas. Esse rapto teve como propósito a exploração da mão de obra de mulheres e homens africanos para o enriquecimento de Portugal. Com a disputa entre outros países europeus em busca de explorar as terras que compreendem África, a Inglaterra, no final do século XIX, se estabeleceu como “senhora” majoritária daquele lugar, incluindo-se aí a Nigéria.

Nesse período, o sequestro de homens e mulheres nigerianas e de outras partes do continente africano foi proibido, fazendo com que a Coroa inglesa instaurasse outro modo de exploração, o colonialismo, sistema esse que atinge o povo local até os dias atuais. O primeiro passo para colocá-lo em prática foi a junção de todos os povos que viviam na região, ignorando-se, de maneira proposital, os reinos outrora constituídos, como Benin. Como resultado, centenas de etnias, línguas, religiões e cosmologias foram reunidas num mesmo território, causando, assim, o apagamento de suas diferenças. Com isso, os ingleses deram continuidade ao projeto não somente de exploração, mas de apagamento daqueles povos iniciado pelos portugueses.

Para além disso, o colonialismo se instaurou a partir de diferentes mecanismos, desde a imposição da cultura, língua e religião aos sujeitos explorados até a construção de um discurso que projetou os colonialistas como salvadores, homens de Deus, dispostos a salvar aquele povo. Sob esse contexto, a Nigéria viveu como colônia da Inglaterra até a década de 1960. Após a sua independência, que, diga-se de passagem, não foi um ato benevolência por parte da Coroa britânica, a Nigéria herdou problemas políticos, econômicos e culturais. À época, a configuração do mundo era outra, tendo os Estados Unidos da América assumido o papel de grande potência mundial, poder este exercido de mãos dadas, sobretudo, entre o capitalismo e

o imperialismo. Significa isso que, especialmente através do vínculo da língua inglesa, a Nigéria passou a ser atingida pelo imperialismo estadunidense.

Nesse caso, diferente da história única sobre a Nigéria, o imperialismo construiu uma história única sobre os Estados Unidos, a qual tornou este país um sinônimo de democracia e prosperidade, onde todas e todos poderiam sonhar com uma vida melhor. Assim como os colonizadores se apropriaram da literatura para disseminar uma visão única a respeito dos sujeitos colonizados, ou, ainda, se colocarem no centro do poder, os Estados Unidos também adentraram na Nigéria não somente por meio da literatura, mas, também, da cultura de massa.

À luz desse debate, torna-se importante este trabalho, uma vez que ele se debruçará sobre a obra *Americanah*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. O romance foi publicado em 2013 nos Estados Unidos, sendo lançado no Brasil pela Companhia das Letras, em 2014. A narrativa se passa na década de 1990, em torno de Ifemelu e Obinze, um jovem casal de namorados nigerianos. Ambos estão finalizando o ensino médio e, logo em seguida, prestam o vestibular para entrar no ensino superior. Todavia, nesse mesmo período, a Nigéria enfrenta uma ditadura militar, o que faz com que o país sofra com uma instabilidade política e financeira que acaba por atingir o funcionamento das universidades.

A solução encontrada pelos jovens é a migração para outros países, dentre os quais estão os Estados Unidos e a Inglaterra. Durante a narrativa é possível identificar o amor sentido por Obinze em relação aos Estados Unidos, enquanto Ifemelu parece ser indiferente ao país. A personagem tem acesso ao *american way of life* através do consumo da literatura, de revistas e da mídia. A partir disso e por influência de seu namorado, ela começa a vislumbrar os Estados Unidos. Apesar da paixão de Obinze por aquele país, ele acaba indo para a Inglaterra; por sua vez, Ifemelu presta vestibular para as universidades estadunidenses e acaba indo para lá. De início, Ifemelu vive com sua tia Uju e seu primo Dike, no Brooklyn, bairro de New York. Em seguida, segue para a Filadélfia, cidade mais próxima ao campus da universidade onde estuda. É diante desses trânsitos entre tais espaços que o(a) leitor(a) acompanha os conflitos vividos pela personagem, os quais buscaremos apresentar ao longo desta pesquisa.

Este trabalho objetiva analisar a personagem Ifemelu a partir de sua trajetória como mulher nigeriana e imigrante em espaços específicos dos Estados Unidos: o bairro nova-iorquino do Brooklyn e as cidades da Filadélfia e Baltimore. Apesar da existência de outras cidades na obra, entendemos tais espaços como cruciais na construção da personagem. São neles em que ela enfrentará conflitos que perpassam suas identidades de mulher nigeriana, imigrante e negra, derivados do fato de a instauração de um sistema racista nos países outrora colonizados, fora de África, fazer da mulher negra um sujeito marginalizado diante das

construções racistas e sexistas. Somado a isso, a personagem é imigrante, portanto, um corpo atravessado pelas diferenças geográficas e culturais. Os Estados-nação, a exemplo dos Estados Unidos, foram construídos a partir da ideia de identidade nacional. Nesse caso específico, somente o povo reconhecido como pertencente àquele lugar, isto é, homens e mulheres descendentes de ingleses – em outras palavras, os sujeitos brancos, descendentes dos colonizadores.

Ademais, ao se colocar como a nação mais importante do sistema imperialista-capitalista, os Estados Unidos definiram outros países como lugares menores, como, por exemplo, os que compartilham a cultura latina, o Caribe e as nações negras de África. Ou seja, além do fato de ser reconhecida como mulher negra naquele país, ela carrega consigo a identidade imigrante, que, ali, a caracteriza como um ser ainda mais inferior, não pertencente àquela nação. Devido aos padrões eurocêntricos construídos na sociedade estadunidense, observaremos, ainda, que as opressões são perpassadas por meio da linguagem e do cabelo, marcadores identitários da personagem. Desta forma, a construção do espaço é ponto importante de análise da personagem Ifemelu, tendo em vista os fatores sócio-históricos e culturais que formaram os Estados Unidos.

Sua caminhada durante a narrativa é impelida constantemente por esse lugar. Ou, melhor ainda, por uma zona de não-ser, conceito desenvolvido por Fanon (2008), que compreende a não aceitação desses sujeitos pela cultura hegemônica. Parafrazeando o autor, essa zona do não-ser é uma região extraordinariamente estéril e árida, isto é, onde a maioria dos negros tem a sua humanidade negada. No entanto, veremos que, apesar das negativas e invalidação do seu corpo, a personagem se faz presente e ocupa esses espaços com sua língua cheia de sotaque, cultura e vivências outras.

Acrescente-se à importância desta dissertação o fato de ela dar relevância a uma personagem que se diferencia de outras personagens africanas historicamente presentes nas literaturas canônicas, sempre sob o olhar estereotipado, o olhar de uma narrativa única. Ifemelu se inscreve como personagem que contraria o sistema euro-estadunidense, porquanto questiona e enfrenta as amarras racistas, sexistas e xenofóbicas, não somente dos Estados Unidos, mas da cultura eurocêntrica. Desse modo, a personagem busca também ocupar o que Bhabha (1998) chamou de “entre-lugar”, ou ainda, “terceiro espaço”. Nele não somente acontece a resistência; trata-se, sobretudo, de um espaço para a negociação dessas identidades outras carregadas pela personagem. Ela é a rasura desse sistema colonialista-imperialista.

Para que cheguemos nesse objetivo, a metodologia deste trabalho dar-se-á a partir da articulação entre teóricas e teóricos que apresentam um ponto de vista pautado por conceitos e

teorias capazes de nos ajudar a compreender a construção de *Americanah*. Por se tratar de uma obra literária nigeriana, é de suma importância acentuar que há questões importantes que atravessam tanto o espaço quanto as personagens. É por meio da relação entre os espaços e a personagem que a narrativa evoca sua complexidade. Por essa razão, não existe uma linearidade na narrativa. A personagem apresenta distintos posicionamentos a depender do espaço que esteja ocupando. Essa característica marca os modos de sobrevivência de Ifemelu diante das exclusões e violências que marcaram sua trajetória nos Estados Unidos. Para o desenvolvimento deste trabalho, as teorias da crítica literária com base em Mata (2014, 2020, 2023), Leite (2003) Achebe (2012), Candido (2006), Souza (2021), Morrison (2019), Seligmann-Silva (2018), Pereira (2023) e Gomes (2008) serão basilares para compreendermos a construção literária em *Americanah*, sobretudo no que tange aos espaços e à personagem.

Além disso, autoras e autores dos Estudos Culturais como Bhabha (1998, 2011), Hall (1997, 2003, 2016), Mignolo (2017), Munanga (2020, 2008) Césaire (2010) e Said (2011) permitirão que tecamos uma discussão em torno da relação entre os aspectos culturais apresentados na narrativa e as relações de poder.

Somado a isto, também nos debruçamos sobre o conceito de *o perigo da história única*, cunhado por Chimamanda Ngozi Adichie, no intuito de desconstruirmos a visão eurocêntrica acerca de determinados corpos e espaços. A história única não somente narrou um ponto de vista estereotipado, como, da mesma forma, também glorificou outros sujeitos e culturas, a exemplo dos países do Norte Global. Diante desse cenário, recorreremos ao conceito de interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica, objetivando investigar de que forma as opressões de raça, gênero e xenofobia operam juntas na reprodução de violências contra a protagonista, sobretudo na marcação de sua marginalização nas cidades e nos bairros em que viveu nos Estados Unidos. Essa discussão será orientada pelos trabalhos de Gonzalez (2020), Collins (2019), hooks (2019, 2021), Davis (2016), Alzandúa (2000, 2005), Oyèwùmí (2021), Akotirene (2019), Berth (2020), Nascimento (2022) e Gomes (2019). Junto a estes teóricos e teóricas, também evocaremos Fanon (2008, 2022), Mbembe (2018), Santos (2015, 2023) e Grosfoguel e Maldonado-Torres (2008), estudiosos cruciais para a compreensão da segregação racial do espaço e das violências que atingem, historicamente, os corpos negros e imigrantes desde o início da colonização.

Face o exposto, este trabalho será dividido em três capítulos e seus respectivos subcapítulos. O primeiro, intitulado “Chimamanda Ngozi Adichie: a escritora que rasura as histórias únicas”, será dedicado à trajetória da autora no que concerne à sua formação como escritora e sua posição no cenário literário enquanto autora de obras nigerianas. Além do mais,

neste capítulo aludiremos ao fato de sua escrita destoar da literatura canônica, já que suas narrativas rasuram histórias únicas não somente sobre seu povo, mas apontam, também, para as construções imperialistas estadunidenses. Consideramos que essa literatura produzida por Adichie se encontra no plano do contracolonial, termo utilizado pelo escritor quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023) para se referir aos modos de resistência contra o sistema colonialista a partir da linguagem. Isto é, a autora utiliza uma linguagem que rasura as escritas que se estabeleceram, historicamente, como superiores – discursos eurocêntricos.

No segundo capítulo, “O imperialismo dos Estados Unidos sobre a Nigéria: feridas abertas pela colonização”, esmiuçaremos o imperialismo estadunidense frente outras nações, especialmente a Nigéria, o que faz com que homens e mulheres sejam influenciados diretamente pela cultura daquele país, levando-os a aspirar uma vida melhor vivendo nele. Ainda, tomaremos como importante um retorno à Nigéria anterior ao processo de colonização, trazendo para o centro da discussão a sua formação social, política e cultural. Com isso, pretendemos desconstruir os discursos estereotipados e reducionistas acerca do lugar, por meio de uma discussão sobre os efeitos da colonização na Nigéria e como tal processo se configurou não apenas por intermédio de mazelas políticas, étnicas e econômicas, mas, também, instituindo o sistema colonialista desde a invasão britânica até a década de 1960.

Já no terceiro capítulo, “Corpo e espaço: a marcação da marginalização de uma imigrante em *Americanah*”, tomamos como foco a relação entre os espaços e a marginalização da personagem no romance, o modo como Ifemelu é levada a viver em determinados bairros e cidades periféricas, espaços estes determinados, sobretudo, pelas marcações de raça e xenofobia. Características acentuadas na narrativa, não somente pela personagem e pelos espaços em que transitou, mas por outros elementos e personagens que nos ajudam a compreender a formação socioespacial dos Estados Unidos em *Americanah*. Além disso, verificaremos como essa relação desencadeia os conflitos que atravessam as identidades da personagem nesses espaços, sendo ela nigeriana e imigrante. No subcapítulo 3.1, intitulado “Linguagem, xenofobia e (não) pertencimento: a linguagem e a marcação da marginalização de uma imigrante nigeriana”, aprofundamos o debate em torno da linguagem como uma das características identitárias da personagem. Deste modo, buscamos compreender se sua linguagem incide ou não num possível pertencimento dela em relação a esse espaço. Uma vez que a língua se mostra como um dispositivo da linguagem e, conseqüentemente, sendo marcada por características como o sotaque, buscaremos entender de que forma essa característica identitária marca a marginalização de Ifemelu.

Já no subcapítulo 3.2, “Cabelo crespo: entre a marginalização e a reafirmação da identidade negra-nigeriana”, investigaremos como a negritude de Ifemelu se torna um fator central na reprodução das violências sofridas por ela, algo que não fazia parte da sua identidade em seu país natal. Para isso, o seu cabelo crespo será tido como o principal elemento marcador dessa marginalização. Para se adequar aos padrões da branquitude e conseguir emprego, Ifemelu é levada a alisar seu cabelo, ação que causou violências físicas no seu couro cabeludo e, também, violência psicológica, já que sua autoestima foi atingida a ponto de levá-la a se resguardar em casa. Sob outra perspectiva, achamos importante retomar o cabelo crespo como reafirmação da identidade e ancestralidade africana da personagem, processo importante também na autoestima de mulheres africanas como ela.

1 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: A ESCRITORA QUE RASURA AS HISTÓRIAS ÚNICAS

Todas as histórias me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para muitas outras histórias que me formaram
Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 26)

Tornar-se escritora para determinados corpos é desafiar todas as regras construídas pela hegemonia, sobretudo quando esse corpo se encontra em um lugar que, historicamente, foi uma zona do não-ser, como aponta Fanon (2008). Essa “zona do não-ser” é o espaço relegado aos corpos negros, ou, em outras palavras, uma zona criada para os corpos em que a branquitude considerou, desde o processo de colonização, como “menos humanos”:

A zona habitada pelos colonizados não é complementar à zona abitada pelos colonos. Essas duas zonas se opõem, mas não a serviço de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, elas obedecem ao princípio de exclusão recíproca: não a conciliação possível, um dos termos está sobrando (Fanon, 2022, p. 35).

Grada Kilomba (2019, p. 37-38), em diálogo com Fanon, compreende que “dentro dessa infeliz dinâmica, o sujeito negro torna-se não apenas a/o ‘*Outra/o*’ – o diferente, em relação ao qual o ‘eu’ da pessoa *branca* é medido – mas também a ‘outridade’ – a personificação de aspectos repressores do ‘eu’ do *sujeito branco*”. Dessa forma, Chimamanda é esse Outro construído pela branquitude, por ser uma mulher nigeriana e, portanto, negra nos Estados Unidos, país em que se tornou imigrante.

Adichie é a quinta filha de seis irmãos. Nasceu em Enugu, Nigéria, em 1977. Antes de construir sua carreira como escritora, entrou na Universidade da Nigéria para estudar Medicina, mas aos 16 anos desistiu e seguiu para os Estados Unidos, onde cursou Comunicação na Drexel University. Logo depois, estudou Comunicação e Ciência Política na Connecticut State University. Após finalizar os estudos, fez mestrado em Escrita Criativa na Johns Hopkins University e História Africana na Yale University. Em um discurso feito na universidade, em 2015, o qual foi traduzido pelo site *Blogueiras Negras*, Chimamanda teceu sua trajetória antes de se tornar escritora:

Quando eu era criança na Nigéria, eu esperava, como era esperado de toda boa estudante, ser médica. No fundo, eu sabia que o que eu queria mesmo era escrever histórias. Entretanto, eu fiz o que eu deveria fazer e fui para uma faculdade de medicina. Eu disse a mim mesma que eu resistiria e viraria psiquiatra e, assim, eu poderia usar as histórias de meus pacientes para minhas histórias de ficção. Contudo, depois de um ano na faculdade de medicina eu fugi. Eu entendi que eu seria uma

médica muito infeliz e eu realmente não queria ser responsável pela morte fortuita de meus pacientes. Abandonar a faculdade de medicina foi uma decisão bastante incomum, especialmente na Nigéria, onde é muito difícil de se entrar numa faculdade de medicina. (2015, Blogueiras Negras)

É importante acentuar que a trajetória de Adichie se cruza com a caminhada da personagem Ifemelu, tendo em vista as experiências que perpassaram o corpo da autora após tornar-se imigrante nos Estados Unidos. Experiências essas marcadas, também, pelas opressões de raça, gênero e xenofobia, violências que não foram inibidas pela posição social da autora, até mesmo no auge de sua carreira como escritora (veremos isto mais à frente). Deste modo, as identidades carregadas por Adichie marcam a diferença cultural discutida por Hall (2016) nesse espaço migrante, em que a identidade nacional construída como norma nos Estados Unidos rejeita essas identidades “Outras”:

As culturas estáveis exigem que as coisas não saiam de seus lugares designados. Os limites simbólicos mantêm as categorias ‘puras’ e dão às culturas significados e identidades únicos. O que desestabiliza a cultura é a ‘matéria fora do lugar’ – a quebra de nossas regras e códigos não escritos (Hall, 2016, p. 157).

Na cultura “estável” dos Estados Unidos, Adichie não somente desestabiliza as categorias “puras” da branquitude¹, pelo fato de ser uma mulher nigeriana nesse espaço, mas, também, por haver se tornado escritora, ocupa um lugar distinto do que se espera para uma imigrante nigeriana na sociedade estadunidense. Portanto, ela é a “matéria fora lugar” apontada por Hall (2016). Contrariando o sistema ao trilhar o caminho da literatura, a autora teve destaque no mundo literário com a publicação de seu primeiro livro, *Hibisco roxo* (2003), seguido de *Meio sol amarelo* (2006), *No seu pescoço* (2009), *Americanah* (2013) e, por último, *A contagem dos sonhos* (2025).

Para além da literatura, Adichie também lançou vários livros com discussões teóricas: *Sejamos todos feministas* (2015), *Para educar crianças feministas* (2017) e *O perigo de uma história única* (2019). Este último foi desenvolvido a partir de um discurso proferido pela autora no programa *TED Talk*, em 2009. Por esse motivo, o livro é de grande importância para este trabalho: por um lado, Chimamanda compartilha nele experiências pessoais desde a infância até à concretização de sua atuação como escritora; por outro, o seu valor teórico-metodológico se revela ao evidenciar as construções eurocêtricas e, por conseguinte, uma visão única sobre

¹ De acordo com a psicóloga, escritora e ativista Cida Bento (2022), no livro *O pacto da branquitude*, esse termo se refere ao fortalecimento de um determinado grupo – brancos no lugar de privilégio, algo transmitido como se fosse exclusivamente mérito. No mesmo processo são excluídos os outros grupos, “não iguais” ou não suficientemente meritosos.

a África e, em particular, a Nigéria. Desse modo, o seu país de origem está intimamente interligado com o seu fazer literário.

A existência da escritora Chimamanda Ngozi Adichie já é uma dissidência para as sociedades pós-coloniais, em razão de, tradicionalmente, não haver espaço para as mulheres africanas destacarem-se como escritoras. Ademais, ela também desafia o imaginário do Ocidente em relação a esse grupo social. Isso inclui a visão acerca do papel dessas mulheres na sociedade e, também, o posicionamento econômico dos sujeitos africanos perante as construções das sociedades capitalistas, no qual se espera que a população africana seja miseravelmente pobre ou esteja envolvida em conflitos.

Na contramão desse imaginário, Adichie é filha de professores universitários, o que indica que a mesma ocupava um lugar de privilégio econômico em seu país. O que levou a escritora a ir para os Estados Unidos conecta-se intimamente com sua necessidade de expandir os estudos e conhecimentos, algo que, na Nigéria, era limitado por conta do contexto local. Adichie (2019, p. 7) assim refere-se à sua vida na Nigéria:

Sou de uma família nigeriana convencional, de classe média. Meu pai era professor universitário e minha mãe era administradora. Tínhamos, como era comum, empregados domésticos que moravam em nossa casa e que, em geral, vinham de vilarejos rurais próximos.

Vale ressaltar que a Nigéria esteve sob o poder dos colonizadores britânicos até a década de 1960, o que, impreterivelmente, impactou o país cultural, política e economicamente. O destino escolhido por Adichie relaciona-se com as mesmas construções que ergueram a Nigéria; no entanto, diferentemente do país africano, os Estados Unidos ergueram-se sob a égide do imperialismo inglês, posicionando-se perante o mundo como o país da liberdade, da democracia e da prosperidade. Certamente, isso atrai mulheres e homens que desejam prosperar intelectual e materialmente. Ao contrário do esperado das mulheres africanas, Adichie, uma mulher negra e imigrante, não somente ganhou destaque no meio literário, como também ganhou importantes prêmios literários nos Estados Unidos.²

Em vista de todas essas premiações, cabe a esta pesquisa analisar os motivos que levaram uma escritora nigeriana e imigrante a tornar-se uma autora consagrada e celebrada nos países em que seus livros foram publicados, em especial nos países ocidentais. Acrescente-se a

² Alguns dos prêmios literários conquistados por Chimamanda Ngozi Adichie: *Commonwealth Writers*, *Hurston Wright Legacy Award* e *Orange Broadband Prize for Fiction* (2007). Ela foi finalista do *National Book Critics Circle Award*. Em 2008, recebeu a distinção *MacArthur Foundation Fellowship*. Com a obra *Americanah*, lançada em 2013, Adichie ganhou o *National Book Critics Circle Award*, e, somado a todos esses prêmios, o romance foi considerado pelo *New York Times* como uma das dez melhores obras daquele ano.

isso não somente o fato de suas obras terem tomado destaque em decorrência da excelência da escrita, como, também, serem livros publicados originalmente em inglês, uma língua imposta pelos colonizadores e que, posteriormente, seria implementada como meio de disseminação do poder imperial estadunidense em escala global. Sob essa construção o inglês alcança, se não todas, mas grande parte das sociedades. Logo, conseqüentemente, obras literárias publicadas em língua inglesa têm uma chance muito maior de alcançar notoriedade do que aquelas publicadas em português – Brasil e países africanos lusófonos, no caso. À luz de tal afirmação, Hall (1997, p. 49-50) considera que a língua inglesa faz parte de uma cultura que

[...] generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade.

Além do mais, suas obras foram lançadas no contexto de países do Norte Global, como Estados Unidos e Europa, espaços nos quais, historicamente, foi consagrada uma literatura canônica, ou seja, uma literatura produzida e alcançada por uma elite. Da mesma maneira, Mata (2023, p. 48) considera o seguinte:

Essa hierarquização literária decorrente de premissas prescritivas do cânone, como as expressões ‘altas literaturas’ ou ‘escritor universal podem sugerir, tem levado a análises comparativas normalmente conduzidas de forma a normalizar juízos provenientes de modos de ler pré-estabelecidos e ‘vícios’ de recepção gerados por uma canonicidade educacional ocidental que dita as regras de mercado.

É importante frisar que, diante do seu posicionamento como uma escritora nigeriana que constrói uma ficção que representa corpos e modos de viver distintos do grupo hegemônico, as obras de Adichie não se configuram como canônicas. Até porque, entende-se como integrando esse conjunto literário aquelas obras legitimadas como referência em determinadas sociedades, e que são amplamente estudadas nas universidades, constando como leitura obrigatória em vestibulares e/ou nas escolas. Tratam-se de obras que, por mais que determinados sujeitos não as tenham lido, sobretudo aqueles pertencentes às massas populares, eles já ouviram falar delas em algum momento. Em consonância com essa discussão, Mata (2023, p. 49) diz o seguinte:

Aliada à educação para a obediência aprendida na Escola por meio de seus manuais de Português e programas de Literatura. Não admira que muita crítica da literatura africana (de novo, um singular apenas generalizante) se faça, ainda, por via de mediações do centro (universidades do Norte global, suas instituições e seus instrumentos, tais como programas, *outcomes* de investigação, teses e dissertações), que, em rigor continuam a funcionar como ‘centro metropolitano’, de onde emanam os preceitos do cânone literário.

Diante da afirmação de Mata (2023), pode-se afirmar que Chimamanda Ngozi Adichie transita em espaços ocupados pela hegemonia, uma vez que suas obras foram publicadas em língua inglesa e em países do Norte global. Inclusive, elas têm sido lidas por uma parte da elite estadunidense, especialmente a população negra rica. Ainda assim, diante do que vimos sobre o que constituiu, historicamente, as literaturas canônicas, a literatura construída por Adichie não se configura como tal, pois, no que se refere ao cânone, “há uma naturalização de um gosto literário, que vai erigir-se a ‘alta literatura’ (agora, por razões de autopolicimento verbal, talvez se diga ‘literatura séria’, literatura ‘sem demandas sociais’ ou de ‘legados culturais’ (Mata, 2020, p. 116). De acordo com o que considera a autora sobre as literaturas canônicas, as obras de Adichie, em especial *Americanah*, são marcadas pelas demandas sociais e seus legados culturais. Assim, ela se destaca pela sua divergência em relação ao campo hegemônico.

Saliente-se que a intenção deste trabalho não é fazer com que a literatura de Adichie seja entendida como uma literatura menos africana. Pelo contrário, temos aqui como objetivo, dentre outros propósitos, evidenciar a africanidade das obras da autora, especialmente de *Americanah*. Não obstante, na construção de uma pesquisa de análise crítica em que se propõe desconstruir os padrões construídos e dissipados pela hegemonia, é de suma importância que, diante de tais construções, coloquemos a língua/linguagem como fator central no que *foi/é* apresentado para as sociedades contemporâneas como válido de ser lido ou estudado. Todavia, apesar de as obras literárias da autora serem escritas em inglês (ou lançadas nesse contexto), vale ressaltar que, sendo ela uma mulher nigeriana e imigrante nesses espaços, a representação da sua literatura, em língua inglesa, apresenta um rompimento com uma literatura canônica.

Ora, trata-se de uma escritora não branca e não europeia, que contraria todas as histórias únicas já contadas sobre o seu povo, por meio de uma língua que faz parte de uma cultura colonizadora. Concordamos com as palavras de Achebe (2012, p. 103-104) quando justifica o uso do inglês na escrita das literaturas nigerianas:

O inglês é uma língua mundial. Mas *não* escrevo em inglês *porque* ela é uma língua mundial. A Nigéria é uma realidade que eu não poderia ignorar. E uma característica dessa realidade, a Nigéria, é que ela desempenha uma parte considerável de suas atividades diárias no idioma inglês. Enquanto a Nigéria desejar existir como nação, não tem escolha no futuro próximo senão manter unidas as mais de duas centenas de nacionalidades que a compõem por meio de uma língua estrangeira, o inglês.

Em outros termos, a escritora utiliza uma língua imperialista para combater, por intermédio da mesma, os preconceitos que cercam corpos iguais ao dela nessa sociedade. Para além disso, essa língua/linguagem utilizada pela escritora, na contemporaneidade, é atravessada

pelo seu sotaque e por gírias, algo que é refletido nas suas narrativas e, conseqüentemente, personagens. Deste modo, Mata, (2020, p. 118) compreende que

Podemos entender essa ecologia como sendo de diferentes tradições, visões e corpora literários – para a qual é necessário considerarem-se outras racionalidades alternativas a partir de experiências sociais, políticas e culturais e, também, estéticas, de sistemas e tradições marginalizados pela ideologia do ‘cânone literário’.

Sob esse apontamento, cabe argumentar que Adichie considera em sua criação literária essas outras “racialidades”, as experiências outras e, também, visões outras acerca de determinados espaços, seja em relação àqueles historicamente marginalizados, como sua terra natal, seja a respeito de países legitimados como superiores, a exemplo dos Estados Unidos. Essas questões trabalhadas pela autora se conectam com sua abordagem estética, na forma como ela organiza a narrativa, a linguagem utilizada, assim como na construção dos espaços – tanto a ideia de espaço quanto a de linguagem serão aprofundadas no terceiro capítulo.

Esse breve debate sobre o contexto no qual se encontra o fazer literário da escritora, e, do mesmo modo, o posicionamento de países como Nigéria e Estados Unidos, é de grande valia para situarmos Chimamanda Ngozi Adichie no cenário literário, bem como a construção de sua escrita e de suas personagens e temáticas abordadas, sobretudo em *Americanah*. A formação da escritora teve como base, tal qual outros sujeitos nigerianos, uma educação calcada nas construções culturais da Inglaterra e, posteriormente, dos Estados Unidos. Do mesmo modo, sua escrita, ainda quando criança, foi estruturada diante de uma literatura fora da sua realidade como menina-mulher-nigeriana, porquanto ela não tinha à disposição livros de escritoras e escritores conterrâneos.

Assim descreve Adichie (2019, p. 7) acerca de sua formação como leitora:

Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade – textos escritos a lápis com ilustrações feitas com giz de cera que minha pobre mãe era obrigada a ler –, escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído. Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria. Eu nunca tinha saído do meu país. Lá, não tinha neve, comíamos mangas e nunca falávamos do tempo, porque não havia necessidade.

Mesmo que tenha crescido consumindo uma literatura eurocêntrica, o contato com livros de autoras e autores nigerianos que traziam personagens semelhantes a ela, e que, da mesma forma, tinham como pano de fundo a Nigéria e suas outras histórias, fizeram a diferença na vida de uma menina-mulher-nigeriana. Em outro momento de *O perigo de uma história única*, Adichie (2019, p. 7) expõe como foi revolucionário descobrir outras narrativas:

Mas, por causa de escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, minha percepção da literatura passou por uma mudança. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei, então, a escrever sobre coisas que eu reconhecia.

Diante disso, sua escrita literária e teórica foi costurada a partir de um conhecimento crítico no que concerne às questões que atingem mulheres e homens nigerianos, bem como em relação aos problemas sociais e culturais que alcançam o país. Somado a isso, Chimamanda tornou-se uma mulher imigrante, o que fez com que vivenciasse outros modos de ser e viver, os quais a influenciaram na construção de narrativas e personagens que vivenciam as complexidades da imigração. Logo, infância, gênero, raça, religião e xenofobia se tornariam motes centrais de suas obras literárias.

Americanah foi publicado em 2013, nos Estados Unidos. No ano seguinte, teve uma edição traduzida para o português lançada no Brasil. A narrativa da obra se desenvolve em três países: Nigéria, país de origem de Ifemelu; Estados Unidos, lugar para qual ela vai como imigrante; e, por fim, Inglaterra, para onde se encaminha Obinze. Todavia, uma vez que esta pesquisa se debruçará sobre a personagem Ifemelu, somente dois espaços serão importantes para esta análise: Nigéria e Estados Unidos. É sobre este último, no entanto, que esta pesquisa dará mais atenção, especialmente no capítulo três.

É nos Estados Unidos que a personagem será enviesada pelas formas mais minuciosas dos conflitos que permeiam as identidades africanas e migrantes, pois lá é que ela se torna uma mulher negra. Além dos conflitos que atravessam Ifemelu durante a narrativa, o nome do romance, de forma metodológica e satírica, expõe a rejeição do que, historicamente, foi atribuído ao progresso de um sujeito tornar-se “*americanah*”. Este faz referência a um termo utilizado na Nigéria para os nigerianos que migram para os Estados Unidos e voltam com sotaque e modos típicos dos estadunidenses. Em uma passagem do romance é possível identificar o que significa ser uma *americanah*: “Ifemelu queria ficar com o vestido, mas Ranyudo disse: ‘Ifem, você pode ficar com o vestido que quiser nos Estados Unidos e, da próxima vez que se vir, vai ser uma tremenda *americanah*.’” (Adichie, 2014, p. 111).

Na mesma medida, a narrativa também se contrapõe às narrativas outrora narradas, já que a personagem Ifemelu retorna para a Nigéria, o que significa que a terra natal é um espaço de recomeço. Isso é bem simbólico, dada as construções acerca da Nigéria. Significa, deste modo, que se trata de um país onde é possível prosperar. Em entrevista ao portal *Geledés*, em 2014, Adichie celebra a oportunidade de tecer uma narrativa que celebra a volta para casa:

Estou interessada na ideia do que ‘casa’ significa. Num senso maior, eu gostaria de falar sobre uma geração em particular de africanos que está voltando. Nos anos 1960, havia muitos africanos que iam ao exterior para estudar e então voltavam. Nos anos 1970 e 1980, os africanos saíam e não retornavam, porque muitos dos países viviam sob ditaduras. Nos últimos 15 anos há, novamente, uma geração de pessoas voltando. As economias estão indo bem, os países politicamente mais estáveis. Estou tentando capturar isso no romance.

Essa é uma discussão importante a respeito da literatura produzida pela autora, uma vez que ela acena para um lugar tradicionalmente negligenciado. Em primeiro lugar, como já apontado antes, não havia espaço para a ascensão de autoras africanas, por mais que existissem escritores em toda a África escrevendo sobre suas experiências; em segundo lugar, as narrativas em torno das personagens africanas e imigrantes eram sob o viés do apagamento e/ou da estereotipização desses sujeitos: “A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão.” (Bento, 2022, p. 29)

Hoje, já se observa no cenário literário uma pequena brecha aberta por autores africanos, autoras e autores negros brasileiros, escritores indígenas e da América Latina em geral no sentido de ocupar o centro: “De todas as explosões que sacudiram o continente africano nas últimas décadas, poucas foram tão espetaculares, e tão benéficas, como o surgimento da literatura africana, jogando um pouco de luz aqui e ali sobre uma área antes mergulhada na escuridão.” (Achebe, 2012, p. 100)

Em consonância com Achebe, a escritora Conceição Evaristo (2020, p. 30) sinaliza:

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: ‘a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos’.

É importante salientar que, por ser uma mulher nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie não havia sido atravessada pelo racismo que acomete as sociedades ocidentais. Ela passa a experienciar isso ao se tornar imigrante. A criação de raças foi uma construção dos colonizadores; enquanto a raça branca era associada à inteligência, à evolução civilização e, em vista disso, era tratada como superior, a raça negra (africana) era vista como atrasada, selvagem e, portanto, subdesenvolvida. Assim, surge o racismo nas sociedades em que negros e brancos ocupam os mesmos espaços distintos, tanto espaços físicos quanto de *status*: “O racismo é uma realidade violenta. Por séculos, ele tem sido fundamental para o fazer político da Europa,

começando com projetos europeus de escravização, colonização, e para atual ‘Fortaleza Europa.’” (Kilomba, 2019, p. 71)

Num país como a Nigéria, que possui uma população majoritariamente negra, o racismo não era um problema que a atingia. Por essa razão, Adichie somente é atravessada pelo recorte racial nos Estados Unidos. Esse atravessamento fez com que a autora fosse interseccionada pelas desigualdades de raça, gênero e xenofobia, mais um modo de opressão que a colocou num espaço ainda maior de invisibilidade. Em entrevista ao programa televisivo *Fantástico*, em 2022, ela relatou: “De repente eu percebi que sou negra. Mas não é apenas sobre ser negra. Também percebi que o negro na América veio com tantos estereótipos negativos e que esses estereótipos foram, de repente, ligados a mim.” (Adichie, 2022)

O racismo que a autora diz ter enfrentado nos Estados Unidos se conecta novamente com a vivência da personagem Ifemelu. Ambas compartilham dos mesmos estereótipos direcionados às populações negras naquele país. Em certo momento da narrativa, é possível identificar o racismo sofrido pela personagem. Uma personagem masculina, limpador de tapetes, fica espantado ao pensar que Ifemelu pudesse ser dona da mansão onde trabalhava:

Ele se empertigou quando a viu. Seu rosto mostrou uma breve surpresa e depois congelou numa expressão de hostilidade. ‘Você chamou para limpar o carpete?’, perguntou, como se não se importasse, como se ela pudesse mudar de ideia, ou ele quisesse que mudasse de ideia. Ifemelu encarou o homem com uma provocação nos olhos, prolongando um momento carregado de presunções: Ele achava que ela era dona da casa, e não era o que tinha esperado encontrar naquela casa de pedra imponente com pilares brancos. ‘Sim’, disse Ifemelu, sentindo um cansaço súbito. ‘A senhora Turner me disse que vocês viriam.’ [...] O rosto do homem relaxou num sorriso. Ela também era uma empregada. O universo mais uma vez é como deveria ser (Adiche, 2014, p. 181).

Embora compartilhem das mesmas experiências, nesse momento, diferentemente da escritora de *Americanah*, Ifemelu permanece dentro dos padrões estabelecidos para os corpos iguais ao dela, exercendo uma função concebida como “natural” para a população negra e imigrante. Por isso, o alívio sentido pelo limpador de tapetes, afinal de contas, a estrutura social racista a manteve “no seu lugar”.

A respeito da importância do elemento social na construção das obras literárias, Candido (2006, p. 12-13) ressalta:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.

A afirmação de Candido nos leva a compreender de que modo as obras literárias representam, em maior ou menor grau, as experiências vividas por seus autores e autoras. Ou, ainda: “Devido a um e outro motivo, à medida que remontamos na história temos a impressão duma presença cada vez maior do coletivo nas obras; e é certo, como já sabemos, que forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor.” (Candido, 2006, p. 35)

Ao conceder uma entrevista à revista *Geledés*, em 2019, Adichie relatou sua experiência ao tornar-se negra:

Na Nigéria, a maioria das pessoas é negra. Seria diferente se eu tivesse crescido na África do Sul, onde ser negro é uma identidade porque há colonos brancos que ficaram. Na Nigéria me considerava *igbo*, menina, nigeriana e, às vezes, africana. E aí fui aos Estados Unidos e percebi que era negra, e isso trazia uma nova identidade. Significava que as pessoas supunham que eu não era muito inteligente e que tinha crescido em um gueto, sem educação e pobre. A raça é algo muito particular dos Estados Unidos. Levei muito tempo para começar a aceitar que era negra.³

Sob essa conjuntura, diante de um recorte de gênero, as mulheres africanas são as mais atingidas, ao passo que elas também foram estupradas e colocadas como reprodutoras de mão de obra escravizada. A respeito disso, Davis (2016, p. 14) salienta o seguinte:

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras.

Somados às experiências de Adichie como mulher imigrante estão os recorrentes episódios ligados às suas viagens, pois, mesmo vivendo há mais de 10 anos nos Estados Unidos, ela mantém o passaporte da Nigéria. Isto se deve ao seu entendimento de que, como escritora que constrói narrativas envolvendo vivências desses sujeitos, em especial os conflitos experienciados no Norte Global, é necessário experienciar as vivências de mulheres e homens africanos que vivem em trânsito. Djaimilia Pereira de Almeida (2023) compartilha as experiências vividas como mulher negra e escritora, as quais se cruzam com as de Adichie:

No hospital. No banco. No comboio. No metrô. No autocarro. Na tasca. No restaurante chique. Sou uma mulher negra a passar a segurança no controle alfandegário de qualquer aeroporto. Sou uma mulher negra quando me convidam para preencher cotas. Ou quando, se recuso os convites, convidam outra mulher negra em minha vez. Somos, eu e essa mulher, mulheres negras, num esquema que reservou para nós um único lugar numa geometria (De Almeida, 2023, p. 19-20).

³ Cedida ao *Geledés* em 2019, a entrevista pode ser lida neste link: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-ngozi-adichie-o-brasil-tem-um-problema-de-raca-pessoas-negras-nao-tem-acesso-a-posicoes-de-poder/>.

Em entrevista ao periódico *El País*, em 2019, a autora exemplifica tais momentos ao falar de uma viagem a Frankfurt, na Alemanha:

Recentemente aterrissamos em Frankfurt. Todos os outros passaram pelo controle mais ou menos rápido. Quando chega nossa vez nos param: ‘Por que veio? Onde está a passagem de volta?’ Por que esse sujeito acha que vou querer ficar na maldita Alemanha? Acontece o tempo todo comigo. Em Frankfurt, na Itália... Quando viajo, já vou esperando por isso e fico tensa. É muito desagradável, e é pelo passaporte. Se trocasse pelo americano amanhã, tudo isto pararia.⁴

Para tal, essa forma como os sujeitos africanos são interpelados em espaços como aeroportos é um reflexo da visão única que se estendeu na contemporaneidade, substituindo as lógicas de abuso do período colonial. Ao passo que isso também construiu um lugar único para mulheres imigrantes e negras; isto é, a sociedade enxerga como estranho o fato de uma mulher nigeriana transitar entre um país e outro, em especial ocupando o lugar de escritora. Espera-se que ela ocupasse funções de servidão e/ou ligados ao âmbito doméstico, haja vista a construção da “boa aparência” segundo a lógica da beleza eurocêntrica:

Tal fato criou muito mais motivos para a reafirmação da discriminação, uma vez que o contato com o público exige ‘educação’ e ‘boa aparência’. Mesmo nos dias atuais, em que se constata melhorias quanto ao nível de educação de uma minoria de mulheres negras, o que se observa é que, por maior que seja a capacidade que demonstre, ela é preterida. Que se leiam os anúncios dos jornais na seção de empregos; as expressões ‘boa aparência’, ‘ótima aparência’ etc. constituem um código cujo sentido indica que não há lugar para a mulher negra. As possibilidades de ascensão a determinados setores da classe média são praticamente nulas para a maioria absoluta (Gonzalez, 2000, p. 41-42).

Do mesmo modo que as mulheres negras são renegadas em outros espaços da sociedade, na literatura não foi diferente. Pelo contrário, foi a partir dessa arte que muitos estereótipos foram perpetuados. Vale salientar que somente tinham acesso à literatura, de início, os colonizadores e, posteriormente, a burguesia, formada por homens brancos e cristãos. Logo, as narrativas eram construídas a favor desses mesmos grupos. Sob essa lógica, em outro momento, ainda sobre o perigo de uma história única, Adichie (2019, p. 8) ressalta:

Aqui está uma citação de um mercador de Londres chamado John Lok, que velejou para a África ocidental em 1561 e fez um relato fascinante de sua viagem. Após se referir aos africanos negros como ‘animais que não têm casa’, ele escreveu: ‘Também é um povo sem cabeça, com a boca e os olhos no peito.’ Rio toda vez que leio isso. É preciso admirar a imaginação de John Lok. Mas o importante sobre o que ele escreveu é que representa o início de uma tradição de contar histórias sobre a África no Ocidente.

⁴ Esta entrevista pode ser vista no site: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/04/eps/1575477143_604947.html.

Ainda que não fosse um texto literário, foram narrativas como essas que moldaram o imaginário das sociedades ocidentais sobre a África e, da mesma forma, suas literaturas. Por isso, a importância de se celebrar uma escritora como Chimamanda Ngozi Adichie, dado que sua literatura abre espaço para novos corpos, formas outras de viver e, principalmente, permite desconstruir as histórias únicas. Na contemporaneidade – isto é, nas sociedades pós-coloniais – não é mais possível pensar numa literatura que não se conecte com o mundo externo, cenário este ainda mais visível quando tratamos de obras literárias escritas por mulheres amefricanas, como chamou Gonzalez (2020, p. 127): “Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural [...], por razão de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente são exclusivamente europeias [...]. Ao contrário, ele é uma América africana.”

Em outras palavras, amefricanas é um termo desenvolvido por Gonzalez para reafirmar a africanidade das Américas, negada pelo colonialismo. Sob tal ótica, a escritora Florentina da Silva Souza (2021, p. 43) entende que

[...] a escrita de mulheres negras como intensos exercícios de reexistência produzidos no intuito de reescrever e criar uma literatura que exige outras categorias de análise, diferentes das privilegiadas pela crítica literária hegemônica. Uma escrita recorrerá a ‘tambores’ e ‘pandeiro’, ou seja, fará uso de linguagens e estilos que viabilizem a exposição de sua heterogênea criatividade.

Isso expande o conhecimento e o olhar crítico para a literatura, pois, assim como era utilizada para a manutenção de histórias únicas, ela tornou-se uma das principais ferramentas de denúncia à disposição dos grupos marginalizados: “No século XX já encontramos registros de um número maior de mulheres negras que publicavam em jornais, revistas, muitas delas voltadas para discussão das configurações das relações étnico-raciais no seu tempo.” (Souza, 2021, p. 43).

Em consonância com o exposto, descreve Alzandúa (2000, p. 233):

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico.

Adichie acolheu, a partir da escrita, o seu particular, o seu modo de ver os seus, sua terra, os problemas existentes, mas também as alegrias. São personagens que, vale ressaltar, assim como em *Americanah*, em sua maioria são mulheres com complexidades, medos, dores, mas, contudo, capazes de recontar e reconstruir novas histórias. Ou seja, são personagens que

representam mulheres reais, enfrentam problemas reais na contemporaneidade, dentro e fora de África. Não são mais aquelas representadas em contos de fada.

Sobre a quebra de paradigmas que escritoras como Chimamanda Ngozi Adichie realizam, Alzandúa (2005, p. 707) diz ainda:

En unas pocas centúrias, o futuro pertencerá à *mestiza*. Porque o futuro depende da quebra de paradigmas, depende da combinação de duas ou mais culturas. Criando um novo *mythos* – ou seja, uma mudança na forma como percebemos a realidade, na forma como nos vemos e nas formas como nos comportamos – la *mestiza* cria uma nova consciência.

Em conformidade com que foi posto até aqui, Adichie também rompe com as barreiras do que a sociedade imagina ser um romance africano, em virtude de suas obras trazerem para o centro modos outros de ser uma mulher nigeriana. Ao passo que se tem no imaginário ocidental que mulheres como ela ocupam lugares sempre à margem, também é esperado que suas obras literárias apenas representem sujeitos de uma África decadente. Pelo contrário, suas narrativas também retratam mulheres nigerianas imigrantes, que compartilham de outras culturas e posicionamentos distintos, configurando, assim, uma quebra de paradigma também na cultura nigeriana, constituída com base em padrões britânicos.

A partir de um levantamento acerca dos trabalhos que tiveram como objeto de estudo as obras de Adichie, especialmente as análises em torno do romance *Americanah*, notamos que existem temáticas comuns, como a imigração, identidade, racismo, sexismo e conflitos relacionados à religião. Em grande parte de suas obras, é notória a presença de mulheres nigerianas como protagonistas, isto é, as narrativas, apesar de se constituírem a partir de personagens distintos e masculinos, desenvolvem-se, em sua maior parte, em torno dos conflitos enfrentados por essas personagens.

Outro paradigma quebrado pelas obras literárias de Adichie é em relação ao casamento, pautado por uma cultura patriarcal muito forte em várias sociedades, mas, principalmente, em seu país. Observamos que suas protagonistas não são entusiastas desse tipo de vínculo, mesmo tendo relacionamentos sérios, a exemplo de Ifemelu. Tratam-se de personagens que podem celebrar o amor de diferentes maneiras. Desta forma, suas obras, quando evocam a desconstrução de normas e valores que regem as sociedades, encontram-se no plano do contracolonial.

São literaturas nigerianas e, por conseguinte, africanas que constroem personagens, identidades e modos de existir com complexidade. Daí os questionamentos em torno da “africanidade” de suas obras, algo que incomoda a autora. Como suas obras não reproduzem os estereótipos e a visão eurocêntrica sobre o continente africano, os quais também construíram

essas mesmas sociedades, suas obras são julgadas como não estando no campo das literaturas africanas, assim como fez um de seus professores na universidade nos Estados Unidos:

Assim como um professor universitário que certa vez me disse que meu romance não era ‘autenticamente africano’. Eu estava bastante disposta a admitir que havia diversas coisas erradas com o romance e que ele fracassava em vários aspectos, mas não chegara a imaginar que fracassava em alcançar algo chamado ‘autenticidade africana’. Na verdade, eu não sabia o que era autenticidade africana. O professor me disse que meus personagens pareciam demais com ele próprio, um homem instruído de classe média: eles dirigiam carros, não estavam passando fome; portanto, não eram autenticamente africanos (Adichie, 2019, p. 9).

Essa forma de construção de personagens por parte da autora, que incomoda a hegemonia, alude para uma linguagem que está no plano da contingência. Aquela linguagem que não admite mais falar o comum, aquilo a que a sociedade se acostumou a ouvir – no caso, sobre a literatura africana. O que permite a Adichie, na contemporaneidade, utilizá-la para desestruturar uma linguagem historicamente construída para a manutenção de uma história única. Essas novas linguagens adotadas, ou melhor, construídas no seio das literaturas africanas e, portanto, nigeriana, são evocadas da margem para as margens. As mesmas desconfiguram e reconstróem as tradições. A literatura é uma linguagem que se caracteriza por “não possuir limites: é a de existir constantemente negando seu limite. E que limite é esse? É aquele que separa do “real”. A sua encriptação, a sua resistência ao simbólico, o desejo de introjeção” (Seligmann-Silva, 2018).

Ainda sobre a relação literatura-linguagem, ou melhor, sobre a construção de uma linguagem alternativa à hegemônica, e que se associa intimamente às vivências dessas escritoras, Souza (2021, p. 49) reitera que “também é um exercício de esgrima, uma luta contra os sentidos cristalizados, contra a imagens fixas, exercício de esgueirar-se atentamente contra os golpes da linguagem e das convenções literárias para descobrir a ‘palavra debruçada/ sobre a arcada do indizível’”.

Conforme já salientado, esta pesquisa tem como propósito desconstruir os conhecimentos históricos e teóricos-literários em torno das literaturas africanas e, por sorte, as histórias únicas que constituíram a Nigéria. Nesse sentido, a linguagem literária que emerge das margens, como abordamos, é ponto central para se desconfigurar a linguagem hegemônica. Portanto, esta pesquisa pretende aprofundar essa discussão ao trazer a ideia de uma linguagem contracolonial, termo utilizado pelo escritor, poeta e professor quilombola Antônio Bispo dos Santos (2003, 2015). Entre outros modos de conceituar a linguagem contracolonial, o autor entende que a melhor forma de contrariar, desfazer-se das amarras da hegemonia, é construir novos

significados, isto é, novas palavras que vão na contramão daquilo que foi forjado no seio das sociedades ocidentais. A respeito disto, ele considera:

A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las. Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: ‘O que é contracolonizar falando a língua do inimigo?’ E respondi: ‘Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las’ (Santos, 2023, p. 13).

A literatura construída por Adichie está no plano do contracolonial. Na utilização das palavras/língua do colonizador para contrariar o que foi disseminado. Do mesmo modo, sua narrativa enfraquece as palavras/narrativas da hegemonia. A desconstrução das histórias únicas por intermédio de sua escrita e personagens é a evidência de que contracolonizar é possível.

Na articulação entre linguagem-literatura foi possível, neste primeiro capítulo, situar a escritora Chimamanda Ngozi Adichie no plano sociocultural enquanto discutíamos a sua posição nas sociedades pós-coloniais – a saber: Nigéria e Estados Unidos –, bem como os inevitáveis conflitos que atravessam corpos iguais ao dela. Além disso, num esforço no sentido da realização de um trabalho de análise crítica literária, trouxemos como as construções sociais estão engendradas nas construções literárias da autora. Sua narrativa, analisando-se sobretudo *Americanah*, tece, de forma cuidadosa, as complexidades de uma sociedade contemporânea e capitalista erguida a partir dos mecanismos do imperialismo, e que mantém em suas entranhas o racismo, o machismo, o sexismo e a xenofobia como métodos de apagamento das identidades de africanas, mulheres, pobres e imigrantes. Elencamos, também, uma linguagem literária como possibilidade de contracolonizar – isto é, a utilização das palavras já consolidadas pela colonização como ferramenta de contrariar o que foi posto. Pode-se afirmar, deste modo, que contracolonizar também é rasurar as histórias únicas.

2 O IMPERIALISMO DOS ESTADOS UNIDOS SOBRE A NIGÉRIA: AS FERIDAS ABERTAS PELA COLONIZAÇÃO

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.

Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 26)

Essas verdades persistem numa era saturada com a lembrança de imperialismos passados. Hoje o número de pessoas politizadas no mundo é grande demais para que qualquer nação aceite facilmente a finalidade da missão histórica americana de liderar o mundo.

Edward Said (2011, p. 441)

O fim do período colonial não encerrou os problemas políticos, culturais e financeiros de espaços como a Nigéria, cujas terras outrora foram saqueadas e tiveram seus sujeitos capturados do ponto de vista da cultura. Por outro lado, com a saída dos colonizadores europeus, fenômeno que coincidiu com vários conflitos bélicos entre nações, abriu-se espaço para a velha tática da tomada de poder a nível local. Nesse meio, os Estados Unidos começaram a se consolidar como promessa e redenção para os países, sobretudo africanos e da América do Sul: “O triunfo dos Estados Unidos como última superpotência sugere que um novo arranjo de linhas de força irá estruturar o mundo, e elas já começaram a se evidenciar desde as décadas de 1960 e 1970.” (Said, 2011, p. 432)

Esse desejo dos Estados Unidos perante a necessidade do exercício de poder sobre outras nações está intimamente conectado com suas aspirações imperialistas herdadas dos países europeus. Sob essa lógica, Said (2011, p. 433) expõe:

Acumulação mundial, sistema capitalista mundial, desenvolvimento do subdesenvolvimento, imperialismo e dependência ou estrutura da dependência, pobreza e imperialismo: o repertório é bem conhecido na economia, ciência política, história e sociologia, e tem sido identificado menos com a Nova Ordem Mundial do que com membros de uma controversa escola de pensamento de esquerda. Todavia, as implicações culturais dessas expressões e conceitos são visíveis — apesar de sua natureza muito debatida e pouco esclarecida — e, infelizmente, não resta dúvida de que são deprimentes mesmo para os olhos mais despreparados.

A partir de construções imperialistas, os Estados Unidos não somente continuaram usando o poderio militar como seus predecessores ingleses, mas, do mesmo modo, jogavam com essas nações o jogo do domínio cultural a partir do avanço capitalista. Em outras palavras,

os Estados Unidos, de mãos dadas com o colonialismo e o capitalismo, controlaram (e ainda controlam) o modo de viver, agir e pensar das sociedades. Mignolo (2017, p. 3) exemplifica:

No segundo cenário, no início do século XXI, o mundo está interconectado por um único tipo de economia (o capitalismo) e distinguido por uma diversidade de teorias e práticas políticas. A teoria da dependência deveria ser revista sob a luz dessas mudanças. [...] por um lado, a globalização de um tipo de economia conhecido como o capitalismo (que, por definição, visava à globalização desde o seu início) e a diversificação de políticas globais que estão acontecendo [...].

O domínio cultural dos Estados Unidos sobre a Nigéria construiu uma “colônia simbólica”. Ou seja, ao adentrar na Nigéria com um discurso diferente dos seus antecessores, os Estados Unidos construíram, por um lado, uma visão de “bom moço” e, por outro, uma relação de dependência dos nigerianos com a sociedade estadunidense. Para Said (2011), os Estados Unidos eram como uma espécie de adolescente crescendo para ocupar o papel outrora desempenhado pelo império britânico, estando embasado no domínio cultural através do consumo de músicas, filmes, revistas e literatura escrita sob o ponto de vista da elite estadunidense. Ainda a respeito da posição dos Estados Unidos, Said (2011, p. 437) explicita:

A ideia de liderança e excepcionalidade dos Estados Unidos nunca está ausente; qualquer coisa que façam os Estados Unidos, essas autoridades em geral não querem que eles sejam uma potência imperial como seus predecessores, preferindo, em lugar disso, a ideia de ‘responsabilidade mundial’ como princípio de suas ações. [...] que corresponde exatamente ao crescimento de interesses mundiais dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial e à concepção de seu enorme poderio, tal como era formulado pela política exterior e pela elite mundial.

Nessa senda, os Estados Unidos se tornaram a principal rota de migração para os nigerianos, vista como o espaço em que, diferentemente da Nigéria, conseguiriam concluir o ensino superior e prosperar economicamente, tudo dentro dos ideais do sonho americano. Em *Americanah*, essa imagem sobre o desejo de emigração para os Estados Unidos é um dos pontos centrais da obra. “Um passaporte americano é a coisa mais legal do mundo”, disse Kaiody. “Eu trocava o meu britânico por um na hora.” (Adichie, 2014, p. 75) Na narrativa, identificamos como os nigerianos estão mais próximos da sociedade estadunidense do que podemos imaginar. “Todos assistiam os filmes americanos e trocavam revistas americanas com as folhas apagadas. [...] assistiam aos programas de televisão americanos[...].” (Adichie, 2014, p. 76)

Dentre as funções imperialistas assumidas pelos Estados Unidos, está justamente o fato de que outros sujeitos passem a viver em função do que acontece nessa sociedade. Atualmente, parte da sociedade brasileira tem se curvado ao imperialismo estadunidense. Entre eles, existem os que ocupam o poder e, desta forma, necessitam da validação dos Estados Unidos. Junto a essa elite estão os sujeitos pobres, os quais, controlados pelo discurso da extrema-direita,

caminham em direção a um discurso que os oprimem, discurso disfarçado de empoderamento e liberdade da sombra de um comunismo que nunca se concretizou, de fato. Sob essa lógica, Bhabha (2012, p. 71) nos lembra que

[...] no discurso popular da mídia, foi, em grande parte, uma tentativa de introduzir formalmente uma forma de pluralismo individualista em um período de ascensão conservadora – Margaret Thatcher na Inglaterra, Reagan/Bush nos Estados Unidos – conservadorismo este que estava ocupado em louvar a marcha triunfal dos mecanismos de livre mercado sobre as economias socialistas fracassadas e falidas do Segundo e do Terceiro Mundos.

É importante lembrar que a cultura de massa, incluindo a literatura, foi e é produzida por sujeitos que estão ocupando espaços de poder – homens brancos, ricos e cristãos, o que nos leva a crer que aquilo veiculado através desses produtos consumidos pelas personagens tem a função de manter o *status quo* dos Estados Unidos. No contexto de tais construções imperialistas, até mesmo os menos envolvidos, ou melhor, os menos admiradores, acabam por compartilhar os mesmos ideais acerca dos Estados Unidos. Assim acontece com a personagem Ifemelu, que mesmo tendo acesso ao que é produzido pela sociedade estadunidense, não desenvolveu uma paixão pelo país norte-americano, diferente do seu namorado Obinze. Todavia, é notável que ela é iludida pela história única sobre os Estados Unidos. “Ifemelu não compreendia exatamente o que tudo aquilo significava, mas pareceu-lhe correto porque vinha dele, o especialista nos Estados Unidos. Assim, ela começou a sonhar. Via-se numa casa como a do *Cosby Show* [...]”. (Adichie, 2014, 110-111).

Diante desta visão, a sociedade estadunidense é desprovida de qualquer questionamento significativo a respeito das problemáticas sociais que atingem mulheres como Ifemelu, uma vez que seu país de origem, a Nigéria, fica em segundo plano, aquele que não corresponde às suas expectativas. Ao contrário dos Estados Unidos, a Nigéria é sinônimo de instabilidade: “Para ela, os Estados Unidos eram os Estados Unidos.” (Adichie, 2014, p. 111)

Ainda sobre a construção positiva acerca dos Estados Unidos em espaços como a Nigéria, Said (2011) retoma a disseminação da cultura estadunidense em larga escala como sendo um dos meios mais eficazes de controle das nações. Do mesmo modo, reverbera um desprezo quanto às produções nigerianas. Percebe-se isso em um momento da narrativa envolvendo Ifemelu e outras mulheres africanas em um salão de beleza nos Estados Unidos. Parafraseando o romance, Ifemelu não tinha grande apressa pela indústria cinematográfica da Nigéria, a chamada Nollywood, com seu histrionismo e seus enredos improváveis, mas ela assentiu, porque ouvir ‘Nigéria’ e ‘bom’ na mesma frase era um luxo, mesmo vindo dessa estranha mulher senegalesa (Adichie, 2014, p. 20).

Esse recorte da narrativa vai ao encontro daquilo que Achebe (2012) alude não somente como crítico literário e romancista, mas também como homem nigeriano que presenciou o colonialismo inglês, o neocolonialismo estadunidense e, portanto, as construções em torno da Nigéria. Desta forma, o autor conclui:

Assim, apesar de impressionantes romances ‘africanos’, tão populares no século XIX e início do século XX, terem rareado até praticamente acabar, a obsessão secular que revelam pelos estereótipos escabrosos e degradantes da África passou para o cinema, o jornalismo (Achebe, 2012, p. 84).

Entretanto, vale trazer para a discussão deste capítulo que a Nigéria possui uma indústria de cinema chamada de Nollywood. Mesmo sendo pouco conhecida no Ocidente, ela é bem vista no Senegal. Isso indica que, contrapondo todos os estereótipos, até mesmo de Ifemelu, a indústria de cinema nigeriana alcança um certo destaque nos países africanos – Nollywood é a terceira maior produtora de filmes do mundo.⁵ Em *O perigo de uma história única* (2019), Adichie, ao contradizer a história única a respeito da Nigéria, diz: “E se ela soubesse de Nollywood, cheia de pessoas inovadoras fazendo filmes apesar de grandes dificuldades técnicas, filmes tão populares que realmente são o melhor exemplo de nigerianos consumindo o que produzem?” (Adichie, 2019, p. 30)

Diferentemente dos filmes hollywoodianos, as obras cinematográficas produzidas em Nollywood buscam propagar a cultura, ou melhor, as culturas locais do seu povo. Almejam que mulheres e homens nigerianos, historicamente colocados à margem pelo Ocidente – em específico pelos Estados Unidos – possam ser protagonistas de suas próprias histórias. Destoa-se, assim, do modo como os Estados Unidos utilizam a indústria fílmica. Por séculos, Hollywood, assombrosamente, assim como outros meios (mídia, revistas, literatura e mídias sociais), não somente propagou, mas estimulou os estereótipos sobre a Nigéria, por intermédio de filmes ficcionais e/ou documentais, bem como das animações da Disney. Tornaram-se, portanto, um braço do imperialismo estadunidense: “O que ele descreve é um drama real, no qual os Estados Unidos devem administrar seu comportamento no mundo sob as pressões das forças domésticas, de um lado, e das realidades estrangeiras, de outro.” (Said, 2007, p. 81)

Em meio às discussões fomentadas até aqui, surge, além de todas as formas de domínio dos Estados Unidos sobre a Nigéria, um discurso em torno da mulher não ocidental. Significa que, apesar de as sociedades ocidentais se constituírem a partir das construções patriarcais, elas nos fazem crer, em especial os Estados Unidos, que países como a Nigéria exercem uma maior

⁵ Aqui podemos apontar o poder do imperialismo estadunidense, que apaga e deslegitima o que não é produzido dentro do eixo Norte Global.

opressão sobre as mulheres. Trata-se de um dentre tantos métodos de validar a inserção do país nesses espaços, em nome da salvação dos sujeitos.

Esse ponto de vista é observado em um momento da narrativa no qual Ifemelu e seu namorado estadunidense estão conversando com outras pessoas sobre as produções nigerianas. Nesse momento, uma das personagens alega não gostar dos filmes nollywoodianos por conta do sexismo presente nos filmes:

‘Jura?’, disse a mulher de New Haven, amassando se copo de papel, como se achasse muito estranho que alguém ali gostasse de Nollywood. ‘É tão ofensivo à minha inteligência. Os produtos são simplesmente ruins. O que isso diz sobre nós?’. ‘Mas Hollywood faz filmes tão ruins quanto. É só a iluminação que é melhor’, disse Ifemelu. ‘Não é só o lado técnico’, disse a mulher de New Haven. ‘A indústria é regressiva. E a maneira como eles retratam as mulheres? Os filmes são mais misóginos que a sociedade.’ (Adichie, 2014, p. 440)

Por mais que os Estados Unidos comportem uma sociedade extremamente machista e sexista, essas violências operam de modo diferente na Nigéria. Por exemplo, no imaginário da personagem, que provavelmente nunca conheceu, de fato, países africanos, consolidou-se a ideia de que mulheres nigerianas são mais oprimidas. Ou, ainda, que homens nigerianos são mais violentos e machistas que homens estadunidenses. Ao contrário desse discurso em torno de países africanos como a Nigéria, vemos, na narrativa, que os Estados Unidos podem ser tão ou mais agressivos para as mulheres. “Ao descrever as mulheres negras que você admira, sempre use a palavra FORTE, porque, nos Estados Unidos, é isso que as mulheres negras devem ser. Se você é mulher, por favor, não fale o que pensa como está acostumada a fazer em seu país”. (Adichie, 2014, p. 240)

Esta dissertação não tem como pretensão estabelecer uma competição sobre qual nação ou cultura é mais violenta para mulheres. No entanto, como já estabelecido, este trabalho tem por objetivo rasurar as narrativas eurocêntricas sobre a Nigéria. Deste modo, é necessário apontar a construção do Outro – nesse caso, a população nigeriana – como sujeito cujas ações são desprezíveis, como se fosse algo que os diferenciam dos estadunidenses.

A Nigéria, como país atravessado pela colonização, também tem em sua sociedade a reprodução da cultura eurocristã e, por conseguinte, sexista. Além disso, a Nigéria viveu processos muito intensos e complexos, que perduraram até a década de 1960, o que dificultou a conquista de alguns direitos ligados às mulheres. Não significa, no entanto, que as mulheres nigerianas não se organizem contra a estrutura machista: “E se minha colega soubesse da advogada que recentemente foi aos tribunais da Nigéria contestar uma lei ridícula que exigia que as mulheres tivessem o consentimento do marido para renovar o passaporte?” (Adichie, 2019, p. 30). Adichie é a consolidação de mulheres que se movimentam contra o sistema

colonialista na Nigéria, não apenas através da literatura, como já trouxemos no primeiro capítulo, mas também por meio de ensaios e palestras sobre a importância do feminismo e as discussões em torno do racismo nos Estados Unidos, movimento este reverberado na vivência da personagem Ifemelu.

Dessa forma, a Nigéria que conhecemos na contemporaneidade é um lugar distinto do que se construiu no período anterior à pós-colonialidade. Portanto, tomamos como importante a construção de uma análise literária que não somente foque um país africano, como, também, acene para esse lugar de uma perspectiva que vá além das construções eurocêntricas, as quais transformaram a Nigéria numa nação associada à fome e a catástrofes e conflitos.

A afirmação de que o continente africano não tinha “civilizações” ou, ainda, de que era um lugar sem formação cultural e política, foi uma invenção dos colonizadores europeus para apagar a história do lugar. De acordo com esta afirmação, parafraseamos Mignolo (2017, p. 3) quando ressalta que na África, o Reino de Oyo (perto da atual Nigéria), formado pela nação Iorubá, era o maior reino da África Ocidental encontrado por exploradores europeus. Os Reinos de Benim e Oyo eram os dois maiores da África. O Reino de Benim durou de 1440 a 1897, e o de Oyo de 1400 a 1905.

Isto significa que o território onde hoje fica a Nigéria prosperou economicamente até a invasão europeia, tendo uma estrutura cultural e política sólida. As sociedades que nele viviam eram bem desenvolvidas, a ponto de os reinos já realizarem trocas comerciais com outras sociedades africanas. Segundo Munanga (2020, p. 21):

Quando os primeiros europeus desembarcaram na costa africana, em meados do século XV, a organização política dos Estados africanos já tinha atingido um nível de aperfeiçoamento muito alto. As monarquias eram constituídas por um conselho popular, no qual as diferentes camadas sociais eram representadas. A ordem social e oral equivalia à política. Em contrapartida, o desenvolvimento técnico, incluída a tecnologia de guerra, era menos avançada. Isso pode ser explicado pelas condições ecológicas, socioeconômicas e históricas da África daquela época, e não biologicamente, como queriam alguns falsos cientistas.

Sob essa ótica, torna-se notório que não somente as civilizações existentes no espaço da atual Nigéria, mas as que ocupavam outros espaços de África, não tinham como prioridade o desenvolvimento de conflitos, algo que a história eurocêntrica por muito tempo advogou. Os problemas enfrentados pela Nigéria têm início com a invasão promovida pelos portugueses no século XV. Já havia um propósito de colonizar: invalidar as culturas ali existentes, saquear as riquezas naturais e sobrepor a cultura europeia à cultura dos povos africanos. Perante essas ideias, ao invadirem também as Américas, os colonizadores viram a África como provedor de

mão de obra barata, dando início ao processo de sequestro dos sujeitos africanos para outros cantos do planeta:

Também no século XV a América foi invadida. A valorização de suas terras demandava mão de obra barata. A África sem defesa (frisamos que sua tecnologia e sua indústria de guerra eram relativamente menos desenvolvidas do que as europeias) apareceu, então, como reservatório humano apropriado, com um mínimo de gastos e riscos. Assim, o tráfico moderno dos escravizados negros tornou-se uma necessidade econômica antes da aparição da máquina (Revolução Industrial) (Munanga, 2020, p. 21).

Dessa forma, a invasão aos países africanos é o principal responsável pelos problemas enfrentados por eles na contemporaneidade. Foi a partir da colonização e, portanto, da escravização da população africana, que se deu a criação de raças, sendo a negra (africana) tido como inferior. Enquanto isso, a Europa era vista como a salvação desse povo, sobretudo se considerarmos o apelo do cristianismo. Assim, os europeus compreendiam homens e mulheres de Deus, enquanto mulheres e homens africanos eram os condenados que precisavam trabalhar arduamente para a sua salvação: “Cristianismo=civilização; paganismo = selvagerismo, das quais só poderiam resultar consequências colonialistas e racistas abomináveis, cujas vítimas deveriam ser os índios, os amarelos, os negros.” (Césaire, 2010, p. 14)

A respeito da criação das raças, Muganga (2020, p. 22) pontua o seguinte:

O negro torna-se então sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica. E, como ser humano toma sempre o cuidado de justificar sua conduta, a condição social do negro no mundo moderno criará uma literatura descritiva dos seus pretendidos caracteres menores. O espírito de muitas gerações europeias foi progressivamente alterado. A opinião ocidental cristaliza-se e admitia de antemão a verdade revelada negro = humanidade inferior.

No caso específico da Nigéria, houve mais de uma invasão. De início, os portugueses, no início do processo de escravização. Em seguida, no século XIX, a Inglaterra invade as regiões que precederam a Nigéria, que passa a vivenciar o colonialismo sob o peso do poder britânico. Para Fanon (2020), colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É uma violência em estado bruto e só pode inclinar-se diante de uma violência maior. Munanga (2020, p. 21-22) ainda diz:

A ocupação colonial efetiva da África pelo Ocidente no século XIX tentou dismantlar as suas antigas instituições políticas. Alguns reinos resistiram até hoje, embora num contexto totalmente diferente. Convencidos de sua superioridade, os europeus tinham *a priori* desprezo pelo mundo negro, apesar das riquezas que dele tiravam. A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas sociedades que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas da exploração predispuseram o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais.

Os nigerianos, que já haviam sofrido com o processo de escravização e, por consequência, com a desvalorização dos seus corpos, identidades e culturas, passaram a ter domínio direto da Inglaterra, que reproduziu as violências cometidas pelos portugueses. O modo de dominação inglesa era exercido de outra maneira, sendo pautado por métodos de violências muito mais estratégicos. O domínio acontecia de modo que, muitas vezes, nem mesmo os colonizados se davam conta disso:

Na história da África jamais se sucederam tantas e tão rápidas mudanças como durante o período entre 1880 e 1935. Na verdade, as mudanças mais importantes, mais espetaculares – e também mais trágicas –, ocorreram num lapso de tempo bem mais curto, de 1880 a 1910, marcado pela conquista e ocupação de quase todo o continente africano pelas potências imperialistas e, depois, pela instauração do sistema colonial. A fase posterior a 1910 caracterizou-se essencialmente pela consolidação e exploração do sistema (Boahen, 2010, p. 1).

Assim como Portugal, a Inglaterra também tinha como interesse não somente a dominação dos povos habitantes desses territórios invadidos, mas, também, a exploração de seus sujeitos na produção local de trabalho, uma vez que não poderiam mais continuar com o rapto desses corpos para outros continentes – não por terem boas intenções, mas pela proibição do tráfico de homens e mulheres africanas. É notório, também, que as populações africanas já lidavam com a extração de minerais, o que fazia com que a Inglaterra enriquecesse às custas do suor e do sangue desses indivíduos, assim como fizeram seus parceiros portugueses:

Um escravizado trabalhando na plantação, na colônia, chegava a ser 130 vezes mais lucrativo para a Inglaterra do que um inglês trabalhando no próprio país. Os benefícios do colonialismo europeu não eram apenas as companhias e as famílias ricas que participavam diretamente da extração das riquezas das colônias. Todas as outras classes, até as mais pobres, também se beneficiaram da elevação de padrão de vida, do desenvolvimento econômico e da transferência de trabalho pesado para as colônias [...] (Bento, 2022, p. 29).

Ao mesmo tempo em que havia a exploração dos corpos, a Inglaterra também estabeleceu seu domínio a partir da cultura: língua, religião e hábitos dos seus exploradores.

Diante disso, a cultura dos nigerianos, que fora enfraquecida pela escravização, foi desmontada (não sem resistência) em prol do imperialismo britânico. No caso da Nigéria, é necessário pontuar que durante a partilha das terras do continente africano, a Inglaterra, ao ficar com a posse da região, uniu numa mesma colônia todos os povos que viviam nas terras que compreendiam o seu território, desprezando – e aqui está uma das funções da colonização –, todos os povos étnicos distintos que existiam ali e, conseqüentemente, suas culturas e religiões. Sob esse viés, de acordo com Said (2011, p. 37), esse domínio imperialista respinga até hoje nas sociedades outrora colonizadas:

No entanto, pouquíssima atenção tem sido dedicada ao papel privilegiado, no meu entender, da cultura na experiência imperial moderna, e quase não se leva em conta o fato de que a extraordinária extensão mundial do imperialismo europeu clássico, do século XIX e começo do XX, ainda lança sombras consideráveis sobre nossa própria época. Em nossos dias, não existe praticamente nenhum norte-americano, africano, europeu, latino-americano, indiano, caribenho ou australiano - a lista é bem grande - que não tenha sido afetado pelos impérios do passado.

Quando se observa a África Ocidental e, por conseguinte, a Nigéria, é possível compreender características distintas em relação a outras terras colonizadas. O imperialismo britânico se estabeleceu ali a partir da construção de instituições que funcionaram como manutenção do poder europeu, dada por intermédio de escolas, igrejas e, inclusive, da literatura. Quando criança, a personagem Ifemelu vivenciou a violência causada pela religião em sua casa, através da sua mãe:

Jejuou tanto que ficou só pele e osso: não comia nem bebia nada nos fins de semana e, nos dias úteis, só bebia água até o início da noite. O pai de Ifemelu a observava, inquieto, implorando-lhe que comesse um pouco mais, jejuasse um pouco menos, sempre falando com cuidado para que ela não o chamasse de agente do demônio e o ignorasse, assim como fizera com uma prima que estava hospedada com eles. Durante meses a atmosfera parecia vidro rachado. Todos pisavam em ovos perto da mãe, que se tornara uma estranha, magra, ossuda e severa. Ifemelu temia que um dia ela simplesmente quebrasse ao meio e morresse (Adichie, 2014, p. 50).

Para tanto, Achebe (2012) rememora como aconteceu a penetração da Inglaterra na Nigéria, recorrendo a dispositivos que não somente mexeram com o modo de vida dessas populações, como culminaram numa série de difamações sobre essa nação africana:

A penetração britânica na África Ocidental na segunda metade do século XIX não foi conseguida apenas nos campos de batalha, como em Benin, mas também em casa, nas igrejas, escolas, jornais, romances etc., por meio da difamação da África e de seu povo. A franqueza daqueles que aparece perfeitamente em um editorial do *Times*, em Londres, manifestando indignação com a decisão da universidade de Durham de afiliar-se ao Fourah Bay College, da África Ocidental. O *Times* perguntava a Durham, explicitamente, se também poderia pensar na possibilidade de afiliar-se a um zoológico (Achebe, 2012, p. 67).

Com isso, os povos que viviam sob suas próprias formações sociais, linguísticas e religiosas passaram a conviver e compartilhar seus modos outros de viver. Dessa maneira, evidencia-se que, a partir disso, tenha iniciado parte dos conflitos que permeiam a sociedade nigeriana. Além do mais, foi essa Nigéria – a colonizada – que se tornou conhecida, assim como o restante de África: “Laura assentiu com ar de quem compreendia bem. ‘É horrível como as coisas estão na África.’” (Adichie, 2014, p. 161)

A justificativa principal e o modo de domínio dos colonizadores durante o processo de colonização perduram até hoje, reproduzidos por intermédio de discursos que compreendem

desde a geografia até o religioso: “Foi teológico: a teologia cristã é responsável por marcar no “sangue” a distinção entre cristãos, mouros e judeus.” (Mignolo, 2017, p. 5) A sociedade ocidental ainda observa a Nigéria partindo das mesmas construções: um lugar castigado e, por isso, seco e sem prosperidade, incivilizado. De acordo com Cesárie (2010), a colonização nunca foi uma ação impensada. A Europa já tinha como estratégia conquistar novos espaços:

[...] o que é, em seu princípio, a colonização? Reconhecer que ela não é evangelização, nem empreitada filantrópica, nem vontade de fazer retroceder as fronteiras da ignorância, da enfermidade, da tirania; nem a expansão de Deus, nem a extensão do direito; admitir de uma vez por todas, sem titubear pelas consequências, que na colonização o gesto decisivo é o do aventureiro e o do pirata, o do mercador e do armador, do caçador de ouro e do comerciante, o do apetite e da força, com a maléfica sombra projetada por trás por uma forma de civilização que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente, a estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial (Césaire, 2010, p. 13).

A partir desse momento, não somente a Nigéria, mas todo o continente africano, foi arrastado para a margem das sociedades pós-coloniais. Os corpos africanos foram marcados pelo processo de escravização, desgarrados de sua terra, cultura, língua e religião. Aos nigerianos que viveram na Nigéria após a independência, restaram-lhe viver sob diferentes conflitos, sobretudo étnicos, dada a união entre diferentes etnias durante a tomada pelos ingleses, causando, assim, um apagamento das diferenças:

É um aparato que se apoia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas. Sua função estratégica predominante é a criação de um espaço para ‘povos sujeitos’ através da produção de conhecimentos em termos dos quais se exerce vigilância e se estimula uma forma complexa de prazer/desprazer (Bhabha, 1998, p. 111).

No que se refere à religião, como já aludimos anteriormente, esta foi um dos principais métodos utilizados para subjugar os povos colonizados. Consequentemente, as novas gerações de nigerianos cresceram submetidos ao cristianismo como principal guia de vida, adotando modos de vida que giravam em torno dos preceitos dessa religião. A narrativa demonstra como a religião no país de Ifemelu servia ao machismo, melhor dizendo, ao controle dos corpos das meninas:

Irmã Ibinabo nunca ria, mas com frequência dava sorriso leve dos devotos. As mães a encaravam com reverência; levaram-lhe presentes e entregava-lhe as filhas para a aula dominical. Irmã Ibinabo, a salvadora das jovens. Pediam-lhe que conversasse com meninas que estavam com problemas ou davam trabalho. Algumas mães perguntavam se as filhas podiam morar com ela no apartamento atrás da igreja. Mas Ifemelu sempre sentira na irmã Ibinabo uma hostilidade fervorosa e enraizada contra as meninas. Irmã Ibinabo não gostava delas, apenas vigiava e amedrontava, como se ficasse ofendida por aquilo que ainda possuíam de fresco e que nela já secara havia muito tempo (Adichie, 2014, p. 59).

Homens e mulheres locais passaram a experienciar e reproduzir uma cultura eurocristã, a saber: machista, sexista e LGBTQIAfóbica. Nesse trecho da obra, percebe-se que até a irmã Ibinabo também é atingida por essas construções, uma vez que a narradora relata que a raiva dela contra as meninas provavelmente fosse por conta do peso da idade. Ou seja, ela encontrava-se em um momento da vida em que as mulheres são deixadas de lado em decorrência da idade, algo que não atinge da mesma forma os homens. O escritor quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015, p. 38-39) exemplifica como se deu a construção do discurso religioso no processo de colonização:

O povo eurocristão monoteísta, por ter um Deus onipotente, onisciente e onipresente, portanto único, inatingível, desterritorializado, acima de tudo e de todos, tende a se organizar de maneira exclusivista, vertical e/ou linear. Isso pelo fato de ao tentarem ver o seu Deus, olharem apenas em uma única direção. Por esse Deus ser masculino, também tendem a desenvolver sociedades mais homogêneas e patriarcais. Como acreditam em um Deus que não pode ser visto materialmente, se apegam muito em monismos objetivos e abstratos.

Esse método violento utilizado pelos colonizadores, baseado nos preceitos do cristianismo, não somente impôs a cultura europeia e tentou apagar completamente a cultura da população africana e dos povos indígenas, como também demonizou tudo que fosse características dessas populações. No próximo capítulo veremos como, na contemporaneidade, ainda são sustentados padrões estéticos relacionados à religião.

Ao retomarmos o processo de colonização, percebemos que, ao juntar todos os povos em um mesmo espaço, tinha-se como projeto diminuir os povos africanos e os classificar como todos iguais: “Os colonizadores, ao chamá-los apenas de ‘negros’, estavam utilizando a mesma estratégia usada contra os povos pindorâmicos de quebra da identidade por meio da técnica da domesticação.” (Santos, 2015, p. 16) Como exemplo disso temos o pouco conhecimento em torno da geografia do continente africano, bem como de sua grandiosidade cultural, linguística e até mesmo territorial: “Você fala em Senegal para os americanos e eles dizem: ‘Onde fica isso?’ Minha amiga de Burkina Fasso, eles perguntam para ela: ‘Seu país é na América Latina?’” (Adichie, 2014, p. 22-23)

Outro ponto a ser levantado é a construção da identidade nigeriana, problemática abordada por Munanga (2008, p. 110):

O problema é que nós sabemos que muitas destas identidades podem ser manipuladas na luta pelo poder. Por exemplo, muitos dos conflitos que hoje chamam-se de conflitos étnicos na África, do meu ponto de vista, são guerras civis, em que as pessoas manipulam as identidades étnicas ou regionais para ter acesso ao poder. Por isto, para o futuro de um povo, a primeira coisa fundamental é criar uma consciência nacional.

Eis um problema não resolvido pelos líderes que ocuparam historicamente o poder na Nigéria. Isso reverbera na estabilidade local, pois sempre há uma inclinação dos seus governantes em manter a nação com uma identidade cultural homogênea, assim como fizeram os colonialistas – algo que não tem funcionado na prática, porquanto, conforme já observamos, a Nigéria é um país de muitas identidades e modos distintos de viver. Ainda sobre os desafios enfrentados em torno da formação de uma identidade nacional, uma vez tendo conquistado a independência, os povos de África passaram a lidar com dois problemas essenciais: “O primeiro é pensar uma identidade nacional, uma consciência nacional. O outro é construir esta identidade respeitando a diversidade étnica ali presente.” (Munanga, 2008, p. 110)

Vale salientar que a independência da Nigéria somente ocorreu na década de 1960, muito mais tarde do que a independência de outros territórios colonizados: “Um gesto que, quando se olha para trás, parece um golpe de mestre: fazer uma retirada tática para conseguir uma suprema vantagem estratégica.” (Achebe, 2012, p. 48)

Após a independência, a narrativa apresenta a situação do pai de Ifemelu em busca de emprego. Isso inclui um grande esforço do personagem em falar um inglês polido e formal, o que causava espanto até nas empregadas. Veremos que a linguagem é marcada na narrativa como um elemento identitário e cultural importante e, por isso, é alvo constante das construções eurocêntricas. Portanto, retomaremos essa discussão em torno da linguagem e a personagem Ifemelu, propriamente dita, no subcapítulo 3.1. Deste modo, é possível identificar não apenas a maneira como a cultura inglesa ronda a sociedade nigeriana, mas como, ao mesmo tempo, dificulta a manutenção da cultura ancestral:

Às vezes, Ifemelu o imaginava numa sala de aula dos anos 1950, um colonizado entusiasmado demais num um uniforme escolar de algodão barato, tamanho errado, esforçando-se para impressionar os professores missionários. Até a caligrafia dele era afetada, cheia de curvas e floreios, com uma elegância uniforme que parecia impressa (Adichie, 2014, p. 56).

Esse era um meio de se sobressair, uma vez que a cultura nigeriana foi construída como sendo inferior. Logo, aparentava ser mais inteligente aquele que reproduzia a cultura do europeu, pois era preciso parecer civilizado aos moldes da cultura eurocêntrica. À vista disso, Fanon (2008, p. 34) evoca sobre a necessidade que os sujeitos colonizados mantinham em assimilar os valores da metrópole, ou seja, dos colonizadores:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.

Somado ao colonialismo inglês, a Nigéria mergulhou em uma ditadura militar na década de 1990, período em que se passa a ficção. Com isso, é possível constatar, na trama do romance, problemas políticos e econômicos que atingiram o país naquela década:

As greves agora eram comuns. Nos jornais, os professores da universidade listavam suas reivindicações e os acordos que eram destroçados por membros do governo cujo filhos estudavam no exterior. As universidades ficaram vazias, nas salas de aula sem vida. Os alunos torciam por greves curtas, pois sabiam que seria impossível não haver greve nenhuma. Todos estavam falando em ir embora do país (Adichie, 2014, p. 109).

O fato de as universidades estarem à mercê das greves é um problema que atinge diretamente a população, sobretudo os mais jovens. Sob esse ponto de vista, a educação é a mais atingida em sociedades que, tal como a nigeriana, se desenvolveram sob a égide do sistema colonial e imperial. Afinal de contas, o autoritarismo tem como projeto fazer com que a população não pense criticamente. Cabe nesse momento dialogarmos com outro importante romance de Adichie, *Hibisco roxo*, de 2011, cujas problemáticas nele abordadas dialogam com *Americanah*. Dentre elas consta as greves nas universidades, sinal do desmonte da educação superior na Nigéria. Isso nos permite compreender a tamanha importância dada ao tema pela autora em suas duas obras. Evidencia-se, portanto, diante das representações impostas por esses romances, alguns dos problemas que o colonialismo gerou na Nigéria, realçado na década de 1990 pela ditadura militar. Em desabafo feito por uma das personagens, o pai de Ginika, amiga de Ifemelu, diz:

Não somos gado. Esse regime está nos tratando como gado e estamos começando a nos comportar como gado. Não consigo pesquisar direito há anos, porque passo todos os dias organizando greves, falando dos salários que não são pagos e do fato de que não há giz nas salas de aula (Adichie, 2014, p. 74).

Além do mais, são as populações mais pobres que sofrem com os problemas que atingem o sistema educacional. O pai de Ifemelu fazia parte das estatísticas: um homem que, apesar de utilizar o inglês tal qual os ingleses, somente tinha concluído o ensino médio, o que o fazia se sentir culpado por não ter conseguido prosperar economicamente em seu país:

Ele era assombrado pelo que não tinha – um diploma, uma vida de classe média alta – e, por isso, suas palavras empoladas se tornaram uma armadura. Ifemelu preferia quando o pai falava igbo; eram as únicas ocasiões em que parecia não ter consciência de suas ansiedades. Perder o emprego deixou-o mais silencioso, surgiu uma parede fina entre ele e o mundo. Já não resmungava ‘país de melífluos incuráveis’ quando começara o noticiário da noite na NTA, não fazia longos monólogos sobre como o governo de Babangida reduzira os nigerianos a idiotas imprudentes, não brincava com a mulher (Adichie, 2014, p. 56).

Essas problemáticas tornaram-se comuns em países outrora colonizados. Eles tentam prosperar, seguir em frente, sobretudo recorrendo ao povo, mas, em sua grande maioria, não conseguem, pois, quem está no poder reproduz o sistema deixado pelos colonizadores. Apesar de tentar se adaptar à cultura inglesa, o trecho acima deixa evidente que ele possui consciência quanto ao regime e às dificuldades vividas na Nigéria:

Reconheço, de fato, que de modo geral há três componentes para a equação do desenvolvimento nacional: o sistema, o líder e os seguidores. Em um mundo ideal, cada um deles se mesclaria aos outros perfeitamente e com eficiência. Mas é bem claro que a Nigéria não está em um mundo assim, nem sequer a caminho dele. Na verdade, ela parece estar seguindo na direção oposta, rumo a um mundo de maus sistemas, má liderança e maus seguidores. A pergunta, então, é a seguinte: como fazer para redirecionar nossos passos rapidamente? Ou seja, por onde começamos para ter a melhor chance de sucesso? Seria melhor mudar o sistema nigeriano, mudar o estilo de liderança nigeriano ou mudar o coração dos 120 milhões de nigerianos? (Munanga, 2008, p. 141-142)

Os questionamentos trazidos por Munanga (2008) aludem para a situação de um país que caminha sob o sistema colonialista, em que a má administração, a corrupção e a disputa por poder ficaram como herança para aqueles que hoje lideram o país. Isso implica, conseqüentemente, em uma sociedade amarrada a ideais imperialistas. Para além disso, faz com que a própria sociedade não raro prefira o período em que a Nigéria estava sob o poder britânico:

Hoje, a independência nacional, formação nacional nas regiões subdesenvolvidas assumem aspectos totalmente novos. Nessas regiões, excetuadas algumas realizações espetaculares, os diversos países apresentam a mesma ausência de infraestrutura. As massas lutam contra a mesma miséria, debatendo-se com os mesmos gestos e desenham com seus estômagos encolhidos o que se pode chamar de geografia da fome. Mundo subdesenvolvido, mundo da miséria e desumano. Mundo também sem médicos, sem engenheiros, sem administradores (Fanon, 2022, p. 92).

Atormentados pela sombra da colonização, os nigerianos vivem entre o amor pela sua terra e o amor pela cultura eurocristã, acometidos pela devoção aos responsáveis por suas feridas: “O país estava sedento de esperança, com carros parados durante dias em longas e suarentas filas para comprar gasolina, [...] professores se reunindo para anunciar mais uma greve. Mas tia Uju não queria sair do país; [...] agarrava-se firmemente a esse sonho. (Adichie, 2014, p. 54).

No que se refere ao imperialismo na pós-colonialidade, alguns países assumiram tal papel, em especial os Estados Unidos da América. Tendo isso em vista, esse país passa a ser o principal destino para a personagem Ifemelu. Sendo assim, de agora em diante, a análise se voltará para a trajetória da personagem em espaços específicos dos Estados Unidos, com o intuito de compreendemos a relação entre esses espaços, a saber: Brooklyn (New York), Filadélfia e Baltimore. Além disso, identificarmos de que forma as opressões de raça, gênero e

xenofobia operaram de forma conjunta na marginalização da personagem. Para isso, traremos nos respectivos subcapítulos a linguagem e o cabelo como motes centrais na geração de violências, uma vez que são elementos que a fazem ser identificada com uma mulher negra e nigeriana nos Estados Unidos, sociedade que valoriza, acima de tudo, os padrões da branquitude.

3 CORPO E ESPAÇO: A MARCAÇÃO DA MARGINALIZAÇÃO DE UMA IMIGRANTE EM *AMERICANAH*

Mesmo nos períodos mais adversos da escravização elas buscaram alternativas de sobrevivência nas brechas do sistema; a insubmissão, explícita ou velada, foi uma das armas mais utilizadas neste processo e garantiu pequenas vantagens.

Florentina da Silva Souza (2021, p. 43)

A partir de agora, aprofundaremos a relação entre os espaços e a personagem Ifemelu para tentar compreender, num primeiro momento, a abordagem dos espaços na narrativa de *Americanah* e a relação dos mesmos com a trajetória de sua protagonista nos Estados Unidos. Além disso, analisar de que forma as cidades e os bairros presentes no romance expressam a segregação da personagem enquanto mulher negra e imigrante. Somado à divisão racial do espaço, trataremos a respeito, aqui, de dois marcadores identitários que incidem na marginalização de Ifemelu: a linguagem e o cabelo. Para tanto, servirão como apoio teórico-metodológico autores e autoras da teoria e crítica literária e dos Estudos Culturais. Faz-se importante, também, o conceito de interseccionalidade, que nos ajudará a compreender as intersecções entre raça, gênero e xenofobia que condicionam as opressões enfrentadas por Ifemelu.

Os espaços apresentados em *Americanah* se caracterizam por suas relações diretas com a trajetória da personagem Ifemelu na narrativa. São espaços formados a partir de características que interferem não somente no posicionamento da protagonista, como, também, no desencadeamento dos conflitos que a atravessam. Para compreendermos de que modo esses espaços foram construídos e de que forma suas características físicas se relacionam com esse corpo imigrante, daremos atenção às cidades, sobretudo a bairros específicos, representados no período em que Ifemelu viveu nos Estados Unidos. Por serem cidades/espaços distintos, observaremos que, em função disso, sua trajetória é marcada por mudanças. Isto é, não existe uma linearidade em sua trajetória, já que cada espaço apresentado na narrativa é formado por questões distintas, interferindo, assim, nas experiências de Ifemelu.

Esses espaços, como buscaremos compreender, influenciam nas experiências da personagem, mesmo que com algumas semelhanças, como é o caso do Brooklyn e da Filadélfia. Nas palavras de Mata (2023), parece produtivo, com efeito, solapar geografias estritamente

nacionais para reter a complexidade dos corpos e obras que captam diferentes experiências do mundo vazadas em escritas em trânsito. Sob essa conjuntura, Barbieri (2008, p. 2) compreende que o espaço deixa de ser

[...] um elemento necessário apenas à contextualização e o pano de fundo para os acontecimentos – e passa a ser um agente ativo: o espaço, o lugar como um articulador da história. A percepção deste pela personagem e seu percurso dão ao leitor uma maior compreensão da constituição de ambos e ampliam as possibilidades de significação do texto.

À luz dessa afirmação, é impossível pensar nesses espaços presentes em *Americanah* como estruturas passivas (ou apáticas) diante do corpo representado. Portanto, neste capítulo, “interpretamos espaço como meio, força modeladora da vida social e, simultaneamente, resultado, produto das relações sociais” (Brandão, 2005, p. 40). Desta maneira, não pretendemos analisar os espaços construídos no romance como se fossem uma cópia real das cidades estadunidenses. Diante da construção fictícia, a autora nos permite ensejar discussões que partem da construção estética da obra, mas, também, levam em conta aspectos sociológicos e históricos a respeito da relação entre esses lugares e a personagem. Isso se dá à medida em que a literatura nigeriana de Adichie se configura como uma importante ferramenta de reflexão contra o sistema eurocêntrico:

[...] quando consideram, nas entrelinhas do seu diverso e variado corpo de reflexões sobre produções dessas geografias culturais, que o estudo do lugar de cada produção estética passa, também, por uma reflexão sobre o percurso cultural de uma geração ou uma nação. No caso do estudo da literatura, é preciso não esquecer, antes de qualquer rótulo (local, regional), que o escritor é um sujeito do seu tempo e que ‘a literatura é produção social, parte integrante de uma realidade e de uma história nunca neutras’ (Mata, 2014, p. 34).

Para essa discussão a respeito do espaço em *Americanah*, nos apoiaremos na ideia abordada por Borges Filho (2007, p. 15), quando este entende espaço “como um conceito amplo que abarcaria tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações. Esse espaço seria composto de cenário, natureza e ambiente”.

As representações de grandes cidades têm tido uma certa relevância nas literaturas contemporâneas, especialmente nas literaturas que tratam de personagens que experienciam a imigração, como Ifemelu. Todavia, ainda assim, o tratamento dado à análise da construção desses espaços nas narrativas pela crítica literária não tem ocorrido em grandes proporções. Sobretudo, quando esses espaços representados – já conhecidos do público – são abordados, na obra literária, a partir do olhar de uma autora que construiu, diante do seu posicionamento no mundo, espaços que agora serão vistos pelos leitores sob uma nova perspectiva, não mais pela

ótica da hegemonia. Em *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*, Gomes (2008, p. 38) diz que “esse sujeito (re)constrói a cidade enquanto texto e se inscreve nele, engendrando, em meio a este amontoado de signos da superfície da folhapergaminho, um traçado de uma possível legibilidade”. Ao tratar sobre a recorrência da representação das cidades como espaços centrais nos romances contemporâneos, Brandão (2005, p. 43) salienta isto:

Não é aleatório, portanto, o fato de a literatura contemporânea eleger a grande cidade como referência privilegiada. A cidade surge não apenas como cenário para desenrolar de um enredo, mas como agente determinante da significação da narrativa como um todo. A cidade surge, assim, como personagem.

A narrativa em *Americanah* se inicia quinze anos depois da personagem protagonista estar vivendo nos Estados Unidos. No entanto, Ifemelu está se preparando para retornar à Nigéria e, para isso, decide fazer tranças num Salão Especializado em Tranças Africanas que fica em Trenton, único lugar mais próximo, segundo a narradora, que tem esse tipo de salão. É durante o trajeto até esse local que a narradora nos apresenta a visão da personagem em relação a alguns espaços nos quais ela permaneceu ao longo dos anos em que viveu nos Estados Unidos. Logo na primeira página já nos deparamos com as descrições:

Princeton no verão não tinha cheiro de nada e, embora Ifemelu gostasse do verde tranquilo das diversas árvores, das ruas limpas, das casas imponentes, das lojas delicadas e caras demais e do ar calmo de quem sabia merecer a graça alcançada, era isso, a falta de cheiro, que mais lhe agradava, talvez porque todas as outras cidades americanas que conhecia tinham um cheiro bem peculiar. A Filadélfia tinha o odor embolorado da história. New Haven cheirava a abandono. Baltimore cheirava a salmoura. O Brooklyn, a lixo esquentado pelo sol. Gostava de observar os moradores da cidade, que dirigiam fazendo questão de mostrar que eram educados e estacionavam seus carros de último modelo diante do hotifrúti orgânico na Nassau Street [...]. E acima de tudo, gostava do fato de que, nesse lugar de conforto afluente, podia fingir ser outra pessoa, alguém que tivera acesso a esse sagrado clube americano, alguém com adornos de certeza (Adichie, 2014, p. 9).

O modo como esses espaços são apresentados no romance, logo de início, já prenuncia a relação da personagem com essas cidades. Parafraseando Gomes (2008), o texto é o relato sensível das formas de ver a cidade – não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas. Dito isto, compreendemos que o cheiro se apresenta na narrativa como um importante recurso estilístico utilizado pela autora para a caracterização desses espaços no enredo. Em outras palavras, indica qual o grau de importância dessas cidades na construção da narrativa – ou, ainda, já que estamos tratando sobre

a relação desses espaços e a personagem, qual o significado dessas cidades para Ifemelu. Como salienta Dalcastagnè (2003, p. 13):

Observar o modo como a cidade é descrita, qual sua relevância dentro do texto e em relação ao universo social. Mas importa, sobretudo, desvendar como esses espaços – tão fortemente vinculados ao mundo exterior – se constitui em dentro da narrativa, como são aproveitados para a definição das personagens e de suas relações com o tempo circundante.

Sob esse contexto, estando o cheiro conectado à memória, lembramos de algo que nos marcou de alguma forma, seja positivamente ou negativamente. Portanto, é notório que esses espaços não tenham sido construídos apenas como pano de fundo, mas que possuam grande influência no desenvolvimento da narrativa. São espaços que, além de serem lembrados pela personagem por conta de seus cheiros distintos, são nomeados, desde as cidades até às ruas, avenidas e lojas, com minuciosidade descritiva, demonstrando, assim, a importância dessas cidades (espaços) no desenvolvimento da trajetória da personagem. Entendemos, nesse sentido, que essa é uma forma que caracteriza a abordagem espacial em *Americanah*. À vista disso, continua Barbieri (2008, p. 16):

O comportamento das personagens, o ritmo do texto, o espaço criado, enfim, uma série de recursos que, percebidos como um todo, podem gerar sensações de suspense, melancolia, tristeza, como se fosse possível antever o que irá acontecer nas linhas seguintes.

Uma vez que esses espaços não são colocados na obra apenas como cenário, essas características mencionadas acima também marcam, ou melhor, representam a marginalização não somente dos espaços, mas da personagem. Se observamos, Princeton é a única cidade que, segundo a narradora, não tem cheiro de nada. Posteriormente, descobrimos que é uma cidade organizada que comporta indivíduos ricos, detentores de carros de luxo; ademais, a existência de um hortifruti orgânico com produtos caros à venda, algo que também simboliza *status*. Diante disso, Ifemelu se distingue desse espaço, pois pertence a uma classe social mais baixa, como a própria narradora coloca: “[...] nesse lugar de conforto afluente, podia fingir ser outra pessoa e pertencer a esse sagrado clube americano.” (Adichie, 2014, p. 9)

Ao contrário do conforto momentâneo causado por Princeton, vemos que os outros espaços possuem cheiro, não muito agradável, por sinal; em especial o Brooklyn, que tinha o cheiro de lixo esquentado pelo sol. A partir disso, é possível imaginar um espaço não muito limpo e mais periférico. Foi em Nova York, precisamente no Brooklyn, que Ifemelu se estabeleceu quando chegou aos Estados Unidos. Por conseguinte, suas primeiras experiências foram construídas nesse espaço, que, pela relação feita com o cheiro, não era como a

personagem imaginava quando ainda sonhava em viver no país. Em um dos trechos, observamos a forma como Ifemelu se relacionou no primeiro dia em que chegou:

Ifemelu não conseguiu dormir, sua mente estava alerta demais à novidade de tudo e esperou até ouvir o ronco da tia Uju para sair do quarto e ascender a luz da cozinha. Uma barata gorda estava na parede ao lado dos armários, movendo-se um pouco para cima e um pouco para baixo, como quem respira fundo. Se tivesse em sua cozinha em Lagos, Ifemelu teria procurado uma vassoura para matá-la, mas deixou a barata americana em paz e foi postar-se diante da janela da sala. Tia Uju tinha dito que aquela parte do Brooklyn chamava Flatlands. A rua lá embaixo mal iluminada, ladeada não por árvores frondosas, mas por carros estacionados bem próximos uns dos outros, muito diferente da rua bonita do *Cosby Show*. Ifemelu ficou ali por bastante tempo, e com o corpo inseguro, tomada por uma sensação de novidade (Adichie, 2014, p. 117).

Pelo fato da sua tia Uju já viver lá, não foi à toa que o Brooklyn se estabeleceu como a primeira morada de Ifemelu. Assim como a protagonista, Uju também é uma mulher nigeriana; logo, observa-se que esse espaço é visto como destino para mulheres como Ifemelu, que carregam consigo identidades que estabelecem a marginalização de seu corpo nos Estados Unidos, e, conseqüentemente, para quais cidades ou regiões elas são direcionadas. Por esse motivo, existe uma dependência entre esse espaço e a personagem, a existência de um depende da existência da outra na narrativa; isto é, somente existem espaços marginalizados à medida em que há a construção de corpos marginalizados: “Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos campos da cidade.” (Gonzalez, 2020, p. 84-85)

À luz do que aponta Gonzalez, é importante compreender que a degradação desses espaços retratados no romance, como a sujeira e o mal cheiro, acena para algo importante que marca essas cidades, onde determinados sujeitos se estabelecem, como, por exemplo, o descaso do Estado. Em outras palavras, o próprio país criou esses espaços físicos (cidades, bairros) marcados pela segregação; uma vez que existem espaços direcionados para os pobres e outros para os ricos, certamente aqueles lugares são menos cuidados pelo Poder Público do que estes últimos: “A cidadania inclui dados políticos e propósitos jurídicos.” (Santos, 1996/1997, p. 134). Ou, como ainda descreve Fanon (2022, p. 35), “é um lugar mal-afamado povoado de homens mal-afamados. As pessoas ali nascem em qualquer lugar, de qualquer jeito. E as pessoas ali morrem em qualquer lugar, de qualquer coisa. [...] Os homens se apertam uns contra os outros, as cabanas, umas contra as outras”.

Melhor dizendo, esses sujeitos ocupam a zona do não-ser; o espaço, tanto físico quanto simbólico, acaba sendo direcionado para a população negra e imigrante. Como enseja Fanon (2022), a existência do mundo dividido em dois, no qual fica patente que o que divide esse

mundo, antes de mais nada, é o fato de pertencer a tal espécie: “A causa é consequência: a pessoa é rica porque é branca, é branca porque é rica.” (Fanon, 2022, p. 36)

Em um trecho de *Americanah*, observa-se essas diferenças à medida em que a “população negra e gorda” descia nas proximidades do Brooklyn, enquanto a população “branca e magra” descia em Manhattan:

A plataforma estava repleta de pessoas negras, muitas delas gordas, em roupas curtas e leves. Ifemelu ainda ficava espantada com a diferença que alguns minutos no trem faziam. Durante seu primeiro ano nos Estados Unidos, quando pegava o trem da New Jersey Transit até a Penn Station em Nova York e depois o metrô para visitar tia Uju em Flatlands, no Brooklyn, ficava impressionada ao ver como a maior parte das pessoas brancas e magras descia nas estações de Manhattan, e, conforme o metrô ia se aproximando do Brooklyn, só ia sobrando as negras e gordas (Adichie, 2014, p. 12).

Com isso, contrariamos o discurso de que o mal cuidado com esses espaços tem a sua gênese relacionada à população mais pobre. Pelo contrário, vê-se na narrativa que a falta de cuidado com esses espaços se conecta com o tipo de sujeito que vive nele. Isso também faz com que as casas nesses bairros mais marginalizados sejam mais baratas, tornando-os, assim, uma possibilidade de moradia. Por essa razão, de todos os bairros de New York, a personagem não tem outra alternativa a não ser viver por um tempo no Brooklyn, mais precisamente em Flatlands. Em referência a esse argumento, Nascimento (2022, p. 97-98) descreve por quais sujeitos é formada a América, mais precisamente a América do Norte:

Há na América homossexuais – hispânicos, brancos, negros, nas variadas variações de muitos mais outros, de outras etnias ou nacionalidades. Diferenças múltiplas podem acontecer no seio de uma minoria, de modo que seu espaço é muito maior do que se pode imaginar. Seria necessária uma extensa cartografia para compreender os indivíduos dentro desses grandes blocos chamado minorias – mulheres negras, por exemplo, homossexuais negros e uma grande série de diferenças.

A marcação social desse espaço na narrativa é observada também a partir da comparação que a personagem faz entre a rua do *Cosby Show* e a rua onde mora com a tia Uju. *Cosby Show* foi um seriado de TV famoso nos anos 1980, o qual girava em torno de uma família negra de classe média alta que vivia no Brooklyn. Dessa maneira, esse seriado não representava a realidade da maioria das populações negras que vivem no Brooklyn. Aqui, podemos evocar que Ifemelu foi iludida com a história única sobre os Estados Unidos.

Ainda durante sua trajetória até o “Salão Especializado em Tranças Africanas Mariama”, embora fosse sua primeira vez ali, Ifemelu esperava que ele guardasse semelhanças com outros salões nos quais tinha ido antes:

Era a primeira vez que ia lá – seu salão de costume havia fechado porque a dona voltava para a Costa do Marfim para se casar –, mas Ifemelu tinha certeza de que ia

ter a mesma aparência de todos os outros salões especializados em tranças africanas que já vira. Ficavam na parte da cidade onde havia muros pichados, prédios cujo o interior era escuro e úmido e onde não se via nem uma pessoa branca; tinham letreiros coloridos com nomes como Salão Especializado em Tranças Africanas Aisha ou Fátima, tinham aquecedores que faziam as temperaturas subir demais no inverno e aparelhos de ar condicionado que não esfriavam o ar no verão, e estavam repletos de funcionárias francófonas da África Ocidental, sendo que uma delas seria a proprietária, aquela que falava inglês melhor, atendia o telefone e era respeitada pelas outras (Adichie, 2014, p. 16).

Por essa razão, salientamos que os espaços caracterizados na narrativa, sobretudo as cidades por onde Ifemelu transitou, incidem na marginalização do seu corpo. A despeito do isolamento racial do espaço, Kilomba (2019, p. 170) constata que “tal isolamento racial revela o quão restrito é o acesso que pessoas *negras* têm chamado ‘bairros integrados’, que oferecem melhores condições de vida e de educação. ‘Onde você pode ver pessoas *negras*? E onde não?’ A segregação habitacional baseada na ‘raça’ existe [...]”.

Por esse motivo, vemos na narrativa que, para realizar um penteado associado a pessoas africanas, como as tranças, é preciso que ela se desloque para outros lugares, geralmente situados em espaços desvalorizados da cidade, diferentes, por exemplo, daquela rua descrita anteriormente, localizada em Princeton – retomaremos essa discussão mais adiante. Por hora, o salão torna-se importante pela sua estrutura física e localização dentro da narrativa: “Não era surpreendente que não houvesse um salão especializado em Princeton – os poucos negros que ela vira ali tinham a pele tão clara e o cabelo tão liso que era difícil imaginá-los usando tranças.” (Adichie, 2014, p. 10)⁶

Ainda a respeito do salão, este nos é apresentado com detalhes quanto ao seu estado estrutural:

‘Chegamos!’, disse ele, estacionando diante de um quarteirão cheio de construções velhas. O salão ficava no meio, entre um restaurante chinês chamado Happy Joy e uma loja de conveniência que vendia bilhetes de loteria. Lá dentro, o cômodo era o retrato do descaso, com a pintura descascada e as paredes cobertas de cartazes grandes que mostravam diversos penteados com tranças e cartazes menores com os dizeres DEVOLUÇÃO DE IMPOSTO RÁPIDA (Adichie, 2014, p. 16).

Não é por acaso que um salão especializado em tranças africanas esteja localizado num lugar longe dos centros, bem como sua estrutura conste como deteriorada. Trata-se de um negócio que se movimenta somente a partir do uso, sobretudo, de mulheres como a personagem Ifemelu; logo, é um local que não é valorizado pela maioria das pessoas detentoras de poder

⁶ Vale ressaltar que, neste momento, a análise se volta para a divisão racial do espaço, a partir de sua localização e características físicas; logo, o salão se apresenta como uma característica relevante dessa problemática. No entanto, com relação à temática do cabelo propriamente dita, esta será abordada no subcapítulo 3.2.

nessas cidades, os sujeitos brancos. Afinal, eles, que constituem a maioria pertencente à classe média alta dos grandes centros urbanos, não usam tranças africanas. Kilomba (2019, p. 114) relembra o seguinte:

O que, de fato queriam é nos imaginar vivendo em outro país, não lá, mas fora, em nossa própria República. Excluídas/os duas vezes. Duplamente colocadas/os como ‘*Outra/o*’. Então, toda vez que deixávamos nossa república, ou gueto, éramos interpeladas/os: ‘De onde você vem?’ como um lembrete de onde deveríamos estar.

Assim como Kilomba, a socióloga brasileira Lélia Gonzalez já alertava, na década de 1980, como as sociedades se desenvolveram não somente com base nas desigualdades raciais, mas como essas diferenças raciais foram e continuam sendo marcadas pelas estruturas físicas das cidades:

Desde a casa-grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagamentos e conjuntos ‘habitacionais’ [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço [...]. No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são precárias (Gonzalez, 2020, p. 85).

Somado a isso, muitas mulheres negras deixam de trançar o cabelo por medo da exclusão, sobretudo no mercado de trabalho. Por isso, vale lembrar que a personagem vai trançar o cabelo apenas quando está a retornar para a Nigéria, sua terra natal, espaço em que sua negritude não é um problema. Para além de Princeton e Brooklyn, outra cidade que se caracteriza como de suma importância na narrativa é a Filadélfia, onde Ifemelu passou a viver depois que iniciou a graduação. Foi nesse espaço que a personagem depositou todas as suas expectativas em relação aos Estados Unidos. Seria o momento em que, de fato, ela conheceria a verdadeira América:

Ifemelu ansiava pela vida que mostravam, cheia de alegria, onde todos os problemas tinham soluções cintilantes na forma de xampus, carros e comidas embaladas. Em sua mente, eles se tornaram a América real, a América que ela só conheceria quando se mudasse no outono para a faculdade (Adichie, 2014, p. 125).

A imaginação da personagem projetava um espaço que fosse diferente do que ela tinha experienciado no Brooklyn, New York. Percebe-se, desta forma, que *Americanah* utiliza de determinados aspectos para caracterizar esse espaço ensejado pela personagem como estando associado ao consumismo, algo comum às sociedades contemporâneas e que é capturado pela narrativa. Os xampus, carros e comidas embaladas representam a falsa sensação de conforto construída pelo sistema capitalista, de que tudo é pronto, sem muito esforço; ou melhor, de que todas e todos, inclusive ela, poderiam ter acesso: “Estas sempre estiveram associadas à

capacidade de apropriação de bens de consumo e à maneira de usá-los, mas supunha-se que essas diferenças eram compensadas pela igualdade em direitos [...]” (Canclini, 2005, p. 29)

No entanto, na contramão do que almejava, Ifemelu conheceu uma Filadélfia que se diferenciava dessa “verdadeira América”. Assim é a Filadélfia:

A Filadélfia tinha o cheiro de sol de verão, de asfalto queimado, de carne grelhada em carrinhos de comida aninhados nas esquinas, com estrangeiros morenos, homens e mulheres, trabalhando debruçados lá dentro. Ifemelu passaria a gostar dos *gyros* que eram vendidos nesses carrinhos, feitos de pão pita, cordeiro e molhos que pingavam, assim como passaria a amar a própria Filadélfia. A cidade não trazia o espectro de intimidação como Manhattan, era um lugar íntimo, mas não provinciano, uma cidade que poderia ser gentil (Adichie, 2014, p. 134).

Embora a Filadélfia não tenha se mostrado tal como em sua imaginação, esse espaço se concretizou para Ifemelu como um lugar que, apesar dos conflitos e das dificuldades enfrentadas por ela, tratava-se de uma cidade constituída por homens e mulheres mais parecidos consigo, e que talvez compartilhem das mesmas experiências. Pessoas que, assim como Ifemelu, estavam ali para sobreviver, aspirando algo melhor: “Em grande número, acabam por acreditar na ‘mensagem’ do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os ‘bens’ e onde as chances de sobrevivência são maiores.” (Hall, 1997, p. 81).

O sistema racista, juntamente com o capitalismo, marca a marginalização da personagem, pois a mesma faz parte de uma grande maioria que não possui poder aquisitivo, principal símbolo de *status* dentro do sistema capitalista: “Nos países colonizados, ele tem tudo a perder. Na verdade, ele representa a fração do povo colonizado necessária e insubstituível para o bom andamento da máquina colonial.” (Fanon, 2022, p. 126)

Logo nos primeiros dias no Brooklyn, Ifemelu já se dera conta de que o poder de compra era mínimo para mulheres na situação dela e de sua tia Uju:

No supermercado, tia Uju nunca comprava o que precisava; comprava o que estava em promoção e se obrigava a precisar daquilo. Pegava o folheto colorido na entrada do Key Food e ia procurar os itens em liquidação em cada corredor, enquanto Ifemelu empurrava o carrinho e Dike caminhava ao lado. ‘Mamãe, eu gosto desse. Compre o azul’, disse Dike quando tia Uju colocou caixas de cereal no carrinho. ‘Esse aqui é compre um, leve dois’, disse tia Uju. ‘Mas o gosto é ruim.’ (Adichie, 2014, p. 119)

Não esqueçamos que a personagem é uma menina-mulher nigeriana que, há 15 anos, deixou seu país para estudar e trabalhar nos Estados Unidos. Nesse ínterim, vale sublinhar que os espaços ficcionais retratados na obra de algum modo retratam características sob o olhar de uma escritora nigeriana, características essas que permeiam tais espaços fora da narrativa. Novamente, Barbieri (2008, p. 15) acentua:

Essa simples menção dá ao texto um caráter realista, além de construir um espaço que também é história e que traz consigo outras informações. Porém, vale lembrar que, uma vez colocada em um texto, essa referência deixa de ser aquele espaço e tampouco passa a ser uma reprodução do próprio mundo real, mas trata-se de uma leitura e do modo particular de um autor perceber esses lugares referenciados [...]. Essa é uma das essências da ficção.

Face o exposto, após a discussão tratada até aqui neste capítulo, no qual buscamos analisar a relação entre os espaços e a marcação da marginalização da personagem, tentaremos traçar adiante uma discussão a respeito dos conflitos que atravessam Ifemelu nessas cidades, especialmente na Filadélfia, lugar em que viveu por mais tempo e, conseqüentemente, onde enfrentou grande parte dos desafios enquanto residiu no Estados Unidos.

A partir de agora, tentaremos compreender, para além da relação entre o espaço físico e a marginalização da personagem no romance, como os conflitos raciais, de gênero e xenofobia permeiam a trajetória de Ifemelu nesses espaços, em especial a Filadélfia. Utilizamos as palavras de Souza (2021) para reafirmar que autoras como Chimamanda Ngozi Adichie perfazem exercícios de reescrita de suas histórias, nos quais lidam com duas importantes categorias atuantes na configuração de suas identidades: o racismo e o sexismo, que insistem em tentar desvalorizar, ignorar os atributos da mulher negra.

Assim como as descrições físicas dos espaços, é a partir da visão da narradora que os leitores têm acesso a todos os acontecimentos e sentimentos de Ifemelu e aos conflitos vividos por ela. Além disso, a narradora possui posicionamentos que nos levam a crer que ela possui uma certa sensibilidade diante dos conflitos e violências sofridas pela personagem. Em função disso, é possível que seja uma voz feminina, algo importante, uma vez que há a quebra da hegemonia masculina no interior da narrativa: “A ele são dados os papéis mais subalternos, seja relacionado ainda ao sistema escravista, sejam relacionados ao sistema moderno de alocação de mão de obra.” (Nascimento, 2022, p. 112)

É diante disso que Adichie anuncia outra visão acerca dessas cidades. Ou seja, isso se dá não somente a partir dessa narradora – que, conforme já dito, se inclina para uma observação consciente e crítica sobre os espaços –, mas, também, sob a perspectiva de uma personagem caracterizada a partir de sua marcação racial, de gênero e de classe social nessas cidades estadunidenses. Isso desde Princeton, cidade visivelmente elitista segundo a descrição feita pela narradora, até bairros e cidades mais pobres como o Brooklyn e a Filadélfia. Todavia, lembramos, a partir de Collins (2019), que isso não significa que todos os afro-americanos tenham sido pobres nem que maioria ainda o seja. Porém, a diversidade entre os negros

estadunidenses no que diz respeito às opressões interseccionais de raça e classe sofridas ao longo da história não apaga a relação fundamental de injustiça.

Sob esse contexto, este trabalho novamente ressalta que *Americanah* se distingue pela construção de uma narrativa a qual parte da visão de quem está nas beiradas dos Estados Unidos, daqueles que, semelhantemente à personagem, tiveram que percorrer tais espaços, desde os construídos socialmente para eles até àqueles que os renegam: “Mais do que nunca, a personagem transporta seu próprio espaço.” (Dalcastagnè, 2012, p. 76)

Em razão disso, de agora em diante nos debruçaremos sobre os conflitos enfrentados pela personagem Ifemelu nos espaços nos quais foi viver após ter iniciado o curso de graduação na universidade. Esse momento da narrativa é de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, pois tentaremos compreender de que forma a personagem se rearranjou nesses espaços durante sua jornada nos Estados Unidos. Além disso, é a partir desse momento (de ida para a universidade) que Ifemelu fica sozinha, longe de sua tia Uju, única parente naquele país.

Como já anunciado, a Filadélfia foi a segunda cidade em que a personagem se instalou, já que ficava mais próxima ao campus da universidade. Desta forma, grande parte dos conflitos enfrentados por ela acontecem nessa cidade. É importante frisar que *Americanah* não apresenta um bairro específico da Filadélfia, mas apenas o campus Wellson, a Powelton Avenue e um apartamento alugado por Ifemelu na parte oeste da cidade.

Sabe-se que a personagem esperava que a Filadélfia lhe trouxesse um certo *glamour* por ter havido ingressado na universidade; deste modo, a saída do Brooklyn expressaria o início de um mundo novo e melhor, no qual poderia viver “a América real” (Adichie, 2014, p. 125). No entanto, diante do que nos é apresentado sobre o apartamento alugado por ela e o seu ambiente físico, sua realidade não é muito distinta daquela do Brooklyn:

Ginika perguntou se Ifemelu não queria morar com ela e economizar no aluguel, mas o apartamento dela ficava muito longe, no fim da linha principal, e pegar o trem todos dias para a Filadélfia seria caro demais. Elas foram ver apartamentos juntas na parte oeste da cidade e Ifemelu ficou surpresa ao encontrar armários podres na cozinha e um camundongo correndo por um quarto vazio [...]. Ifemelu estava prestes a assinar um contrato – se para economizar ela tinha que morar com os camundongos, que fosse [...]. Era um apartamento de quatro quartos com um carpete mofado que ficava em cima de uma pizzaria na Powelton Avenue, na esquina onde drogados às vezes largavam o cachimbo de crack, pedaços horríveis de metal retorcido que brilhavam ao sol. O quarto de Ifemelu era o mais barato, o menor, de frente para a parede de tijolos gastos do prédio ao lado (Adichie, 2014, p. 138-139).

Notamos, portanto, que mesmo mudando de espaço, a Filadélfia também está conectada com a posição racial e social da personagem. Isso é assinalado, sobretudo, pela localização, pelo tamanho do apartamento, pelos usuários de crack e pelo rato correndo no quarto – o que

indica sujeira, assim como a barata na casa da tia Uju. São fatores trabalhados na narrativa que, historicamente, estão associados aos subúrbios. Fanon (2022, p. 36), quando caracteriza a cidade do colonizado, ressalta: “[...] é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de calçados, de carvão, de luz, é uma cidade acocorada, uma cidade de pretos [...].”

Desta maneira, a representação desses espaços nos leva a pensar num país que ainda mantém, diante da representação da narrativa, a segregação entre a população negra imigrante e a população branca e rica. Por representação no romance, Dalcastagnè (2005, p. 16) define: “[...] é ‘representação’, que sempre foi um conceito crucial dos estudos literários, mas que agora é lido com maior consciência de suas ressonâncias políticas e sociais”.

A partir dessa perspectiva, Grosfoguel e Maldonado-Torres (2008, p. 119) elucidam a respeito dessa relação entre os Estados Unidos e as populações negras e migrantes:

Y ello, en razón de que tal ‘problema’ se refiere a millones de sujetos mestizos, cobrizos, oscuros que escapan de la pobreza existente en un Sur empobrecido – una condición económica que está vinculada a las estructuras y políticas coloniales y raciales todavía existentes a nivel global –, y que son vistos como que están invadiendo o infectando un Norte tradicionalmente definido como ‘blanco’. Actualmente, ni la barrera del lenguaje ni la barrera de la cultura, ni menos aún la «migra» o la Guardia Nacional, funcionan como impedimentos para que los migrantes puedan cruzar la frontera y asentarse en Estados Unidos.

Devemos lembrar que Ifemelu foi para os Estados Unidos para dar continuidade à sua graduação; portanto, seu visto era provisório, o que a impedia de trabalhar, a não ser em estágios. Então, logo que chegou ao país, a tia Uju a orientou utilizar o Cartão de Seguridade Social, um documento que indica a regulamentação dos sujeitos nos Estados Unidos. Em outros termos, tal documento indicava que essas pessoas estavam em condições de legalidade no país:

É importante assinalar que é a partir dessa ideologia que a questão da imigração começa a ser tratada como ‘problema’, já no século XX –, com as consequentes políticas de controle de fluxos migratórios e de fronteiras cada vez mais policiadas, por parte de países do chamado ‘centro’. É também, no século XX, que a imigração passa a ser relacionada, cada vez mais, às crises econômicas e conturbações sociais internas de países periféricos, resultantes, em grande medida, da política externa das nações hegemônicas, e do fenômeno do pós-colonialismo (Porto; Torres, 2012, p. 226).

Essa obrigatoriedade do uso do cartão potencializa a ideia de que existe um controle sobre determinados sujeitos nos Estados Unidos. Entretanto, Ifemelu e sua tia se utilizam de uma tática empregada pelos imigrantes, que, como ela, necessitam trabalhar para sobreviver nesse espaço. Assim, tia Uju entrega a Ifemelu um cartão de uma colega nigeriana que já vivia de forma legal, chamada Ngozi Okonkwo. Para sobreviver, já de início Ifemelu teve que abrir

mão de sua própria identidade, pois passaria a ser uma mulher que talvez nunca tivesse conhecido:

‘Falei com uma amiga minha, não sei se você lembra da Ngozi Okonkwo. Ela é cidadã americana agora e vai passar um tempo na Nigéria para abrir um negócio. Implorei e ela concordou em deixar você trabalhar com o cartão dela da Seguridade Social’. ‘Como? Vou usar o nome dela?’, perguntou Ifemelu. ‘É claro que você vai usar o nome dela’. Disse tia Uju com as sobrancelhas erguidas, como se mal tivesse conseguido se controlar para não perguntar se Ifemelu era idiota (Adichie, 2014, p. 118).

O uso do Cartão de Seguridade de outra pessoa por Ifemelu foi possível por conta da estereotipização dos estadunidenses quanto a africanas e africanos. Naquele espaço, todos os africanos são vistos como iguais; melhor dizendo, como se existisse apenas uma única identidade africana. Em seu blog, chamado *Raceteenth* ou *Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos*, criado por Ifemelu para compartilhar suas experiências como mulher negra e imigrante, a personagem, de forma satírica, expõe a forma como os Estados Unidos insistem em enxergar os sujeitos africanos:

Querido Negro não Americano, quando você escolhe vir para os estados Unidos, vira egro. Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga. E daí se você não era negro no seu país? Está nos Estados Unidos agora. Nós todos temos nosso momento de iniciação dos Ex-Crioulos. Além do mais, admita: você diz ‘Eu não sou negro’, só porque sabe que os negros são o último degrau da escada de raças americanas (Adichie, 2014, p. 239).

O modo como os Estados Unidos enxergam esses sujeitos remonta ao período da colonização, no qual era preciso criar uma história única de que todos os negros são iguais para, assim, realizar o apagamento identitário desse grupo, como, por exemplo, o domínio sobre a linguagem. Não à toa, a violência do Estado, sobretudo pelo uso da força policial que atinge os jovens negros, utiliza-se desse racismo estrutural, construído para colocar todos os corpos negros num mesmo lugar.

Comumente, meninos são acusados de crimes por serem “confundidos” com criminosos. Mbembe (2018, p. 18), ao discorrer sobre a necropolítica,⁷ acentua que a raça foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanização de povos estrangeiros – ou a dominação a ser exercida sobre eles. Somado a isso, é importante lembrar que tais construções eurocêntricas fizeram de Ifemelu uma mulher negra a mais nos Estados Unidos, justamente por sua negritude

⁷ Conceito cunhado pelo teórico e professor camaronês Achille Mbembe para descrever o poder do Estado sobre determinados corpos. Segundo o autor, o Estado decide quais corpos merecem viver e quais merecem morrer.

estar associada a esses estereótipos. Note-se, portanto, que esse é o primeiro conflito que a protagonista enfrenta diante desse espaço, especialmente pela obrigação de fingir ser outra:

Ela sentou na janela – alguém havia grudado um chiclete mascado no vidro – e passou diversos minutos olhando mais uma vez para o cartão de Seguridade Social e a carteira de motorista que pertenciam a Ngozi Okonkwo. Tinha no mínimo dez anos a mais do que Ifemelu, um rosto fino, sobrancelhas que começavam em bolhinhas e se transformavam em arcos e um maxilar em forma de V. ‘Eu não pareço nada com ela’, dissera Ifemelu quando tia Uju lhe dera o cartão (Adichie, 2014, p. 132).

Conforme exposto até aqui, esses espaços retratados, não somente as cidades e os bairros, mas, de modo geral, os Estados Unidos, são representados em *Americanah* a partir das construções de raça, gênero e xenofobia. Isso está sinalizado nas descrições físicas dos espaços e nos sujeitos que os habitam, ainda mais quando a narradora sinaliza quais sujeitos descem na região do Brooklyn, os que vivem em Princeton ou, ainda, o ambiente em que vai morar quando chega na Filadélfia.

Posto isso, não é possível continuar esta análise sem considerar a presença de tais construções na narrativa de *Americanah*, em especial na relação entre esse corpo imigrante negro e o espaço da Filadélfia. Para tal fim, também tentaremos compreender como a falta de oportunidades condiciona a marginalização da protagonista. Com isso, é fundamental que possamos compreender o que levou à formação dessas cidades estadunidenses retratadas na obra, o que diretamente afetava Ifemelu.

Desse modo, o racismo existente nos Estados Unidos e em outras sociedades é a continuação do processo de colonização e, por conseguinte, daquilo que remete à escravização, período no qual houve atribuição de características negativas aos sujeitos africanos negros. Mesmo com a independência, esses sujeitos continuaram presos às plantações de algodão e tabaco nos Estados Unidos: “O sistema escravista definia o povo negro como propriedade.” (Davis, 2016, p. 24)

A respeito da contínua exploração da população negra nos Estados Unidos, Davis (2016, p. 19) pontua o seguinte:

Na época em que começaram as primeiras tentativas de industrialização no Sul, antes da Guerra Civil, o trabalho escravo complementava o trabalho livre – e frequentemente competia com ele. Industriais que possuíam escravos empregavam homens, mulheres e crianças da mesma maneira, e quando os proprietários de terras e fazendeiros arrendavam a força de trabalho de suas escravas e escravos, percebiam que as mulheres e as crianças eram tão solicitadas quanto os homens.

A manutenção da exploração desses sujeitos também fez com que o racismo se constituísse como ferramenta ainda mais poderosa na contemporaneidade, uma vez que mais e

mais gerações eram atingidas. Sob uma ótica interseccional, é notório que, devido ao processo exploratório, ainda durante a colonização, as mulheres negras, descendentes das africanas trazidas à força de África, foram e continuam sendo atingidas por diferentes violências nas sociedades pós-coloniais: “Consequentemente, uma vez que o corpo é o alicerce sobre o qual a ordem social é fundada, o corpo está sempre em vista e à vista. Como tal, invoca um olhar, um olhar de diferença, um olhar de diferenciação.” (Oyèrónké, 2021, p. 37).

Sobre o conceito de interseccionalidade, tão importante para o desenvolvimento desta pesquisa, Akotirene (2019, p. 35) define que

[...] o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras.

Portanto, o movimento feminista negro foi muito importante para o desenvolvimento de ferramentas teórico-metodológicas como o conceito de interseccionalidade, pois compreende-se, assim, que a opressão racial sofrida pelas mulheres negras as insere em um espaço ainda mais marginalizado, ou seja, tratam-se de corpos que estão mais vulneráveis a diferentes tipos de violências. Collins (2019, p. 63) ressalta que “enquanto persistir a subordinação das mulheres negras dentro das opressões interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade e nação, o feminismo negro como resposta ativista a essa opressão continuará sendo necessário.” O trabalho desenvolvido pelas feministas negras, não somente as estadunidenses, mas brasileiras como Gonzalez (2020) e Nascimento (2022), dentre tantas outras que utilizamos ao longo deste trabalho, também nos permite compreender a formação social e histórica desses bairros e cidades que estamos analisando.

Com relação à Filadélfia representada em *Americanah*, sua formação tem relação com o início da industrialização, momento em que a cidade atraiu diferentes grupos étnicos, tanto de dentro dos Estados Unidos quanto de outros países. Em meio às diferenças raciais e de classe instauradas no país, é sabido que parte dessa população em busca de emprego era composta por sujeitos negros e latinos:

Esta representação está associada a alguns fatos que ultrapassam sua localização geográfica. Entre eles está como o racismo se manifesta na cidade. O sul dos Estados Unidos é reconhecido pela histórica defesa à escravização no suprimento da demanda por mão de obra agrícola. No pós-guerra civil, que culminou com o fim da escravidão, muitos estados do sul fomentaram uma política de segregação racial que culminou com a aprovação dos códigos Jim Crow. No norte do país não vigorou uma política oficial de segregação racial. Isso não significa que o racismo não era relevante na vida social do Norte, mas que ele assumiu formas extraoficiais. Além disso, o desenvolvimento industrial do início do século XX de cidades do norte como Nova Iorque, Chicago e Filadélfia, atraiu migrantes de muitas partes dos Estados Unidos e

do mundo, o que complexificou o espaço urbano, com a formação, por exemplo, de enclaves étnicos (Card, 2009 *apud* Daniel, 2021, p. 187).

Por conseguinte, a crescente migração das minorias para esses espaços, a exemplo da Filadélfia, levou à diminuição dos investimentos por parte do setor privado e do Estado nessas regiões, o que possivelmente acarretou em seu declínio, particularmente das regiões com maior concentração dessas populações. Face o exposto, Bhabha (1998) chega à conclusão de que, por mais que esses sujeitos tenham sido (e continuem sendo) atraídos por promessa de melhoria de emprego e/ou reconstrução de suas vidas nesses espaços, de nenhuma maneira a hegemonia permitirá, de bom grado, que os mesmos passem a fazer parte do “sagrado clube americano” (Adichie, 2014). Ainda segundo Bhabha (1998, p. 35):

Uma norma transparente é constituída, uma norma dada pela sociedade hospedeira ou cultural dominante, a qual diz que ‘essas outras culturas são boas, mas devemos-ser capazes de localizá-las dentro de nossos próprios circuitos’. É isso o que pretendo dizer quando me refiro à criação da diversidade cultural e à contenção da diferença cultural. O segundo problema, como bem sabemos, é que nas sociedades onde o multiculturalismo é incentivado o racismo ainda se alastra sob várias formas. E isso porque o universalismo que paradoxalmente permite a diversidade marcara normas, valores e interesses etnocêntricos.

Em primeiro lugar, Ifemelu foi “naturalmente” levada a viver numa área mais pobre da Filadélfia; em segundo lugar, ela seguiu numa jornada longa sem conseguir trabalho. Sem emprego, em especial nas grandes metrópoles, isso implica na falta de condições mínimas para o sustento pessoal – pagamento do aluguel, da comida e do deslocamento até a universidade. No sistema capitalista que rege as sociedades pós-coloniais, isso faz da personagem um indivíduo marcado pela desigualdade social. Por esse motivo, essas construções não somente instituem esses corpos como naturalmente pertencentes aos espaços mais pobres, como, também, fazem com que a personagem mergulhe numa longa e dolorosa trajetória, mesmo que já estivesse no ensino superior. Parafraseando Collins (2019), a segregação racial estadunidense continua profundamente arraigada às condições de moradia, educação e emprego. Nesse meio, a primeira tentativa de emprego a assustou:

No início, Ifemelu esqueceu que era outra pessoa. Num apartamento na parte Sul da Filadélfia, uma mulher de expressão cansada abriu a porta e deixou-a entrar um cômodo onde havia um fedor forte de urina. A sala era escura e abafada e Ifemelu imaginou o prédio inteiro imerso em urina acumulada durante meses, talvez anos, e ela trabalhando todos os dias no meio dessa nuvem. Lá dentro ouvia-se um homem gemendo, emitindo sons graves e arrepiantes, eram os gemidos de uma pessoa para quem gemer era a única opção que restara, e isso assustou. ‘É meu pai’, disse a mulher, lançando-lhe um olhar penetrante de avaliação. ‘Você é forte?’. O anúncio no jornal *City Paper* continha a palavra ‘forte’ bem destacada. CUIDADORA DOMICILIAR FORTE. PAGO EM DINHEIRO. ‘Sou forte o suficiente para fazer o trabalho’, disse Ifemelu, tentando controlar a vontade de sair de ré daquele apartamento e correr para longe (Adichie, 2014, p. 142).

Por causa do patriarcado, foram historicamente estabelecidos trabalhos direcionados às mulheres, especialmente as brancas, a saber: professoras, enfermeiras, secretárias etc. Já para as mulheres negras foram atribuídos trabalhos nos interiores das casas, ou de qualquer ambiente, contanto que não fossem vistas. Enquanto as mulheres brancas estavam em busca de liberdade para trabalhar, as mulheres negras já estavam, desde o período da escravização, trabalhando lado a lado dos homens negros. Sob esse contexto, é válido lembrar do poderoso discurso *E não sou eu uma mulher?*, de Sojourner Truth, em 1851. Como uma mulher escravizada, Truth reconhecia as diferenças entre ela e as mulheres brancas:

Aquele homem diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens, erguidas para passar sobre valas e receber os melhores lugares em todas as partes. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama ou me deu qualquer bom lugar! E eu não sou uma mulher? Olhem pra mim! Olhem pro meu braço! Tenho arado e plantado, e recolhido em celeiros, e nenhum homem poderia me liderar! E não sou uma mulher? Posso trabalhar tanto quanto e comer tanto quanto um homem – quando consigo o que comer – e aguentar o chicote também! E eu não sou uma mulher? Dei à luz treze filhos, e vi a grande maioria ser vendida para a escravidão, e quando eu chorei com minha dor de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! E eu não sou uma mulher?

Esse discurso de Truth não somente elucida as diferenças entre as mulheres negras e brancas nos Estados Unidos, mas nos permite, igualmente, compreender os fatores que influenciaram, ainda na pós-colonialidade, por um lado, a falta de oportunidades de trabalho para as mulheres negras e, por outro lado, o direcionamento que é feito delas para trabalhos menos remunerados envolvendo cuidados domésticos: “Sempre que ela é interpelada, a ela está sendo negada uma filiação nacional autêntica com base na ideia de ‘raça.’” (Kilomba, 2019, p. 113).

Significa, portanto, que Ifemelu não possuía as características que lhe permitisse fazer parte daquela nação – os Estados Unidos. Consequentemente, ela é impedida de transitar, por exemplo, no mercado de trabalho. Do mesmo modo, Gonzalez (2020, p. 85) adverte o seguinte:

Pelo visto, e respondendo à pergunta que a gente fez mais atrás, parece que a gente não chegou a esse estado das coisas. O que parece é que a gente nunca saiu dele. [...] os exemplos não faltam nesse sentido; se a gente articular divisão racial e sexual de trabalho fica até simples. Por que será que ela só desempenha atividades que não implicam ‘lidar com o público?’ Ou seja, atividades onde não pode ser vista? Por que os anúncios de emprego falam tanto em ‘boa aparência?’ Por que será que, nas casas das madames, ela só pode ser cozinheira, arrumadeira ou faxineira, e raramente copeira? Por que é ‘natural’ que ela seja servente nas escolas, supermercados, hospitais etc. e tal?

A citação de Gonzalez acima elucida os motivos que levaram Ifemelu a encontrar tantas dificuldades na Filadélfia. Por isso, que “conforme lia, as mitologias dos Estados Unidos começaram a ganhar significado e seus tribalismos – de raça, ideologia e região -, a se tornar

claros. E Ifemelu se sentiu consolada pelas coisas novas que aprendeu” (Adichie, 2014, p. 149). A partir desse momento Ifemelu começou a compreender como seu corpo era visto na sociedade estadunidense.

Apesar de Grosfoguel e Maldonado-Torres (2008) se referirem aos imigrantes do Sul (latinos), diante do que estamos discutindo compreendemos que a personagem Ifemelu, imigrante nigeriana, faz parte desse grupo que permanece sob constantes exclusões nos Estados Unidos. Assim, eles concordam quando afirmam:

Apesar de la diversidad de propuestas de ley (existen unas cuatro propuestas), éstas están divididas en dos concepciones principales: aquellas que proponen formas explícitas de exclusión y discriminación (apoyada por Sassenbrenner y otros), a las cuales denominamos formas apartheid de control político; y otras que proponen formas más complejas y sutiles de dominación y explotación por parte de la élite blanca (apoyada por Bush, Kennedy y otros), a las cuales nos referiremos como formas de dominación política neo-apartheid. La primera propone mantener a 12 millones de los migrantes ilegales como ilegales y excluidos de los derechos civiles y humanos; la última ofrece la posibilidad de un programa de trabajadores huéspedes, donde los inmigrantes del sur puedan trabajar sin igualdad de derechos civiles y laborales y como fuerza de trabajo barata al interior de Estados Unidos (Grosfoguel; Maldonado-Torres, 2008, p. 121).

Por essa razão, este trabalho faz-se importante, uma vez que pretende tecer uma análise a partir da interseccionalidade, analisando os conflitos enfrentados pela personagem nesse espaço sob as construções de raça, gênero e xenofobia, opressões estas que se mantêm presentes nos Estados Unidos até os dias atuais, com métodos diferentes daqueles do período colonial, mas ainda muito eficazes. Em seu blog, a própria Ifemelu expõe como funciona a sociedade estadunidense:

Nos Estados Unidos, o tribalismo vai muito bem obrigado. Existem quatro tipos: o de classe, ideologia, região e raça. Em primeiro lugar, vamos ao de classe. É bem fácil. Ele separa os ricos dos pobres. Em segundo lugar, o de ideologia. liberais e conservadores, eles não apenas discordam em questões políticas, mas cada lado acha que o outro é malévolo. O casamento com a pessoa da outra ideologia é desencorajado e, nas raras ocasiões em que acontece, é considerado espantoso. Em terceiro lugar, o de região. Entre Norte e Sul. Os dois lados lutaram numa guerra civil e as máculas dessa guerra persistem. Finalmente, o de raça. Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo, especificamente os brancos, de família anglo-saxã e protestante, conhecidos como WASPS, e os negros estão sempre no nível mais baixo, enquanto o que está no meio depende da época e do lugar. (ou como dizem aqueles versos maravilhosos: ‘Se você é branco, tudo bem, se você é marrom, fique por aí; se você é negro, volte para casa!’ (Adichie, 2014, p. 201-202).

Com isso, compreendemos os motivos que levaram a personagem Ifemelu a não conseguir um emprego, apesar de estar com o Cartão de Seguridade Social. Ou seja, essas intersecções atuam juntamente na marginalização da personagem. Implica dizer, no âmbito das sociedades capitalistas e racistas, a não subsistência. Parafraseando Fanon (2008), haveria uma

zona do não-ser para Ifemelu; isto é, diante da sociedade estadunidense, ela continha características que não a permitia viver plenamente. A narrativa apresenta uma das várias tentativas da personagem em busca de trabalho:

Ifemelu fez entrevistas para vagas de garçomete, hostess, bartender e caixa e ficou esperando ofertas de emprego que nunca chegaram, sentindo que a culpa era sua. Tinha de ser ela que estava fazendo algo de errado; mas não sabia o que poderia ser. O outono chegara, chuvoso e com o céu cinzentos. O dinheiro vazava de sua parca conta no banco (Adichie, 2014, p. 144).

A busca incessante e sem êxito por emprego na Filadélfia revela, principalmente, o racismo e a xenofobia naquele espaço. Deste modo, diante desses fatores, a personagem viu-se encurralada por não conseguir visualizar melhorias em sua estadia na Filadélfia. Cada dia que passava era ainda mais angustiante, já que as contas não paravam de chegar:

Ifemelu tinha sentido vontade de dar uma bofetada em sua colega dissoluta não porque o cachorro dela comera seu bacon, mas porque estava em guerra com o mundo e acordava todos os dias sentindo-se machucada, imaginando uma horda de pessoas sem rosto que estavam todas contra ela. O fato de não conseguir visualizar o futuro a aterrorizava (Adichie, 2014, p. 167).

Em diálogo com o trecho acima, Alzandúa (2000) expõe o incômodo que mulheres como Ifemelu causam. Mais do que isso, sua cor e sua língua nesses espaços não somente são lembretes de que o seu corpo é indesejado, mas que também incomoda:

Eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que frequentamos, ou não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia (Alzandúa, 2000, p. 229).

Perante essa situação, Ifemelu também fez entrevistas para ser babá, outra função muito comumente direcionada às mulheres negras nos Estados Unidos. Collins (2019) argumenta que foram construídas, desde a escravização, algumas “imagens de controle”, as quais associam diferentes estereótipos negativos às mulheres negras. Ainda de acordo com a teórica, “essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (Collins, 2019, p. 136). A respeito da primeira imagem de controle, continua a autora:

A primeira imagem de controle aplicada às mulheres negras estadunidenses é a da *mammy* – serviçal fiel e obediente. Criada para justificar a exploração econômica das escravas domésticas e mantida para explicar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico, a imagem da *mammy* representa o padrão normativo usado para avaliar o comportamento das mulheres negras em geral (Collins, 2019, 140).

Foi através da modernização desses trabalhos que os Estados Unidos continuaram a reproduzir as desigualdades no seio do grupo de mulheres negras e imigrantes como Ifemelu. Para além da função de *mammy*, Collins (2019) também nos apresenta uma visão sobre como funciona na contemporaneidade, no país, o mercado de trabalho direcionado para mulheres negras pobres, composto por trabalhos que passaram por um processo de modernização, mas permanecem intimamente relacionados às imagens de controle anteriormente trazidas consigo:

O trabalho realizado por mulheres negras pobres se assemelha às tarefas muito associadas ao serviço doméstico. No passado, o serviço doméstico era confinado às residências particulares. Hoje, ao contrário, os trabalhos ligados a cozinha, limpeza, enfermagem e cuidado de crianças viraram rotina e foram descentralizados em uma série de restaurantes fast-food, serviços de limpeza, creches e outros do setor de serviços. As mulheres negras exercem trabalhos semelhante, mas em ambiente diferente (Collins, 2019, p. 126).

A narrativa evidencia a modernização desses trabalhos, os quais só mudaram de lugar, mas continuam tendo as mesmas funções:

O cheiro a fez sentir vontade de chorar. A secretária eletrônica estava piscando, mas Ifemelu não queria ouvir o recado porque seria apenas outra variação do último deixado por tia Uju. ‘Alguém ligou para você?’ Já tentou no McDonald’s e no Burger King aí perto? Eles nem sempre põem anúncios no jornal, mas pode ser que estejam precisando de gente. Não posso te mandar nada até o mês que vem. Minha conta também está vazia, vou te dizer, ser médica-residente é trabalho escravo (Adichie, 2014, p. 166).

Nesse trecho, observamos a atualidade da narrativa em *Americanah* quanto à representação do mercado de trabalho em território estadunidense. Aliás, são trabalhos que aparentemente costumam ser procurados quando a busca por outros “melhores” falha. Também, assim como no início deste capítulo, o cheiro aparece novamente como um marcador da mobilização dos sentimentos da personagem. Após um período de tentativas por um emprego, finalmente a personagem é chamada para atuar como babá de dois irmãos. Essa notícia até trouxe para Ifemelu algum alívio, já que, como o sistema não perdoa, ela já estava sem condições de se manter no país:

Tenho uma boa notícia. Kimberly me ligou para pedir seu telefone. A babá que tinha contratado acabou de ir embora. Ela quer contratar você. Quer que comece a trabalhar na segunda-feira. Disse que quis contratar você desde o início, mas Laura a convenceu a escolher a outra. Então, Ifem, você conseguiu um emprego (Adichie, 2014, p. 172).

Além dos estereótipos de *mammy* associados às mulheres negras, construiu-se, no imaginário social estadunidense, o estereótipo da mulher negra como sinônimo de mulher sexualizada. Isso acena para um ponto anteriormente discutido: o tratamento dado às mulheres africanas no período da escravização, sobretudo na região Sul do país. Além do mais, como

Ifemelu é uma mulher nigeriana, do mesmo modo construiu-se localmente estereótipos que perpetuam uma visão similar a respeito dos corpos de mulheres não oriundas daquela sociedade. Logo no início da sua jornada nos Estados Unidos, ainda no Brooklyn, Ifemelu é assediada pelo marido de uma das vizinhas da sua tia Uju, um homem branco. Ao levarmos isso em conta, nota-se que corpos representados pela personagem – mulher negra e imigrante – estão vulneráveis a tais situações em qualquer espaço:

Ifemelu gostava de ficar sentada diante do prédio com Jane, até a noite em que Marlon voltou do trabalho e disse-lhe, num murmúrio apressado, depois de Jane entrar para pegar limonada para as crianças: ‘Tenho pensado muito em você. Quero conversar com você’. Ifemelu não contou a Jane. Jane jamais culparia Marlon, o marido de pele clara e olhos castanho-esverdeados que todas as outras queriam. Então, começou a evitar ambos, inventando jogos de tabuleiro elaborados que ela e Dike podiam jogar dentro do apartamento (Adichie, 2014, p. 123).

Assim como Ifemelu, essas mulheres são, em sua grande maioria, pertencentes a lugares outrora invadidos, e que, portanto, são vistas como racial ou etnicamente inferiores, a exemplo das mulheres provenientes da América do Sul, América Central, africanas, chinesas, dentre outras nacionalidades. À luz dessa afirmação, Anzaldúa (2000, p. 230) questiona:

Por que eles nos combatem? Por que pensam que somos monstros perigosos? Por que somos monstros perigosos? Porque desequilibramos e muitas vezes rompemos as confortáveis imagens estereotipadas que os brancos têm de nós: A negra doméstica, a pesada ama de leite com uma dúzia de crianças sugando seus seios, a chinesa de olhos puxados e mão hábil – ‘Elas sabem como tratar um homem na cama’ –, a chicana ou a índia [...].

Desta forma, cultivou-se a ideia de que mulheres negras são naturalmente sexuais, e, por extensão, voltadas para a satisfação dos prazeres masculinos: “Retratar as afro-americanas como estereótipos da *mammy*, da matriarca, da mãe dependente do Estado e da gostosa ajuda a justificar sua opressão.” (Collins, 2019, p. 135).

Em diálogo com Collins, bell hooks (2019, p. 112) discute a respeito das representações sexistas contemporâneas em torno das mulheres negras desde a escravização:

Com frequência, a atenção não se concentrava na mulher negra exposta por inteiro no baile elegante no coração da cultura europeia ‘civilizada’, em Paris. Ela estava lá para entreter os convidados com a imagem nua do Outro. Não era para olharem para ela como um ser humano completo. Era para repararem apenas em determinadas partes. Objetificada de maneira similar às escravas que ficavam de pé nos tablados de leilão enquanto donos e participantes descreviam suas partes importantes, as mais vendáveis, as mulheres negras cujos corpos nus eram expostos para os brancos em eventos sociais não tinham presença.

Ifemelu é atravessada em vários momentos da narrativa por tais estereótipos. Ela é levada a desempenhar funções de “assistente pessoal” que costumam estar associadas à exploração sexual:

A vaga de secretária já foi preenchida, ela começou ontem, estuda na Bryn Mawr [...]. Agora, o que eu preciso é de ajuda no relaxamento. Se você quiser, o emprego é seu. Pago cem dólares com possibilidades de aumento, mas você trabalha quando for necessário, sem horário definido. Você pode fazer uma massagem, me ajudar a relaxar, entendeu? (Adichie, 2014, p. 158)

Essa proposta de trabalho feita à personagem relaciona-se com o espaço forjado para essas mulheres. Isto é, por um lado, elas encontram dificuldades para encontrar trabalhos que não estejam associados ao cuidado, por não estarem dentro dos padrões da branquitude. Por outro, muitas vezes restam-lhe trabalhos que sexualizam seus corpos. Ao descrever o cenário das violências enfrentadas por essas mulheres nos Estados Unidos, Collins (2019, p. 250) compreende que

[...] o uso da força foi importante para criar a centralidade das afro-americanas nas imagens estadunidenses da mulher sexualizada e moldar suas experiências com a pornografia e a prostituição. As mulheres negras não se exibiram voluntariamente nos leilões sulistas – elas foram forçadas a se exibirem. As africanas escravizadas não podiam escolher entre trabalhar ou não – elas eram espancadas e muitas vezes mortas.

Deste modo, isso não é algo intrínseco às mulheres negras, como o racismo e o sexismo fizeram a sociedade crer. Esses corpos muitas vezes se veem obrigados, assim como Ifemelu, a recorrer a trabalhos associados ao prazer sexual, afinal de contas, é preciso sobreviver de alguma maneira. Desta forma, hooks (2019, p. 114) relembra que

[...] assim como as representações dos corpos das mulheres negras do século XIX eram construídas para enfatizar que esses corpos eram descartáveis, as imagens contemporâneas (mesmo as criadas pela produção cultural de pessoas negras) passam uma mensagem semelhante.

Na última tentativa atrás de trabalho, Ifemelu, através de um anúncio sobre a contratação de secretária, é levada à casa de um jogador de tênis. Todavia, a personagem foi submetida a relações sexuais com aquele homem, fazendo dessa experiência a mais sensível e dolorosa da sua vivência nos Estados Unidos, precisamente na Filadélfia: “Ifemelu caminhou em direção da porta, conjecturando se estaria trancada, se ele a trancara, e então imaginando se ele tinha uma arma. ‘Venha para cá e se deite’, disse ele. ‘Venha me esquentar. Vou tocar um pouco você, mas não vai ser nada que te deixe constrangida.’” (Adichie, 2014, p. 168)

Essas experiências que permearam a trajetória da personagem, atravessada especialmente pelo racismo, pelo sexismo e pela xenofobia, trazem para essas identidades

outras consequências negativas em relação ao seu corpo e ao seu lugar na sociedade. São corpos que adoecem diante das várias violências sofridas: “Essa é uma associação poderosa, isto é, a conexão entre o racismo e a morte, já que o racismo pode efetivamente ser tratada como o assassinato racista do eu, [...] o suicídio é quase a visualização, a performance da condição do *sujeito negro* em uma sociedade *branca*.” (Kilomba, 2019, p. 187-188; grifos nossos).

É possível estabelecer um diálogo entre o que afirmou Grada Kilomba (2019) acerca do suicídio e o estado em que Ifemelu ficou após o episódio com o jogador de tênis. Ela se fecha entre seus medos e frustrações:

Ifemelu acordava entorpecida todas as manhãs, debilitadas pela tristeza, assustada pelo dia interminável que tinha pela frente. Tudo tinha se tornado mais espesso. Fora engolida, estava perdida numa névoa viscosa, envolta em uma sopa de nada. Havia um abismo entre ela e o que deveria sentir. Queria ligar mais não sabia mais como; habilidade fazê-lo escapara da sua memória. Às vezes acordava se debatendo, indefesa, e via, diante de si e atrás de si e por outro lado, uma completa falta de esperança (Adichie, 2014, p. 170-171).

A personagem já estava com sintomas depressivos causados pelas exclusões no mercado de trabalho e, por conseguinte, pelas dificuldades financeiras. Sob o mesmo ponto de vista, podemos afirmar que esse sentimento que acometeu Ifemel é causado pelos “sistemas de dominação, imperialismo, colonialismo e racismo que coagem ativamente as pessoas negras a internalizarem percepções negativas da negritude, a se auto odiarem” (hooks, 2019, p. 250).

Soma-se a isso o fato de ela ter ficado depressiva por haver mantido relações com um homem desconhecido apenas pelo dinheiro. Apesar de Ifemelu não compreender, ou melhor, não aceitar que estava com depressão, Ginika a alertou sobre a importância de procurar ajuda:

‘Ifem, muita gente passa por isso, e eu sei que não tem sido fácil para você se adaptar a um país novo sem ter emprego. Não falamos de coisas como depressão na Nigéria, mas isso existe. Você devia consultar alguém no centro médico. Pode fazer terapia’. Ifemelu manteve o rosto virado para a janela. Sentiu, mais uma vez, aquela vontade avassaladora de chorar e respirou fundo, torcendo para que passasse (Adichie, 2014, p. 173).

Diante dessa problemática que atinge a população negra, especialmente mulheres negras imigrantes, Anzaldúa (2005) nos lembra que elas ocupam espaços ambivalentes entre a experiência como mulher negra, mas, também, o choque entre sua cultura e as experiências construídas a partir da cultura estadunidense, permeada, antes de mais nada, pelas opressões:

A ambivalência proveniente do choque de vozes resulta em estados mentais e emocionais de perplexidade. A contenda interior resulta em insegurança e indecisão. A personalidade dupla ou múltipla da *mestiza* é assolada por uma inquietude psíquica. Em um estado constante de nepantilismo mental, uma palavra asteca que significa partido ao meio, a *mestiza* é um produto da transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para outro (Anzaldúa, 2005, p. 705).

Essa ambivalência a que se refere Anzaldúa estende-se ao fato de que, para além de ser uma mulher negra atravessada por todas essas violências, Ifemelu também estava se acostumando com outro modo de viver, diferente da cultura de sua terra natal. Essa é uma situação que atravessa qualquer indivíduo que esteja fora do seu país, mas que, devido aos recortes raciais e geográficos, acaba assumindo uma ambivalência que se torna ainda mais complexa. Assim, hooks (2022, p. 36) reitera que “a experiência do exílio causa: muda a mente, transforma de maneira profunda a percepção de alguém sobre seu lugar de origem. As diferenças que a localização geográfica imprimiu em minha psique e em meus hábitos se tornaram mais evidentes longe de casa”.

Diante da análise desenvolvida até o momento, tornou-se notório o modo como os espaços representados em *Americanah* possuem relação com a construção da personagem Ifemelu e seu posicionamento social na narrativa. Isso é observado na descrição física não somente das cidades, mas também da localização específica dos bairros, das ruas, dos objetos e das personagens que compõem esses espaços, mesmos que alguns deles não tenham sido nomeados (como os usuários de crack). Por conseguinte, foi possível constatar que, diante da relação entre esses espaços e a personagem, a narrativa apresenta uma certa segregação da população negra e imigrante no espaço maior da obra – os Estados Unidos –, à medida em que corpos como os de Ifemelu são levados, quase que “naturalmente”, a ocupar determinados bairros e cidades.

Em seguida, seguimos a trajetória da personagem, em específico na Filadélfia, para elucidar de que forma esse espaço, a partir das construções raciais, sexistas e xenofóbicas, relacionava-se diretamente com os conflitos vivenciados por ela, fazendo com que Ifemelu fosse atravessada por diferentes violências. De agora em diante, a respeito da discussão em torno da marginalização da personagem, tomaremos a linguagem e o cabelo crespo como elementos cruciais na manutenção da marginalização da personagem, especificamente na Filadélfia e em Baltimore.

3.1 LINGUAGEM, XENOFOBIA E (NÃO) PERTENCIMENTO: A MARCAÇÃO DA MARGINALIZAÇÃO DE UMA IMIGRANTE NIGERIANA

Ao longo deste capítulo temos analisado a construção dos espaços em *Americanah* e a relação dos mesmos com a sua protagonista, não somente no que se refere ao estado físico, marcando, assim, a relação entre o lugar e a marginalização desse corpo imigrante nos Estados Unidos. Para além disso, a marcação dos conflitos e violências enfrentados pela personagem,

notadamente o racismo, o sexismo e a xenofobia, que a levaram a sofrer com a ausência de emprego e, por duas vezes, a se submeter a trabalhos de conotação sexual. À vista disso, pretendemos compreender, neste subcapítulo, de que modo a linguagem trabalhada na narrativa incide no pertencimento ou não da personagem nos Estados Unidos. Utilizamos as palavras de Fanon (2008) quando este diz que falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua; mas também é, sobretudo, assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.

Para isso, a Filadélfia continua sendo um espaço importante na análise. Além de a cidade ter sido um espaço no qual Ifemelu experienciou vários conflitos e violências, também é nela que a personagem, de início, sentiu a necessidade de aprender, ou melhor, de se conectar com a cultura estadunidense. Conectar-se com essa cultura, especialmente a hegemônica, significa, em primeiro lugar, aprender sua língua:

Ifemelu ansiava por compreender tudo sobre os Estados Unidos, por imediatamente ficar por dentro das coisas: torcer por um time no Super Bowl, entender o que era um Twinkie e o que significavam um *lockout* na temporada esportiva, medir tudo em onças e pés quadrados, pedir um muffin e dizer ‘Eu me dei bem’ sem se sentir boba. Obinze sugeriu que ela lesse livros americanos, romances, livros sobre história e biografias (Adichie, 2014, p. 63).

Há um entendimento por parte da personagem de que, para se sentir parte daquele espaço, era preciso viver ou, ao menos, partilhar daquilo que, segundo ela, era feito pelos estadunidenses. Isso incluía, também, conhecer termos utilizados por aquela sociedade. Em outras palavras, introduzir no seu vocabulário palavras novas que a deixassem mais “americana”. Evocamos Morrison (2019, p. 32), que assim compreende a importância da linguagem na adaptação ao novo espaço:

A linguagem (dizer, escutar, ler) pode incentivar, ou mesmo exigir a entrega, a eliminação das distâncias que nos separam, sejam elas continentais ou apenas um mesmo travesseiro, sejam distâncias de cultura ou as distinções e indistinções de idade ou gênero, sejam elas consequências da invenção social ou da biologia.

Essa necessidade de pertencimento foi acentuada pela busca incessante e sem êxito por emprego, marcada, sobretudo, pelo racismo existente naquele espaço. O conceito de interseccionalidade nos permite, neste caso, compreender que a xenofobia talvez tenha sido um agravante ainda maior, por conta da diferença cultural e linguística, algo que a afetava também na universidade. Não há aqui uma intenção de hierarquizar as opressões, mas, sim, ensejar o fato de que ser negra e migrante nos Estados Unidos implica numa carga ainda maior em relação à manutenção da sobrevivência: “Assim, é impossível pensar sobre xenofobia sem vinculá-la a outras formas de discriminação, dentre elas o racismo.” (Lazcano, 2024, p. 7)

Sobre essa marcação da xenofobia a partir da desvalorização da linguagem utilizada pela personagem, a narrativa apresenta o momento em que Ifemelu foi interpelada pela secretária da universidade:

‘Boa tarde. É aqui que a gente se matricula?’, perguntou ela a Cristina Tomas, cujo nome ainda não sabia. ‘Isso. Você. É. Uma. Aluna. Estrangeira?’ ‘Sou.’ ‘Você. Primeiro. Precisa. Pegar. Uma. Carta. Do. Departamento. De. Alunos. Estrangeiros.’ Ifemelu deu um meio sorriso de pena, porque Cristina Tomas certamente tinha alguma espécie de doença que a fazia falar tão devagar, com os lábios espremidos fazendo um beicinho para ensinar o caminho até o Departamento de Alunos Estrangeiros. Mas, quando ela voltou com a carta, Cristina Tomas disse: ‘Eu. Preciso. Que. Você. Preencha. Alguns. Formulários. Você. Entende. De. Como. Preencher. Estes. Aqui?’, e Ifemelu entendeu que a menina estava falando desse jeito por causa dela, de seu sotaque, e durante um instante sentiu-se como uma criança pequena, de braços e pernas moles, babando. [...]. E, nas semanas seguintes, conforme o frio de outono ia surgindo, começou a treinar um sotaque americano (Adichie, 2014, p. 146-147).

É importante sinalizar que Adichie se utiliza de uma estratégia estética textual, como os pontos finais, que separam cada palavra para sinalizar o comportamento da personagem Cristina Tomas diante do inglês de Ifemelu. Ao se levar em conta esse comportamento da recepcionista da instituição, é possível considerar que, nas várias entrevistas às quais compareceu, o sotaque talvez tenha sido umas das causas de não a terem contratado. Como dito anteriormente, a personagem se candidatou a diferentes empregos, dentre eles aqueles que, historicamente, por conta do racismo, são ocupados pela população negra, por serem menos remunerados, ou, até mesmo, não exigirem um maior nível de escolaridade. Mesmo assim, sua busca tornava-se cada vez mais difícil:

‘O que eu estou fazendo de errado?’, perguntou a Ginika, que lhe disse para ser paciente, não perder as esperanças. Ifemelu escreveu e reescreveu seu currículo, inventou que já trabalhara de garçonne em Lagos, colocou Ginika como uma empreendedora de cujos os filhos já tinha cuidado, deu nome de senhoria de Wambui como referência e a cada entrevista, dava sorrisos calorosos e apertos de mão firmes. Mas não surgia emprego. Seria seu sotaque estrangeiro? (Adichie, 2014, p. 159)

Enquanto mulher imigrante, a xenofobia opera ao nível do inglês utilizado pela personagem. Assim como toda língua, essa possui variações, como sotaques e gírias; porém, o mesmo sistema que forjou espaços contaminados pelos estereótipos, também invalidou e invalida as diferenças linguísticas, especialmente no que diz respeito às nações vistas como inferiores no sistema hegemônico-estadunidense. É importante retomarmos que a inferiorização aplicada à linguagem de Ifemelu possui relação, ainda, com o processo de colonização, uma das principais ferramentas utilizadas na subjugação da população africana e dos povos originários. Portanto, da mesma forma em que houve a demonização das características físicas desses sujeitos, também houve a tentativa de apagamento dessas línguas.

Assim, a língua construída como legítima foi a de origem europeia, a saber: a língua inglesa. Vale tomar como exemplo o esforço do pai de Ifemelu em falar o inglês tal qual os ingleses, algo já abordado no segundo capítulo, mas que alude para a problemática abordada neste momento. Isto é, mesmo em países distintos, a linguagem como ferramenta hierárquica continua assombrando a maior parte dos territórios.

Como o objetivo dos colonizadores era dominar essas populações, eles sabiam que, por meio da língua, a dominação seria mais eficaz. A obrigatoriedade da língua inglesa permaneceu mesmo após a saída da Inglaterra. Achebe (2012, p. 20) relembra como era o slogan da escola onde estudava na Nigéria: “Speak true pure, Right wrong, Follow the King” [Falar a verdade, viver com pureza, consertar os erros, seguir o rei].” Percebe-se, desta forma, que o lema da escola estava intimamente relacionado à proposta de controle sobre os corpos colonizados. Portanto, a língua inglesa serviu, sobretudo, para reprimir o pensamento dessas populações.

Apesar da violência cometida contra esses povos com o intuito de acabar com suas línguas, o inglês falado pelos nigerianos foi marcado por seus sotaques e variações linguísticas, assim como ocorreu com outras línguas aprendidas em nações outrora colonizadas. Por essa razão, Ifemelu carrega em sua linguagem características próprias do inglês aprendido na Nigéria, e que, diante das construções eurocêntricas ligadas à linguagem, fazem com que sujeitos iguais à ela se afastem ainda mais do centro. Conforme Hall (2003, p. 46):

Um ‘fundamentalismo’ de impulso racial veio à tona em todas essas sociedades da Europa ocidental e da América do Norte, um novo tipo de nacionalismo defensivo e racializado. O preconceito, a injustiça, a discriminação e a violência em relação ao ‘Outro’, baseados nessa ‘diferença cultural’ hipostasiada, passou a ocupar seu lugar – o que Sarat Maharaj chamou de um tipo de ‘sósia-assombração do apartheid’ – junto com racismos mais antigos, fundada na cor da pele ou na diferença fisiológica [...].

Ou seja, os Estados Unidos definiram, ao longo das décadas, após assumir o espaço de hegemonia na ordem global, uma série de normas para que os sujeitos fossem considerados ou não pertencentes à sua sociedade. A linguagem é a marcação de que determinados corpos não são bem-vindos naquele país. Hall (1997) recorda a capacidade dos Estados Unidos em generalizar uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação e criar uma cultura homogênea que manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional.

A linguagem utilizada pela personagem é o lembrete da sua cultura, dos modos outros de ser; em outros termos, é o marcador da marginalização desse corpo nesse espaço, ou, ainda, de não pertencimento. Numa escrita mais intimista sobre a temática em *Pertencimento*: uma cultura do lugar, hooks (2022) nos lembra que, mesmo sendo uma mulher negra nascida no

Kentucky – estado da porção Sul dos Estados Unidos –, a linguagem foi um importante elemento de exclusão nos espaços fora dali, dificultando, assim, a sensação de pertencimento aos mesmos:

Meu sotaque do Kentucky sempre me separou dos meus colegas. E, embora eu não tenha demorado muito para mudar a maneira como me expressava, em meus sonhos eu falava com a língua do meu lugar de origem. Aprendi ainda menina no Kentucky, uma criança do interior, a silenciar as formas de pensar e de existir (hooks, 2022, p. 151).

Devido a isso, surge a necessidade de se adequar a essa linguagem hegemônica:

Logo, logo, vocês vão adotar um sotaque americano, pois não vão querer que as pessoas do serviço de atendimento ao consumidor fiquem falando ‘o quê?’ no telefone. Vão começar a admirar africanos que têm um sotaque americano perfeito, como nosso irmão Kofi aqui (Adichie, 2014, p. 153).

Nesse contexto, quando nos referimos ao pertencimento de Ifemelu nos espaços representados no romance, é preciso compreender que essa ideia será entendida e perpassada aqui pelas construções eurocêntricas constantes na narrativa, as quais atravessam não somente os espaços como, também, a personagem. Por esse motivo, é importante entender que, para pertencer aos Estados Unidos, Ifemelu não poderia simplesmente abandonar suas outras identidades, sobretudo sua racialidade e sua língua, para exercê-las no contexto da cultura estadunidense:

Era um sotaque convincente, ela aperfeiçoara, ouvindo com cuidados amigos e apresentadores de noticiário, a contração do tê, o enrolado profundo do erre, as frases começando com ‘então’ e a resposta fácil, ‘é mesmo?’ Mas o sotaque tinha rachaduras, era consciente, precisava ser lembrado. Exigia um esforço, lábio retorcido, os volteis da língua. Se Ifemelu estivesse em pânico, apavorada, ou se fosse acordada de supetão no meio de um incêndio, não ia lembrar como produzir aqueles sons americanos (Adichie, 2014, p. 189).

Levando-se isso em conta, diga-se que houve um esforço da personagem para essa “adequação” de sua linguagem, algo que não aconteceu “naturalmente”, porquanto Ifemelu precisou dedicar-se para aprender o sotaque americano. De acordo com Morrison (2019, p. 20-21), para sobreviver nos Estados Unidos, os imigrantes precisam romper com a sua cultura de origem e, portanto, com a linguagem:

Os estudos acadêmicos sobre esse tema são profundos e vastos. Esses imigrantes que chegavam aos Estados Unidos entendiam que, se quisessem se tornar americanos ‘de verdade’, precisavam romper, ou pelo menos minimizar muito os vínculos com seu país natal, para assim abraçar sua branquura.

Sob esse contexto, não bastava Ifemelu somente possuir um Cartão de Seguridade Social – o que lhe permitia estar naquele lugar –, pois, na construção desse Estado-nação, existe uma série de categorias que definem se os cidadãos são pertencentes ou não àquele espaço: “Mas aqueles ‘diferentes’ têm seus próprios países para viver, e, portanto, devem retornar pois a presença delas/es é um distúrbio para a integridade nacional.” (Kilomba, 2019, p. 113).

Com isso, passa a existir por parte desses sujeitos exteriores à cultura dominante uma articulação para que não estejam tão destoantes nesses espaços. Assim, Ifemelu observa como seu novo grupo de amigas se comportava, dentre elas uma nigeriana e uma indiana:

Todas riam das mesmas coisas e diziam ‘Eca!’ para as mesmas coisas, numa coreografia perfeita. Stephanie anunciou que tinha uma cerveja artesanal na geladeira e todas disseram ‘Legal!’ em uníssono. Então, Teresa disse ‘Posso beber a cerveja normal, Steph?’ na vozinha de quem temia ofender. Ifemelu ficou sentada numa poltrona solitária num dos extremos da sala, bebendo suco de laranja e ouvindo-as conversar. *Aquela empresa é tão do mal. Ai, meu Deus, não acredito na quantidade de açúcar que tem aqui. A internet supervai mudar o mundo.* Ela ouviu Genika perguntar: ‘Você sabia que eles usam um componente de osso de animal para fazer essa pastilha de hortelã?’, e as outras generam. Havia códigos que Genika conhecia, maneiras de ser que dominava. Ao contrário de tia Uju, fora para os Estados Unidos com a flexibilidade e fluidez da juventude, as pistas culturais haviam penetrado sua pele e ela agora ia jogar boliche, [...] e achava que mergulhar batata frita no molho depois de já tê-la mordido uma vez era digno de uma ‘eca’ (Adichie, 2014, p. 136).

Pode-se afirmar que o modo como suas colegas se comportavam relaciona-se a um método para sobreviver às hostilidades e a uma negativa frente às diferenças existentes nos espaços que estavam ocupando, especialmente quando se tratam de sujeitos ocupando a universidade. Em função disso, elas utilizam as palavras, provavelmente o mesmo sotaque – códigos que as aproximam um pouco mais do sagrado clube americano. Diante dessa tentativa, Fanon (2008, p. 39) questiona

[...] de onde vem esta alteração da personalidade? De onde provem este novo modo de ser? Todo idioma é um modo de pensar, dizem Damourette e Pichon. E o fato de o negro recém-chegado adotar uma linguagem diferente daquele da coletividade em que nasceu, representa um deslocamento, uma clivagem (Fanon, 2008, p. 39-40).

Portanto, Ifemelu e suas amigas estavam em deslocamento naquele espaço, não somente na tentativa de adaptar-se ou pertencer à cidade, aos bairros e aos costumes dos Estados Unidos, mas, também, de se encaixar no grupo dos intelectuais, numa instituição que, mais do que qualquer outra, ainda mantém as minorias subjugadas ou, ainda como objeto de estudos, sendo historicamente dominada pela branquitude: “Você não pode simplesmente falar da África num programa de pós-graduação em ciências políticas nesse país. Pode comparar a África e a Polônia ou com Israel, mas focar só no continente? Isso, eles não deixam.” (Adichie, 2014, p. 194)

De acordo com essa ideia, Bento (2022, p. 18) afirma:

As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistema de valores, mas também o perfil dos seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco.

Deste modo, se nos espaços comuns da sociedade estadunidense existem normas que indicam qual linguagem os sujeitos devem utilizar, em espaços como a universidade a cobrança é ainda mais latente, pois a negritude, juntamente com seu modo de falar, marca sua falta de intelectualidade, uma vez que a linguagem utilizada por Ifemelu não representa o grupo hegemônico que transita no espaço acadêmico. Sob essa lógica, Collins (2019, p. 159) corrobora ao dizer que “a universidade, a mídia e as agências governamentais constituem esferas importantes de reprodução dessas imagens de controle”. À vista disso, “Ifemelu estava na periferia de sua própria vida, compartilhando uma geladeira e um banheiro, uma intimidade rasa. Com pessoas que não conhecia nem um pouco. Pessoas que viviam usando pontos de exclamação. ‘Legal!’, diziam sempre. ‘Que legal!’” (Adichie, 2014, p. 139)

Apesar desse vazio, é compreensível que, tendo 15 anos de vivência nos Estados Unidos, Ifemelu tenha adquirido hábitos da cultura estadunidense – os quais foram incorporados à sua cultura nigeriana –, uma vez que a identidade é algo que está em constante transformação. Isso é ainda mais verdade quando nos referimos a um corpo migrante em total contato com outras culturas, mesmo que dominantes. Do mesmo modo, corrobora Hall (1996, p. 70):

Sob esse aspecto, a identidade cultural não é jamais uma essência fixa que se mantenha, imutável, fora da história e da cultura. Nem é, dentro de nós, algum espírito transcendental e universal no qual a história não fez marcas fundamentais. Também não é ‘de uma vez para sempre’. Não é uma origem fixa à qual possamos fazer um retorno final e absoluto. E, é claro, não é um simples fantasma. Mas é *alguma coisa* – não um mero artifício da imaginação.

No entanto, essa ideia trazida por Hall se difere de como se posiciona a personagem no início da sua estadia nos Estados Unidos, quando ainda estava se adaptando, ou, em outras palavras, tentando pertencer a esse espaço. O fato de ter aprendido uma nova linguagem – a hegemônica – não deu a Ifemelu conforto, ou melhor, o pertencimento que talvez ela esperasse:

Só depois de desligar Ifemelu começou a sentir a mácula de uma vergonha crescente se espalhando sobre ela, por ter agradecido ao rapaz, por ter transformado as palavras dele, ‘você parece uma americana falando’, numa guirlanda que pôs em volta do próprio pescoço. Por que era um elogio, uma realização, soar como um americano? Ifemelu tinha ganhado; Cristina Tomas, a branca Cristina Tomas sob cujo olhar se encolhera como um pequeno animal derrotado, falava normalmente com ela agora (Adichie, 2014, p. 191).

Afinal, por mais que adequasse seu sotaque, seu modo de agir, perseverava também sua identidade nigeriana: “É importante observar, no entanto, que obviamente a xenofobia não se reduz ao confronto com o sujeito falante, aquele que cuja estranheira aparece apenas através da fala [...], a rejeição xenofóbica vem antes delas ‘abrirem a boca’” (Lazcano, 2024, p. 7).

Sob esse ponto de vista, a narradora descreve como Ifemelu se sentia:

Tinha ganhado de fato, mas seu triunfo era vazio. Sua vitória efêmera havia criado um enorme espaço vazio, porque ela assumira, por tempo demais, um tom de voz e uma maneira de ser que não eram seus. Assim, ela acabou de comer os ovos e decidiu para de fingir que tinha um sotaque americano (Adichie, 2014, p. 191).

Como a própria narrativa apresenta, havia um “fingimento”: “Ifemelu parou de fingir que tinha sotaque americano num dia ensolarado de julho, o mesmo dia em que conheceu Blaine.” (Adichie, 2014, p. 189) Ao passo que Ifemelu deixa de fingir o sotaque, ela está contrariando as lógicas de poderio dos Estados Unidos utilizadas para universalizar e padronizar as diversidades culturais existentes em suas cidades. Isso a afasta cada vez mais desse “pertencimento”. Bhabha (2011, p. 41) acentua que o ato de transitar com o “inglês correto” para o “inglês dos negros” redesenha a distinção entre o público e o privado por meio da linguagem, tornando audíveis e visíveis as maneiras por meio das quais as minorias se posicionam, ao mesmo tempo, dentro e fora da sociedade à qual pertencem:

Só depois de desligar Ifemelu começou a sentir a mácula de uma vergonha crescente se espalhando sobre ela, por ter agradecido ao rapaz, por ter transformado as palavras dele, ‘você parece uma americana falando’, numa guirlanda que pôs em volta do próprio pescoço. Por que era um elogio, uma realização, soar como um americano? Ifemelu tinha ganhado; Cristina Tomas, a branca Cristina Tomas sob cujo olhar se encolhera como um pequeno animal derrotado, falava normalmente com ela agora (Adichie, 2014, p. 191).

Portanto, uma vez que Ifemelu decide parar de se adequar a esse padrão linguístico estadunidense, ela passa a ser mais visível sua diferença cultural, o que a levou a todas aquelas violências nos espaços, conforme analisado no terceiro capítulo. Para a personagem, essa tentativa de adequar sua linguagem foi ainda mais dolorosa, pois ela tinha plena consciência de que essa mudança fazia parte de uma estratégia para, de alguma forma, diminuir sua exclusão na sociedade estadunidense – no “sagrado clube americano” (Adichie, 2014).

No que tange à discussão sobre pertencimento, é notório que, diante do que podemos observar, não houve um pertencimento da personagem nos Estados Unidos, especificamente na Filadélfia, já que a mudança na sua linguagem não aconteceu de forma espontânea, mas sob uma tentativa de sobrevivência às normas culturais linguísticas ali vigentes. No próximo subcapítulo continuaremos a trabalhar com a ideia de marginalização da personagem, tentando

compreender o cabelo da personagem como ponto importante não somente nas violências enfrentadas, mas como valiosa ferramenta de afirmação de sua identidade.

3.2 CABELO CRESPO: ENTRE A MARGINALIZAÇÃO E A REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA-NIGERIANA

Assim como a linguagem é um marcador identitário de Ifemelu e, por conseguinte, de sua marginalização nos Estados Unidos, características físicas como o cabelo também se tornam um símbolo de exclusão nesse espaço. Nesse momento da análise nos concentraremos em Baltimore, cidade em que a personagem foi viver com o namorado Curt. É relevante que contextualizemos, neste momento, a existência de outro fator a mais que pesa na sua marginalização. Ifemelu passa a frequentar um ambiente de pessoas ricas; agora, ela não era somente uma mulher negra imigrante em Baltimore, mas uma mulher negra imigrante na parte rica de Baltimore. Sobre a interferência do espaço geográfico e social nas experiências dos sujeitos, Gomes (2019, p. 147) explica que “o acesso às possibilidades de consumo, as múltiplas experiências, o contato com diferentes e diversas referências estéticas variam de acordo com a localização geográfica e política dos sujeitos”.

Somado ao fato de estar num ambiente de ricos, seu namorado Curt, um homem branco e de classe média alta, consegue uma entrevista para Ifemelu, e é a partir desse momento que ela passa a ser atravessada por outras violências relacionadas ao cabelo. A narrativa nos apresenta o momento em que a personagem percebe que terá de retirar suas tranças; Apesar do racismo e da xenofobia enfrentados na Filadélfia, o cabelo não tinha se constituído até então, ao menos não diretamente, como um dos empecilhos para se conseguir um emprego:

Ifemelu sentiu, em meio à sua gratidão, um pequeno ressentimento. Curt podia, com alguns telefonemas rearranjar o mundo e obrigar tudo a entrar no lugar em que desejasse que tivesse. Quando ela falou da entrevista em Baltimore, Ruth disse: ‘Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego’. Tia Uju havia dito algo parecido no passado e, na época, Ifemelu rira. Agora, sabia que não deveria rir. ‘Obrigada’, disse. [...] desde que tinha chegado nos Estados Unidos, ela trançava o cabelo com longos apliques, sempre espantada com o custo para fazê-lo (Adichie, 2014, p. 220).

O fato de usar o cabelo liso não retira de Ifemelu sua identidade nigeriana/negra. Entretanto, vemos que a personagem é praticamente obrigada a mudar seu visual, isto é adequar-se novamente aos padrões da cultura estadunidense hegemônica. Gomes (2019, p. 24) destaca que, a partir dessa mediação, “um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo. O

cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos”. Sob esse contexto, retomamos a ideia de “imagens de controle” desenvolvida por Collins (2019), já que esta entende a cor da pele, as características faciais e a textura do cabelo como exemplos específicos de como as imagens de controle depreciam os corpos negros. Dessa forma, a imagem de controle atuante sobre Ifemelu diz que uma mulher negra com seu cabelo crespo não é permitida em determinados espaços, por “mais inteligente, educada ou bonita que seja” (Collins, 2019, p. 167), sobretudo num ambiente frequentado por sujeitos que exercem funções ligadas à intelectualidade,

Ifemelu já havia experienciado as necessidades de adequação do cabelo por intermédio de sua tia Uju, quando esta teve que assumir seu estágio em medicina. No entanto, como estava com pouco tempo nos Estados Unidos, ela não entendia que o alisamento do cabelo tinha a ver com os padrões de beleza estabelecidos pela branquitude estadunidense, os quais sugerem que não devem existir médicas de tranças – podem até ser negras, mas ter o cabelo crespo ou trançado não é algo permitido:

‘Mais tarde, disse: ‘Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças na entrevista. Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado’. ‘Então não existem médicas de cabelo trançado nos Estados Unidos?’, perguntou Ifemelu. ‘Falei o que me disseram. Você está num país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido.’ (Adichie, 2014, p. 131)

A partir das experiências da personagem Ifemelu, observamos que o profissionalismo, assim como a intelectualidade, é medido, entre outras características, pelo cabelo. Isto é, quanto mais liso e loiro, mais “jeito” de profissional, corpos como de Ifemelu e sua tia terão: “O fato de não arrumar o cabelo acarreta muitas perdas, inclusive, afetivas e profissionais.” (Gomes, 2019, p. 120). Ela acentua novamente:

A situação da nova geração de escravos nascida no cativo trouxe aspectos peculiares em relação aos seus a partir ancestrais. De um ponto de vista estético, essa geração já nasceu num contexto em que o significado social e simbólico do cabelo fora transformado pelo olhar da escravidão e pela opressão branca. Esses sujeitos nasceram em um momento histórico pautado na imposição do padrão estético branco. Por mais que histórias, lembranças e ensinamentos sobre a importância do cabelo para o africano fossem ensinadas de pai para filho e de mãe para filha, o contexto agora era outro, e o olhar construído pelo negro em relação a si mesmo e a partir do olhar do outro assumiu novos contornos (Gomes, 2019, p. 120).

Essa nova relação com o cabelo entre as populações africanas, especialmente a nigeriana, é capturada pela narrativa quando Ifemelu se depara com o alvoroço de sua mãe quanto a se livrar do seu cabelo:

‘Onde está a tesoura grande?’, perguntou, e, quando Ifemelu trouxe, ela ergueu-se e, mecha por mecha, cortou o cabelo todo. Ifemelu ficou observando de olhos

arregalados, atônica. O cabelo ficou jogado no chão como grama morta. ‘traga uma sacola grande’, disse sua mãe. Ifemelu obedeceu, sentindo que estava em transe, sem compreender o que acontecia (Adichie, 2014, p. 49).

Evocamos novamente Nilma Lino Gomes (2019) quando a autora, em seu livro *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, relembra que a desvalorização dos cabelos afros e seus respectivos penteados teve início no período da escravização, quando mulheres e homens africanos tinham seus cabelos raspados, violência esta que teve como tentativa o apagamento da identidade desses sujeitos e a marcação do poder do colonizador sobre esses corpos. Ela continua:

Para o africano escravizado esse ato tinha significado singular. Ele correspondia a uma mutilação, uma vez que o cabelo, para muitas etnias africanas, era considerado uma marca de identidade e dignidade. Esse significado social do cabelo do negro atravessou o tempo, adquiriu novos contornos e continua com muita força entre os negros e as negras da atualidade (Gomes, 2019, p. 30).

Diante disso, podemos dizer que o cerne da violência que atinge a mãe de Ifemelu está relacionada com o mesmo propósito religioso no início da colonização. Da mesma maneira, há uma “mutilação” dessas identidades africanas: “Cultura, características físicas e religião eram e são, entre todos, precursores de estratégias para a ascendência e o poder.” (Morrison, 2019, p. 25)

Por mais que sua mãe vivesse na Nigéria, onde, como já dissemos, a negritude não é um problema e, conseqüentemente, nem o cabelo, aquele era um espaço atravessado pelo colonialismo, algo reverberado por meio da religião euro-cristã: “Esse processo, junto com a imposição da religião cristã, do batismo, do nome cristão e do trabalho forçado, acaba por reduzir, dispersar e desaparecer com grande parte do simbolismo do cabelo.” (Gomes, 2019, p. 354) Por esse motivo vemos a mudança à qual a mãe de Ifemelu submete o cabelo. Essa ideia é reforçada pelas imagens religiosas, especialmente a de Jesus, caracterizado no cristianismo como um homem branco de cabelo liso e olhos azuis. Ora, se foi pregado que a humanidade é sua semelhança, as populações negra e indígena não são a sua semelhança. Esse entendimento deu base aos preconceitos e à tentativa de adequar esses sujeitos às características da população branca – semelhantes a esse Deus.

Diferente da sua mãe, que não consegue compreender essas construções eurocêntricas, sobretudo pelo poder da religião sobre ela, Ifemelu possui conhecimento acerca dos motivos que a obrigam a alisar o cabelo para conseguir o emprego em Baltimore: “Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu estivesse fazendo uma entrevista para ser backing vocal numa banda de jazz, mas preciso parecer profissional nessa entrevista, e profissional quer dizer liso.”

(Adichie, 2014, p. 222). Kilomba (2019, p. 128) nos lembra que “esse processo de ter de fabricar sinais de branquitude, tais como cabelos alisados, e encontrar padrões *brancos* de beleza, a fim de evitar a humilhação pública, é bastante violento”.

Diante da situação, Ifemelu começou a saga em busca de deixar seu cabelo liso:

Havia uma variedade imensa de relaxantes, caixas e mais caixas na seção de ‘cabelo étnico’ da farmácia, com fotos de mulheres negras sorrindo com cabelos impossíveis de tão lisos e brilhantes ao lado de palavras como ‘botânico’ e ‘aloe vera’, que prometiam um processo suave. Comprou um numa caixa verde. No banheiro, passou com cuidado gel protetor entre as raízes e a testa antes de começar a besuntar o cabelo com o relaxante cremoso, madeixa por madeixa, com as mãos com luvas plásticas. O cheiro a fez lembrar o laboratório de química [...] (Adichie, 2014, p. 220).

A narrativa aponta não somente a valorização do mercado de cosméticos em torno do alisamento do cabelo crespo, ou seja, marcadamente o constante incentivo para que essas mulheres tenham “facilidade” em se adequar à estética branca, mas também apresenta produtos extremamente fortes para o restante do corpo: “Certos produtos químicos, por exemplo, a amônia presente na composição da permanente afro, afetam a saúde da cliente e dos cabelos, por isso não têm sido recomendados pelos médicos.” (Gomes, 2019, p. 103)

Outro ponto importante a ser discutido neste momento é a importância da representação dos diferentes tipos de cabelo por mulheres negras que estão na mídia, sejam cantoras, apresentadoras e/ou atrizes. As leituras realizadas nos permitiram perceber que ainda são poucas artistas negras famosas que conseguem se libertar do cabelo liso ou das laces. O objetivo não é culpabilizar essas mulheres, afinal, apesar do dinheiro, continuam sendo mulheres negras e, portanto, enfrentando violências. No entanto, elas são cruciais para compreendermos o peso da negritude nos Estados Unidos.

Ao trazer essa questão em *Olhares negros: raça e representação*, hooks (2019) usa como exemplo Michelle Obama, ao falar sobre os poucos avanços acerca da representatividade. Segundo a autora, “não só houve pouco progresso em relação às questões de raça e representação, mas se aumentou a quantidade de imagens odiosas” (hooks, 2019, p. 24). Outra vez trazemos uma postagem no blog de Ifemelu, por meio da qual podemos evidenciar a inquietação da personagem com aquilo abordado por hooks:

A amiga branca e eu somos fãs de Michelle Obama. Por isso, outro dia, eu disse a ela: ‘Será que a Michelle Obama pôs mega-hair? O cabelo dela está mais cheio hoje e fazer escova todos os dias deve danificá-lo’. E ela disse: ‘Quer dizer que o cabelo dela não é daquele jeito naturalmente?’. Só eu que acho, ou isso aí é a metáfora perfeita para a raça nos estados Unidos? Cabelo. Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa, as mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, pixaim) na foto feia do ‘antes’ e como, na foto bonita do ‘depois’. Algumas mulheres negras, tanto americanas como não americanas, preferem sair peladas na rua a aparecer em público na rua com seu cabelo natural [...]. Quando você TEM cabelo natural de negro, as pessoas acham que você ‘fez’ alguma coisa

com ele. Na verdade, as pessoas com os afros e dreads são as que não ‘fizeram nada com o cabelo’. Você devia perguntar à Beyoncé o que ela fez. Nós todos amamos a Bey, mas que tal ela, só uma vez, como é o cabelo natural que sai do seu couro cabeludo (Adichie, 2014, p. 322).

Nessa publicação feita em seu blog, é perceptível o incômodo de Ifemelu diante do comportamento de algumas figuras famosas em torno do cabelo, porquanto elas raramente se apresentam em público com seus cabelos naturais. Isso, de certa forma, contribui para que meninas comuns não se sintam à vontade para manter seus cabelos crespos. No caso de Ifemelu, por ser nigeriana, ela já tem uma relação positiva com o seu cabelo afro; daí que a decisão dela quanto a alisá-lo é tomada pela necessidade de conseguir um emprego. Portanto, o fato de ver artistas negras estadunidenses com o cabelo liso não a influencia em sua relação com o cabelo. Todavia, isso não a isentou de ter que se submeter a tais mudanças:

Ifemelu sentiu apenas uma leve ardência no começo, mas quando a cabelereira estava tirando o plástico, agulhadas de dor profunda surgiram em diversas partes de seu couro cabeludo e se refletiram em partes diferentes do corpo, ricochoteando de volta para a cabeça. ‘Arde um pouco’, disse a cabelereira. ‘Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca!’ O cabelo de Ifemelu pendia em vez de se manter armado. Estava liso e cintilante, dividido na lateral e virando levemente para dentro na altura do queixo. Não tinha mais cachos. Ela não se reconheceu. Saiu do salão quase de luto (Adichie, 2014, p. 221).

Esse luto perseguiu Ifemelu por um bom tempo, fazendo-a faltar ao trabalho, um dos motivos que a fez alisar o cabelo:

No dia seguinte Ifemelu ligou para o trabalho dizendo que estava doente e voltou para a cama. ‘Você não faltou no trabalho para a gente ficar um dia a mais nas Bermudas, mas vai faltar por causa do cabelo?’, perguntou Curt, apoiado nos travesseiros e tentando reprimir o riso. ‘Não posso sair assim.’ Ela estava se enfiando embaixo das cobertas como quem quer se esconder. (Adichie, 2014, p. 226)

Sob esse contexto, cabe trazeremos para a discussão o fato de que o namorado de Ifemelu não compreendia os motivos que levaram a personagem a realizar tais mudanças no cabelo, e muito menos o seu luto. Por ser um homem branco, Curt não compartilha das mesmas questões de Ifemelu, como, por exemplo, a importância do cabelo para seu empoderamento como mulher negra, ou seja, para a afirmação de sua identidade negra-nigeriana: “Curt não disse nada. Havia, em sua expressão, um divertimento velado, como se ele não entendesse por que ela estava tão chateada, mas achasse melhor não dizer isso.” (Adichie, 2014, p. 227)

Nessa senda, Kilomba (2019, p. 122) conclui que “‘não escutar’ é uma estratégia que protege o *sujeito branco* de reconhecer o mundo subjetivo das pessoas *negras*. Historicamente, isso tem sido usado como marca da opressão, pois significa negar a subjetividade de pessoas

negras, bem como seus relatos pessoais de racismo”. Com referência à importância do cabelo para o empoderamento das mulheres negras, Berth (2020, p. 116) destaca:

Os cabelos são um importante elemento estético de autoafirmação e de amor à própria imagem, sobretudo para mulheres, independentemente de suas etnias. E esse estigma recai sobre os ombros de mulheres negras desde a mais tenra infância, pois nossos cabelos são alvo constante de injúrias, rejeições e manifestações racistas, esteja ele alisado ou natural.

Em consonância com Joice Berth, Nilma Lino Gomes (2019, p. 352) também traz o cabelo da mulher negra como parte fundamental nas discussões sobre a reafirmação da negritude e reafirmação da ancestralidade africana: “O cabelo do negro era símbolo de força, de energia, um emblema étnico.” Portanto, “relaxar o cabelo é que nem ser preso, você fica numa jaula. Seu cabelo manda em você” (Adichie, 2014, p. 226). Ainda sobre a importância do cabelo para essa ancestralidade africana, vemos como Ifemelu admirava o cabelo da mãe antes de ela ter que cortá-lo por conta da religião:

Ifemelu tinha crescido à sombra do cabelo de sua mãe. Era preto retinto, tão grosso que sugava dois frascos de relaxante no salão, tão cheio que tinha de passar duas horas sob o secador e, quando finalmente era liberado dos bobs rosa, saltava, livre e vasto, cascadeando pelas costas como uma celebração. Seu pai dizia que era uma coroa de glória (Adichie, 2014, p. 49).

É por isso que o fato de alisar o cabelo mexe com a autoestima de Ifemelu, não só pela dor que sentiu com o couro cabeludo queimado, mas porque toca em algo marcante para sua identidade nigeriana e, portanto, africana. Sob essa ótica, Gomes (2019), de maneira certa, faz referência ao continente africano, especialmente na era pré-colonial, como ponto importante na manutenção e no fortalecimento das identidades negras a partir da valorização do cabelo crespo na contemporaneidade:

Olhar para a África, mais precisamente a África pré-colonial, na tentativa de recuperar valores, referências artísticas, culturais, estéticas através de um resgate da ancestralidade africana. A civilização africana aparece, então, como um mito e traz ao negro [...] a possibilidade de ser visto sem a marca da coisificação e da negação, ou seja, de ver-se e ser visto como humano (Gomes, 2019, p. 157).

Isso implica dizer que, ao alisar o cabelo, Ifemelu também perde suas referências africanas. Não que isso a faça deixar de ser uma mulher nigeriana, mas essa mudança forçada a faz pensar que ela talvez tivesse se afastado das suas referências identitárias; portanto, sua subjetividade estava em jogo. Diante dessa discussão, é possível compreender que, dos vários conflitos enfrentados pela personagem ao longo de sua jornada nos Estados Unidos, a construção do cabelo se consolida, na narrativa, como um ponto crucial na sua marginalização,

consequentemente, nas violências sofridas por ela. Além disso, também foi possível evidenciar que o sofrimento da personagem está no reconhecimento do cabelo como preservação de sua identidade negra-nigeriana. Por isso, ao invés de ficar feliz com o alisamento, por ter deixado seu cabelo mais próximo ao da estética branca, Ifemelu fica de luto, sem realizar atividades cotidianas num período em que se exigia que ela saísse de casa. Novamente, a personagem é impedida de pertencer ao “sagrado clube americano” (Adichie, 2014), “clube” formado pela branquitude estadunidense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões levantadas nesta pesquisa, foi possível compreender que os problemas causados pela colonização fizeram com que países como a Nigéria enfrentassem, na contemporaneidade, diferentes problemas de ordem política, econômica e étnica. Sob a tutela da Coroa britânica até a década de 1960, a Nigéria vivenciou as amarguras do colonialismo. Com o mesmo propósito dos portugueses, mas se utilizando de outras ferramentas, a Coroa britânica adentrou no país e, sobretudo por intermédio da imposição da cultura, da religião eurocristã e da linguagem, tentou não somente apagar as culturas e cosmologias outras das populações que já habitavam a região, como, também, fez com que homens e mulheres nigerianas vivessem a cultura inglesa. Com a saída da Inglaterra – já tarde, pode-se dizer –, novas configurações geopolíticas foram estabelecidas, sendo que os Estados Unidos se consolidaram como nova potência a estender sua hegemonia àquele país africano.

Esse imperialismo estadunidense na Nigéria aconteceu por duas vias principais: o envio de soldados para os conflitos no país, e a influência cultural, seja por meio da cultura de massa ou da literatura. Com isso, pudemos observar, ao longo deste trabalho, que a imigração para os Estados Unidos foi vista pela personagem Ifemelu como meio de estabilidade, já que ela somente tinha acesso à história positiva contada pelos Estados Unidos – uma terra próspera, onde as possibilidades de vida são vastas. Posto isto, trouxemos a importância da literatura construída por Adichie como importante ferramenta de rasura da história única, conceito desenvolvido pela autora e que permeou toda a pesquisa.

Diante do que se constitui as literaturas eurocêntricas, compreendemos que apesar de suas obras, sobretudo *Americanah*, terem sido publicadas em língua inglesa, tanto a autora quanto a constituição de suas narrativas não se encontram no plano do cânone. Pelo contrário, sua literatura se estabelece como uma linguagem contracolonial (Santos, 2023), evidenciando as problemáticas dos corpos marginalizados e acenando para uma linguagem que possibilita a existência dessas identidades outras – especialmente no que diz respeito à sobrevivência nos Estados Unidos, país erguido sob as construções eurocêntricas do racismo, do machismo e da xenofobia. Mais do que isso, entendemos que essas construções alicerçaram a cultura, moldando, assim, a vida de sujeitos como a personagem Ifemelu.

Com isso, tornou-se importante a análise desenvolvida ao longo do terceiro capítulo, uma vez que, sob o pensamento de autores como Fanon (2022), com o conceito de zona do não-ser, traçamos discussões em torno da divisão racial do espaço, termo utilizado por Gonzalez (2020) para caracterizar a segregação à qual a população negra ainda é submetida. Essa zona

de não-ser a que pertencia Ifemelu trata-se de um espaço relegado para corpos negros desde o processo de colonização, um lugar que a impedia de adentrar nos espaços da branquitude.

Ainda nesse capítulo, recorreremos ao conceito de interseccionalidade segundo a ótica de autoras como Gonzalez (2020), Collins (2019), Nascimento (2022), Kilomba (2019) e hooks (2019), o que nos ajudou a aprofundar a discussão em torno da relação entre as opressões que atingiam a personagem nesses espaços, isto é, as relações entre raça, gênero e xenofobia na geração das violências. Somado a isso, compreendemos, ao longo da análise, que para além da divisão racial do espaço, a linguagem e o cabelo foram marcadores identitários que levaram à marginalização da personagem, especialmente na Filadélfia e em Baltimore.

Por essa razão, uma vez que essas problemáticas também são perpassadas pela linguagem, padronizou-se a forma de utilizá-la, sobretudo a partir da língua. Constituiu-se, dessa forma, o inglês falado pelos estadunidenses como um padrão de linguagem a ser seguido. Sob essa ótica, a linguagem utilizada pela personagem – seja através da língua, seja por meio de trejeitos – fizeram de Ifemelu um corpo indigno de pertencimento nos Estados Unidos, colocando-a num lugar de marginalização – numa zona de não-ser (Fanon, 2008). Constatamos, portanto, que a língua foi um dos meios pelo qual a xenofobia se fez presente.

Sob tal perspectiva, no subcapítulo 3.2 continuamos as discussões em torno da marginalização da personagem Ifemelu; no entanto, buscamos compreender como o cabelo, elemento identitário e, portanto, uma marcação racial da personagem, gerou as violências enfrentadas por ela em Baltimore. Observamos que, diante do fato de a personagem passar a viver num contexto de classe média alta, o peso sobre seu cabelo crespo tornou-se ainda mais relevante. O alisamento causou ferimentos graves no couro cabeludo, motivando a queda de cabelo, algo que afetou diretamente a autoestima dela, impedindo-a de realizar tarefas básicas, ou, até mesmo, ir ao trabalho. Essa violência em relação ao seu cabelo mexeu com pontos importantes da subjetividade de Ifemelu, pois, enquanto mulher nigeriana, ela havia desenvolvido, desde criança, uma relação de reverência a essa parte do seu corpo, inclusive sendo as tranças o seu principal penteado.

À vista disso, sua autoestima não somente tinha relação com o fato de ser uma mulher sofrendo mudanças no cabelo, mas ser uma mulher negra nigeriana tendo que abrir mão de suas referências, discussão traçada a partir de Gomes (2019), Berth (2020) e Collins (2019). Por outro lado, ainda neste capítulo, conduzimos o debate em torno da importância do cabelo como reafirmação da africanidade da personagem, algo assinalado tanto na forma como a personagem lida com o cabelo liso quanto em suas postagens críticas acerca da temática feitas em seu blog pessoal.

Sob essa conjuntura, este trabalho tornou-se importante ao se debruçar sobre o romance *Americanah* (2014), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, porquanto nos permitiu trazer para o centro da análise questões importantes que figuram os corpos negros e imigrantes numa sociedade como a dos Estados Unidos, que vive sob a divisão racial do espaço e as violências geradas a partir das intersecções de raça, gênero e xenofobia, problemáticas observadas a partir da trajetória da protagonista ao longo dos quinze anos em que viveu naquele país. Portanto, Ifemelu, a essência deste trabalho, é a materialização do que acreditamos ser possível nessas sociedades tão complexas e violentas com relação a identidades que destoam dos padrões, mas que, ao mesmo tempo, forjam o que Bhabha (1998) chamou de “entre-lugar”.

O espaço em que se encontra Ifemelu é um espaço de embate, mas também de construção de conhecimento. Foi através da experiência nos Estados Unidos que a personagem construiu novos saberes a partir de questões que estão conectadas com o seu país natal, por meio do histórico da colonização, mas que se rearranjam a partir de outras lógicas por conta da diferença cultural nesse espaço. Voltamos à linguagem por entendermos que ela se configura como uma ferramenta colonialista, mas também representa a possibilidade de construção de um “novo lugar de enunciação político e histórico que transforma os significados da herança colonial nos signos libertários de um povo livre e do futuro” (Bhabha, 1998, p. 68).

Em consonância com essa ideia, Fanon (2022) também acredita na possibilidade de liberdade para todos os sujeitos. Para isso, é preciso que o “mundo compartimentado, habitados por duas espécies” (Fanon, 2022) seja desfeito. Uma das soluções apresentadas pelo teórico é o processo de descolonização das mentes, ou seja, Fanon acreditava na possibilidade de que todos os sujeitos, sejam eles colonos ou colonizados, podem compreender o sistema violento que rege as sociedades outrora colonizadas. Entendemos, portanto, que Ifemelu, ao criar o blog *Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos*, enxergava a possibilidade de descolonização dos sujeitos que leem seus textos, sejam os negros não americanos, os negros americanos, os latinos ou os brancos. No entanto, é preciso lembrar que a negociação desse “entre-lugar” não é algo simples ou sem violência, haja vista os percalços enfrentados pela personagem nos Estados Unidos.

Ainda assim, o blog é a sinalização de que as possibilidades de diálogos entre todas as partes são possíveis. Tal como Fanon e Bhabha, hooks (2021, p. 161) também acredita numa luta compartilhada, como ela mesma coloca, em comunidade: “Para garantir a sobrevivência humana em todos os lugares do mundo, mulheres e homens se organizam em comunidades. Comunidades alimentam a vida.” Desse modo, a existência desse “terceiro espaço” proposto por Bhabha somente é possível a partir da ideia de comunidade de hooks: “Com a criação de

um mundo no qual todas as pessoas possam viver de forma plena e satisfatória, no qual todos tenham a sensação de pertencimento.” (hooks, 2022, p. 28).

Outrossim, este trabalho evidenciou a capacidade de organização e reconstrução que as minorias, em especial mulheres negras-nigerianas, possuem nas sociedades. Aqui, tratam-se de corpos representados pela personagem Ifemelu e pela própria autora Chimamanda Ngozi Adichie; afinal de contas, elas, de alguma forma, estão conectadas. Para concluir, fazemos uso das palavras de Souza (2021), ao dizer que Adichie é uma escritora que utiliza estratégias para combater o racismo, o sexismo e qualquer outra tentativa de impedi-las de viver a plenitude de suas experiências enquanto mulheres negras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEBE, Chinua. **A educação de uma criança sob o protetorado britânico**: ensaios. Tradução de Isa mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, jan./abr. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 16 set. 2024.

ANZALDÚA, Gloria. La consciência de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/fL7SmwjzjDJQ5WQZbvYzczb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 fev. 2025.

BARBIERI, Claudia. **Arquitetura de palavras**: espaço e espacialidade em A Capital, de Eça de Queiroz. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara, Araraquara (SP), 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/610b9916-b394-4e58-abbd-26e85d062ca1>. Acesso em: 18 nov. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

BHABHA, Homi Kharshedji. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**: textos seletos. Tradução de Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BHABHA, Homi Kharshedji. **O local da cultura**. Tradução de Mvriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOAHEN, Albert Adu (org.). **História geral da África, VII**: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2. ed. Brasília (DF): UNESCO, 2010. Disponível em: https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/hist_geral_7_0.pdf. Acesso em: 11 mar. 2025.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**. São Paulo: Ribeirão, 2007.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Grafias da identidade**: literatura contemporânea e imaginário nacional. Rio de Janeiro: Lamparina Editora; Belo Horizonte: Fale, 2005.

- CANCLINI, Garcia Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Anísio Garcez Homem. 2. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. **Ipotesi**, Juiz de Fora (MG), v. 7, n. 2, p. 11-28, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19299/10285>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo (SP): Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- DANIEL, Camila. Contradições na “cidade do charme”: a intersecção entre raça, classe e imigração em Baltimore, Estados Unidos. **Desenvolvimento em Debate**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 181-211, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dd/article/view/41395>. Acesso em: 8 out. 2025.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DE ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **O que é ser uma escritora negra, de acordo comigo**. Lisboa: Companhia das Letras, 2023.
- DIONEI, Mathias. Pertencimento: discussão teórica. **Alea – Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, vol. 25, n. 1, p. 166-187, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/5j8SHLFb5zy65tR5s5fjpSy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2025.
- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivências: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- ELESBÃO, Elaine. Chimamanda Adichie: ‘Americanah’ é um alívio da ficção contra o racismo. **Geledés**, São Paulo, 18 set. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-americanah-e-um-alivio-da-ficcao-contra-o-racismo/>. Acesso em: 10 out. 2025.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANTÁSTICO. Chimamanda Ngozi Adichie fala sobre racismo no Brasil: “Em uma democracia, a ideia é que todos devem ser representados”. **Rede Globo**, Rio de Janeiro, 15 maio 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/05/15/chimamanda-ngozi-adichie-fala-sobre-racismo-no-brasil-em-uma-democracia-a-ideia-e-que-todos-devem-ser-representados.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSGOUEL, Ramón; MALDONADO-TORRES, Nelson. Los latinos, los migrantes y la descolonización del império estadounidense em el siglo XXI. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 117-130, jul./dic. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/396/39600908.pdf>. Acesso em: 10 out. 2025.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília (DF), n. 24, p. 68-75, out./dez. 1996. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat24.pdf>. Acesso em: 28 set. 2025.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

LAZCANO, Claudia. Falas com sotaque, falas migrantes: a língua como espaço da colonialidade. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília (DF), v. 32, p. 1-16, ago. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/Ng8Vg5ZrBzDMgnYVfMqdsDn/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 6 fev. 2026.

LEÃO, Jacqueline Oliveira. Migrações do eu. **Aletria – Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 177-189, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18508>. Acesso em: 18 nov. 2025.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

LERNER, Julio (org.). **O preconceito: as cidadanias mutiladas**. São Paulo: Editora Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêtricas. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/jxc4QhSqW7xtDBWRPwczkj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2024.

MATA, Inocência. A mais-valia epistemológica da categoria literatura-mundo comparada nos estudos literários e pós-coloniais. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 1, n. 26, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/248002>. Acesso em: 1 fev. 2026.

MATA, Inocência. Estudos literários africanos e literatura-mundo: reflexão sobre a epistemologia da crítica literária. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 43, n. 93, p. 43-60, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/Dtx7hJXcFjBzSrcnfdySYJp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 fev. 2026.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura**. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. África e imagens de África. **Sankofa – Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, n. 1, p. 107-116, jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/sankofa/it/article/view/88727/91624>. Acesso em: 18 maio 2025.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa**. Organizado por Alex Ratts. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. São Paulo: Maltese; Fundação Banco do Brasil, 2021.

PORFÍRIO, Gabi. Tradução do discurso da Chimamanda para a turma de 2015 da Universidade de Wellesley. **Blogueiras Negras**, [s. l.], 4 ago. 2015. Disponível em: <https://blogueirasnegras.org/traducao-do-discurso-da-chimamanda-para-a-turma-de-2015-da-universidade-de-wellesley/>. Acesso em: 10 out. 2025.

PORTO, Bernadette Maria. Habitar a diáspora: representações do imaginário da distância em textos literários contemporâneos. **Aletria – Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 119-129, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18503>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PORTO, Bernadette Maria; TORRES, Sonia. Literaturas migrantes. *In*: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). **Conceitos de literatura e cultura**. 2. ed. Juiz de Fora (MG): UFJF; Niterói (RJ): EDUFF, 2010. p. 225-260.

SAID, Edward Wadie. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos modos e significações**. Brasília (DF): ICT, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018.

SOUZA, Florentina da Silva. Escritas de mulheres negras: exercícios de escrivência e de re(exis) (sis)tência. **Revista Cerrados**, Brasília (DF), v. 30, n. 57, p. 41-50, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/38376>. Acesso em: 2 fev. 2026.